

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

HAMILTON HARLEY DE CARVALHO SILVA

Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo
deslocamentos e fronteiras

São Paulo
2009

HAMILTON HARLEY DE CARVALHO SILVA

Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo
deslocamentos e fronteiras

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Faculdade de Educação da Universidade de
São Paulo como requisito parcial para
obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Sociologia da Educação
Orientadora: Profa. Dra. Flávia Inês Schilling

São Paulo
2009

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37.047
C331s Carvalho-Silva, Hamilton Harley de
 Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo :
 deslocamentos e fronteiras / Hamilton Harley de Carvalho-Silva ;
 orientação Flávia Inês Schilling. São Paulo : s.n., 2009.
 162 p. il., fotos. mapas.

 Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em
 Educação. Área de Concentração : Sociologia da Educação) - - Faculdade
 de Educação da Universidade de São Paulo.

 1. Sociologia educacional 2. Homossexualidade 3. Jovens – Educação
 – São Paulo, SP 4. Sociabilidade 5. São Paulo, SP – Vida cotidiana I.
 Schilling, Flávia Inês, orient.

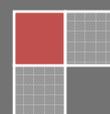
2009

Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo

deslocamentos e fronteiras

O texto esboça um panorama sobre alguns elementos que permeiam a questão da homossexualidade masculina de jovens urbanos, moradores da cidade de São Paulo. Tenta-se vislumbrar possíveis facilidades e dificuldades enfrentadas pelos sujeitos, percursos realizados, limites, estratégias, formas de inserção social e traços de sociabilidade construídos nos movimentos de circulação pela cidade.

Hamilton Harley de Carvalho Silva
2009



FOLHA DE APROVAÇÃO

Hamilton Harley de Carvalho Silva

Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo
deslocamentos e fronteiras

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Sociologia da Educação
Orientadora: Profa. Dra. Flávia Inês Schilling

Aprovado em: _____ de _____ de 2009

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

A todos que antes de me julgar respeitaram minha condição humana.

Agradecimentos

Este trabalho não é originário de uma atividade solitária e dolorosa. Ele expressa o prazer, a solidariedade e o companheirismo de muitos que durante o planejamento da caminhada e em todo o percurso estiveram presentes ajudando e dificultando. É de responsabilidade de muitos. É resultados de todos. E a todos que estiveram comigo perto e longe eu devo agradecer.

Durante as incertezas e imprecisões do projeto pude contar com o auxílio de Aline Abbonizio que com sua experiência e inteligência admirável esteve próxima, dando sugestões e incentivos fundamentais que foram regados a cerveja e descontração. Mariângela Graciano que com cuidado e docilidade ajudou na revisão do projeto. Sou grato a Marco Bueno que no início dos trabalhos foi um leal companheiro, oferecendo abrigo e despejando carinho e paciência. Agradeço à Ação Educativa que manteve suas portas abertas, colocando a disposição o capital cultural dos que lá trabalhavam e estiveram juntos torcendo pelo meu ingresso no Programa de Pós-Graduação.

Agradeço aos colegas de classe da disciplina ministrada por minha orientadora: *Projetos de pesquisa: leituras sobre o método e técnicas na Sociologia da Educação* (2006) que fizeram observações pertinentes e com certo exagero atribuíram originalidade e importância ao tema que propunha discutir. Aos professores da Faculdade de Educação que sempre estiveram dispostos a contribuir e incentivar nesta primeira jornada na Pós-Graduação.

Agradeço especialmente a Profa. Dra. Marília Sposito (FEUSP) que me orientou e confiou no meu trabalho durante os anos em que fui bolsista de iniciação científica, dando-me oportunidade para o aprendizado da importância e da seriedade necessária para o trabalho acadêmico.

Nos anos que compreenderam a atividade de mestrado muitos não foram necessários. Agradeço pela compreensão dos amigos frente minhas ausências nos eventos e rodas de conversa: Adriana, Luana Pommé, Carol Ferrarezi, Sylvie Klein, Nilson Alves (Plancton), Camila Azevedo, Deise (Chambinho), Teca Barbieri da Faculdade de Educação.

Agradeço aos que atrapalharam positivamente, resistindo aos não e me obrigando a sair de casa em busca de diversão e fôlego para dar continuidade ao trabalho: Carol Frutos e André Volpiani. Ainda aos que não tiveram sucesso ao tentar

me tirar de casa, mas que a invadiram com alegria num gesto de solidariedade: André Volpiani.

Agradeço às amigas e companheiras Fernanda Arantes e Marla Santos com quem compartilho as batalhas e que estiveram, e estão juntas comigo no cotidiano de facilidades e dificuldades. Outro agradecimento mais do especial a doce e terna Raquel Souza com quem compartilhei moradas, angústias e felicidades sempre de forma intensa. À Liliane Petris sempre disposta a dar cobertura nas ausências ao trabalho do dia a dia. Agradeço ao Gustavo Sousa com quem passei horas conversando sobre meu trabalho.

Agradeço a Mario Offenburger, meu companheiro de todos os dias, presença fundamental, pela extrema paciência, afeto, carinho e compreensão que esbanjou comigo todo este tempo.

Agradeço aos amigos que indicaram jovens para entrevista e aos que foram entrevistados, cedendo parte de seus sentimentos íntimos e permitindo que este trabalho fosse possível.

Sou imensamente agradecido à professora que aceitou a tarefa de me orientar, sabendo que esta não seria fácil dada minha rebeldia, indisciplina e resistência. Agradeço infinitamente a Profa. Dra. Flávia Schilling por todos os puxões de orelha, por todo o apoio e compreensão, por sua generosidade e carinho e por sua inteligência admirável e acessível.

Agradeço, sobretudo, a minha mãe, Helena de Carvalho, que desde sempre me incentivou (e às vezes obrigou) a estudar e que muito cedo me disse algo que jamais poderei esquecer: “meu filho, lembre-se que na vida nada é verdadeiramente nosso. Eles podem tomar nossas roupas, podem invadir nossa casa, podem tirar nossas vidas, mas jamais eles serão capazes de arrancar nossas experiências.”

E a experiência de concluir este trabalho é única.

Resumo

CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. **Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo: deslocamentos e fronteiras**. 2009. 162f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de mestre: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2009.

A pesquisa de mestrado na área de Sociologia da Educação teve como objetivo principal esboçar um panorama sobre elementos do cotidiano das relações sociais que permeiam a questão da homossexualidade masculina de jovens urbanos, moradores da cidade de São Paulo. Possíveis facilidades e dificuldades enfrentadas pelos sujeitos, percursos realizados, limites, estratégias, formas de inserção social e traços de sociabilidade construídos nos movimentos de circulação pela cidade de São Paulo foram investigados e contemplados. Conversas dirigidas, observação participante e “diários de bordo” produzidos pelos informantes compuseram os métodos de investigação empregados. Quatro entrevistas em profundidade, três diários de bordo e os trabalhos de observação permitiram a composição de análises e narrativas sobre o cotidiano de jovens homossexuais que enfrentam as fronteiras da sexualidade e as barreiras econômicas na constituição de relações sociais em meio urbano. A experiência urbana vivida por estes jovens colaborou para construção de modulações nas identidades (constituição de personalidades) dos sujeitos como estratégias de inserção nos grupos sociais a partir de mobilizações particulares.

Palavras-chave: Homossexualidade, juventude, sociabilidade, cidade, São Paulo

Abstract

CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. **Sociability of young homosexuals in the streets of Sao Paulo: displacements and borders.** 2009. 162p. Masters dissertation submitted to the Post Graduate Program in Education, Faculty of Education at the University of São Paulo as a pre-requisite for obtaining a master's degree: Faculty of Education at the University of São Paulo, 2009.

This Master research in the Sociology of Education aimed to draw a picture of the elements of social relationships that effect the everyday lives of urban, homosexual, male youth living in the city of São Paulo. Possible facilities and difficulties faced by the youth, traveled routes, limits, strategies, forms of social insertion and traces of sociability built by the boys movements around the city of São Paulo were investigated and addressed. Guided conversations, observation and "daily-boards" written by the informants composed the research methods for this research. Four in-depth interviews, three daily-boards and observation led to the composition of analysis and narratives about the everyday life of young homosexuals who have to face the borders of sexuality and economic barriers to build the social relations in the urban environmental. The urban experiences lived by these young people have contributed to the construction of modulations in their identities (constitution of personalities) as strategies of insertion in social groups begin with their own mobilization.

Keywords: Homosexuality, youth, sociability, city, São Paulo

Lista de ilustrações

FOTO 1: Diário de bordo	- 30 -
FOTO 2: Mapa da região central e localizadores	- 31 -
FOTO 3: Vista panorâmica de São Paulo.....	- 108 -
FOTO 4: Calçada da Avenida Vieira de Carvalho.....	- 110 -
FOTO 5: Calçada do Largo do Arouche	- 111 -
MAPA 1: Imediações da Praça da República.....	- 112 -
MAPA 2: Imediações das ruas Augusta e Frei Caneca.....	- 116 -
FOTO 6: Fachada de cinema na Avenida Paulista.....	- 117 -
FOTO 7: Cruzamento das Rua Peixoto Gomide e Frei Caneca	- 118 -
IMAGEM 1: Publicidade de boate do bairro dos Jardins.....	- 120 -
MAPA 3: Imediações do Bairro dos Jardins e Cerqueira César	- 121 -
FOTO 8: Cruzamento da Rua da Consolação com Alameda Itú.....	- 126 -

Sumário

Apresentação	- 15 -
Introdução	- 19 -
O lugar da fala produz ecos	- 19 -
Uma abordagem na sociologia da educação.....	- 20 -
Reflexões para chegar às hipóteses: um constante desafio	- 22 -
Primeiros passos	- 23 -
Uma proposta metodológica: romper formalismos?	- 27 -
Conversa dirigida	- 28 -
Diário de bordo: um olhar para a Cidade	- 29 -
Observação participante	- 30 -
Construção de mapas e utilização de outros recursos	- 31 -
Grupo de entrevistas	- 32 -
1. A homossexualidade que atravessa e recria fronteiras	- 35 -
1.1. Discursos sobre a homossexualidade	- 35 -
1.2. Contribuições das grandes cidades e dos estudos urbanos para a face pública da homossexualidade.....	- 41 -
1.3. Contribuições dos movimentos sociais urbanos para a face pública da homossexualidade.....	- 48 -
1.4. Constituição dos territórios para as faces públicas da homossexualidade	- 52 -
1.5. Constituição de barreiras econômicas nas interações entre homossexuais	- 54 -
2. A Cidade de fronteiras móveis	- 61 -
2.1. Várias cidades numa Cidade	- 61 -
2.2. A cidade da homossexualidade. A homossexualidade da cidade.....	- 68 -
2.2.1. Contextos e antecedentes.....	- 68 -
2.2.2. Aparições.....	- 70 -

2.2.3. O desafio das ruas.....	- 78 -
3. Os jovens nas fronteiras	- 81 -
3.1. Os jovens homossexuais em ruas de mão dupla.....	- 81 -
3.2. De volta para a origem? Nas fronteiras dos preconceitos. O quê fazer?.....	- 85 -
3.3. Fazer a egípcia para atravessar as fronteiras	- 91 -
4. Do outro lado da fronteira da sexualidade se avistam as fronteiras do consumo- 93 -	
5. Fotografias transitórias.....	- 103 -
5.1. Imagens e estratégias.....	- 105 -
5.2. Rascunho de mapas e itinerários: tentativa de descrição da cidade apropriada-	108 -
5.3. Jovens caminhantes: vencerão as fronteiras?	- 122 -
5.3.1. “G”: Adaptar-se às condições e ser discreto na travessia.....	- 122 -
5.3.2. “P”: O importante é o que se parece ser.....	- 131 -
5.3.3. “K”: Não precisa ser mulherzinha.....	- 140 -
5.3.4. “Z”: É preciso estar por cima da carne seca.....	- 144 -
5.4. Revelações: contrastes das fotografias transitórias	- 151 -
5.5. Negativos: novas fotografias ainda não reveladas.....	- 153 -
Considerações finais	- 155 -
Bibliografia.....	- 157 -

Apresentação

Caminhar pelas ruas da cidade de São Paulo, durante o dia ou à noite, é como caminhar por um infindável corredor cercado de vitrines. Um serão maiores que outras, estarão mais claramente expostas que algumas, mas cada qual preservará seu apelo dirigido aos indivíduos que por ela passam. Algumas chamarão a atenção por exporem mercadorias de interesse particular ou por apresentarem novidades diferentes de tudo o que já foi visto. Algumas, talvez, por serem discretas ou por não exibirem “nada de interessante”, nem venham a ser notadas ou ainda, o que poderá ser mais preocupante, se tornarão invisíveis para o apressado transeunte. O que acontece é que se elege em qual vitrine serão depositas as atenções, os sonhos e as frustrações. Entretanto, caberá sobre esta eleição uma questão: eleger a vitrine é fazer uma escolha pessoal ou obedecer às tendências programadas pelos vitrinistas que fazem constantes rearranjos dos produtos exibidos a fim de induzir novos percursos a partir de sonhos cuidadosamente programados? Durante a caminhada alguns elementos serão oferecidos no sentido de se compreender que ao passar duas vezes pela mesma vitrine – sobretudo aquelas que contam com os especialistas da sedução – raramente se encontrarão os mesmos produtos antes expostos. As mercadorias serão substituídas de forma ágil, evitando que se tornem obsoletas. Uma vitrine que pretende o progresso jamais poderá exibir o velho, pois terá que ter os olhos voltados para o futuro. Para Bauman:

O “progresso”, que já foi a mais extrema manifestação de otimismo radical, promessa de felicidade universalmente compartilhada e duradoura, deslocou-se para o pólo de previsão exatamente oposto, não-tópico e fatalista. Agora significa uma ameaça de mudança inflexível e inescapável que pressagia não a paz e o repouso, mas a crise e a tensão contínuas, impedindo qualquer momento de descanso; uma espécie de dança das cadeiras em que um segundo de desatenção resulta em prejuízo irreversível e exclusão inapelável. Em vez de grandes expectativas e doces sonhos, o “progresso” evoca uma insônia repleta de pesadelos de “ser deixado para trás”, perder o trem ou cair da janela de um veículo em rápida aceleração. (2007, p. 91)

Aos sujeitos que “dançam ao redor das cadeiras” e se tornaram *clientes visuais* dessas lojas de departamento – nas quais a sensação de falsa liberdade é promovida pela ausência de vendedores e pela possibilidade de provar os produtos sem compromisso – resta o sentimento de insatisfação diante da impossibilidade de comprar a mercadoria recém provada. Aos verdadeiros *clientes consumidores*, que com seus cartões de crédito arriscam comprar as mercadorias, resta o sentimento de incompletude ao perceberem que logo depois da compra o produto tornou-se obsoleto. De algum modo, a sensação de

consumir a cidade (ou a de fazer parte mesmo quando fora) é o que prevalecerá nos sentimentos da maioria da população, cobrando uma resposta, seja de pertencimento ou alheamento. Numa cidade pintada de “opções” não será fácil livrar-se da sensação de abandono e solidão. Até mesmo a solidão e impessoalidade viram seus opostos transformados em mercadorias. A atenção e o companheirismo se tornaram bens de consumo para aqueles que podem pagar. Os bancos, as lojas, os espaços de lazer, por exemplo, colocam em suas vitrines a possibilidade de um atendimento personalizado e individualizado sob a ode do slogan “*foi feito sob medida pra você*”. Assim, também os sentimentos em falta alimentam a possibilidade de novos produtos na prateleira das vitrines e os vitrinistas estão atentos a isso. O resultado esperado é o de que todos desejem consumir e com isso busquem pertencer a uma fatia da sociedade. Entretanto, nem todos poderão consumir e, portanto, escolher a fatia da qual pertencer; restará, então, viver das sobras na tentativa de atravessar as fronteiras sociais configuradas e desconfiguradas.

Pensar a cidade de São Paulo esboçada em corredores de passagens e observação, antes de reduzir a complexidade da dinâmica urbana aos equipamentos de consumo, é colocá-la de maneira reconhecível para a compreensão dos sentimentos pessoais de pertencimento e alheamento, de amor e ódio que nela se manifestam. Por trás da impressão da indiferença e do caos urbano existem mecanismos racionalizados que organizam e limitam a circulação de bens de consumo, informação, cultura e pessoas. A diversidade de seus produtos e moradores parece caminhar em direção de um conjunto harmonioso de idéias e valores, quando em verdade provocam tensões no interior das relações cotidianas. As informações parecem circular livremente e alcançar a todos os espaços da *urbe*, quando de fato atingem a poucos. Os bens culturais nela oferecidos tornam-se motivos de orgulho para a população que vive na cidade e que comumente é lembrada de constituir parte de um dos maiores centros urbanos do planeta, ou da capital cultural da América Latina, ou da capital gastronômica do mundo, ou ainda de tantos outros adjetivos e superlativos que se façam necessários para inflar o ego de seus moradores e propagar o espírito urbano a fim de que ele encarne a mente daqueles que da cidade não fazem parte. Entretanto, o convívio das diversidades, das trocas de informação, dos bens culturais, da individualidade é, nos interstícios do cotidiano, um convívio conflituoso. Do outro lado da celebração da diversidade existe a concorrência, a disputa pelo poder e pelo reconhecimento que têm como aliados a

possibilidade de uso da informação, o exercício da *movilidade espacial* e o consumo de bens culturais que não estão disponíveis para todos (somente para os que podem pagar).

Introdução

O lugar da fala produz ecos

Este texto tem como objetivo principal esboçar um panorama sobre alguns elementos que permeiam a questão da homossexualidade de jovens urbanos, moradores da cidade de São Paulo. Tenta vislumbrar possíveis facilidades e dificuldades enfrentadas pelos sujeitos, percursos realizados, limites, estratégias, formas de inserção social e traços de sociabilidade construídos nos movimentos de circulação pela cidade de São Paulo e na interação com grupos homossexuais. Para tanto foram realizadas entrevistas com os jovens, observação e descrição de espaços da cidade onde ocorre com maior expressão a cena homossexual, construção de mapas, análises sobre os discursos da homossexualidade e diários realizados pelos jovens entrevistados. Buscou-se realizar uma investigação a partir do cotidiano desses jovens, evitando formulações generalizantes e abstratas. Privilegiaram-se as interpretações que os próprios jovens estabeleceram sobre suas interações sociais, conflitos, barreiras e estratégias de superação das dificuldades encontradas em relação a sua sexualidade, aceitação, sociabilidade e interação em diferentes grupos. O trabalho aproxima-se muitas vezes a um ensaio de idéias ainda carregado de formulações pessoais, fruto de experiências vividas e de leituras realizadas ao longo dos anos de 2006 e 2008 no âmbito das discussões de disciplinas cursadas e orientações no programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação.

O olhar ainda encantado com as possibilidades de investigação nesse universo tenta focar atenção para um objeto ainda pouco definido, mas que começou a ganhar forma estudando/ analisando/ descobrindo as sociabilidades vivenciadas por jovens homossexuais na cidade de São Paulo, sobretudo nas regiões centrais, mobilizadas pela circulação que estes jovens fazem na cidade, marcando regiões possíveis, mostrando outra cidade: vivida e apropriada.

A tentativa de direcionar a lente para este campo de investigação é fruto da minha vivência como morador da capital paulista e da experiência de também ser um jovem homossexual que nela se inscreveu. Assim, este texto também se configura como um eco emitido de um lugar de observação e vivência dos conflitos que permeiam a

face pública da homossexualidade e das estratégias de sobrevivência e de resistência que são inventadas no cotidiano.

Pode ser que este lugar de onde falo torne meu texto um eco viciado. Mas é a partir deste lugar de morador, homossexual e pesquisador que inicio meu esboço para a construção de uma investigação no campo da Sociologia da Educação.

Uma abordagem na sociologia da educação

Realizar estudos sobre temas como a cidade, os jovens e a homossexualidade poderá abrir um vasto leque de possibilidades de abordagens em diferentes esferas do conhecimento, sejam elas no âmbito da antropologia, geografia, sociologia, psicologia e educação que vêm produzindo discussões profícuas sobre estes temas que ainda se configuram como emergentes na academia.

Neste trabalho busca-se inserir a interseção dos três temas no escopo de estudos e pesquisas da área de educação a partir de uma concepção ampla de educação que extrapola as fronteiras dos estudos sobre processos escolares e de aprendizagem mais formais. A educação compreendida como mecanismos que contribuem para a formação dos sujeitos e desenvolvimento de identidades individuais e coletivas dado pelo contato social em suas múltiplas faces colabora para que temas pouco discutido no âmbito da educação sejam observados sob outros prismas de análise.

Os processos educativos têm sua face formal nas instituições, na escola, mas não é possível negar que eles também se dão fora da sala de aula nos corredores, nas ruas, no bairro, no trabalho, nos bares, enfim, no enfrentamento do cotidiano. Em grande medida as interações sociais, os processos de socialização e as sociabilidades vividas no interior do dia a dia contribuem para a transmissão e compartilhamento de linguagens públicas que formam o caráter dos sujeitos, oferecendo elementos para que cada um possa realizar suas interpretações do mundo e experimentar mobilizações coletivas e individuais no exercício de uma autonomia regulada de maneira tácita com os ideais de sociedade em que cada um está inserido.

As questões referentes à homossexualidade, por exemplo, de modo geral não encontram espaço nas formas de socialização familiar, tampouco nas instituições mais tradicionais. Entretanto, constituem parte importante da sociedade e da formação dos

sujeitos, seja para os homossexuais que buscam, na maioria das vezes, de modo solitário entender e aceitar a homossexualidade, seja para os heterossexuais que pouco têm proximidade com esta forma de inserção no mundo. Encarar, neste momento, a homossexualidade e a heterossexualidade como um binômio em nossa sociedade serve apenas para simplificar o entendimento que estamos pouco preparados para discutir os assuntos da sexualidade com propriedade. Inserir a homossexualidade como um assunto a ser discutido no rol da linguagem pública poderá oferecer elementos para o exercício da tolerância e do respeito às diferenças no caminho da constituição de um equilíbrio social. Vale lembrar que não se pode negar a existência de uma educação sexual dada nas instituições sociais, mas ao mesmo tempo deve-se olhar para esta educação e perceber que ela vem reproduzindo formas sexistas de interação entre os sujeitos.

É possível perceber que uma educação que insere a homossexualidade como tema aparece colocado em movimentos sociais, grupos e espaços vinculados a posturas mais progressistas de interpretação da vida. Entretanto, nem todos que compulsoriamente têm que conviver com os dilemas das homossexualidades estão inseridos nestes espaços menos rígidos. Neste sentido, as sociabilidades de um cotidiano fluido que se dá no espaço público, sobretudo, nos interstícios das relações estabelecidas nas ruas da cidade como este espaço público de aprendizagem e de apropriação vêm contribuindo para que os sujeitos recolham elementos para formação de seu caráter no exercício da própria interação social. A vivência e a prática dos jovens homossexuais nas ruas têm contribuído para educá-los de maneira informal nos assuntos que permeiam a homossexualidade, oferecendo subsídios para a formação de suas identidades, personalidades, aprendizagem sobre as relações sociais e compreensão sobre os mecanismos que regulam a sociedade, contribuindo para a interpretação social, oferecendo ferramentas para a constituição de autonomia e influenciando nas escolhas pessoais e trajetórias de vida.

A carência de discussões sobre a homossexualidade, a cidade e, sobretudo, a interseção destes dois temas no âmbito da educação, demonstram algumas lacunas a serem preenchidas no universo de estudos da educação sobre formas de aprendizagem que rompem com as fronteiras institucionais. Assim, esta temática se torna importante na sociologia da educação, pois abre um prisma de análise para a formação dos sujeitos (e cidadãos) constituída nas rodas de sociabilidade.

Reflexões para chegar às hipóteses: um constante desafio

Definir hipóteses e construir um problema de pesquisa não foi tarefa fácil. Reconheço que falta um longo caminho a ser percorrido para afinar idéias e, quem sabe, com alguma maturidade científica, dar um tom de originalidade a este tema.

A partir de minhas experiências pessoais e observação das dinâmicas sociais, reconhecendo problemas de ordem econômica, sexista e política que afetam os jovens homossexuais, iniciei um exercício de formulação de hipóteses para os fenômenos de circulação e apropriação de “territórios gays” na cidade de São Paulo como forma de contribuir para modulações nas personalidades dos sujeitos e provocar mobilizações particulares ou coletivas de apropriação dos espaços urbanos. Nesse sentido, partindo do pressuposto de que jovens homossexuais enfrentam diferentes conflitos provocados por intolerâncias frente a sua sexualidade, sobretudo nas periferias/ subúrbios da cidade, e que por sua identidade buscam novas relações de sociabilidade, esbocei o seguinte quadro na tentativa de formulação de hipóteses:

Pela condição de homossexual e desejo de “novas relações sociais”, impulsionado pela intolerância à homossexualidade vivida no bairro, o jovem gay é mobilizado (ou se mobiliza) para buscar espaços de “sociabilidade gay na cidade”. Estes espaços, por sua vez, estariam concentrados no eixo “República - Jardins” da cidade de São Paulo e emergiriam na paisagem urbana no período noturno, dado verificado por outros pesquisadores.

Para freqüentar tais espaços desse eixo, os jovens gays moradores das periferias, teriam que se deslocar (ou circular) pela/na Cidade. Entretanto, ao chegarem nesses “espaços de sociabilidade gay” (concentrados em certas regiões da cidade), perceberiam e vivenciariam tensões e conflitos de ordem econômica que poderiam produzir ou reforçar diferenças sociais, a partir da exaltação de modos de consumo de “alto padrão”. Nesse sentido, tais jovens, ao invés de encontrarem solidariedade, se deparariam com novas barreiras de exclusão, agora não por sua sexualidade, mas por sua condição econômica.

As experiências vividas por estes jovens nesta dinâmica contribuiriam para uma interpretação da cidade, e por que não da sociedade, na criação de uma cartografia de possibilidades e estratégias que configurariam modulações nas personalidades desses sujeitos e alimentam sonhos de ascensão e mobilidade.

Por outro lado, a circulação que permitiu o contato, a tensão e o conflito entre os diferentes modos de vida, não resultaria numa ação coletiva de mudança do/no bairro de origem, assim como a opressão econômica vivenciada nos “espaços gays” não resultaria numa ação coletiva de mudança e incorporação de novos membros.

Desse modo, o jovem homossexual poderia ser obrigado a mediar os conflitos vividos no grupo de origem e nos espaços de sociabilidade de forma individual, muitas vezes, realizando mobilizações particulares. Essas mobilizações se desenhariam nos modos de circulação pela cidade e estratégias de inserção nos diferentes grupos empreendidas por esses jovens.

Primeiros passos

A escolha desse universo de investigação é também fruto de minhas experiências e das problematizações vividas durante o período de formação como bolsista de iniciação científica. Durante os trabalhos de pesquisa estive envolvido com a temática da juventude, sobretudo no tocante às políticas e ações públicas municipais de juventude que ultrapassam a oferta escolar, o que possibilitou a percepção acerca das limitações e emergência do tema ao qual agora me dedico, o dos jovens homossexuais urbanos, objeto de pouca reflexão dentro do quadro das problemáticas acadêmicas da pesquisa em educação. Se a temática da juventude é emergente e ainda não goza de grande tradição de pesquisa no campo da educação que tem dado ênfase ao jovem em sua condição de estudante, centralizando a condição juvenil à escola (SPOSITO, 1997, 2002), ainda é minoritária a pesquisa que focaliza o jovem em outra condição que não a de “aluno” e menos ainda, aquelas que tratam da vivência da sexualidade e experiência urbana. Assim, com este trabalho, coloca-se em discussão na área de Sociologia da Educação a questão da homossexualidade em suas diferentes relações que estão para além do campo das discussões de gênero e educação que vem tratando o tema com grande cuidado.

Por meio das atividades de pesquisa, estive envolvido no projeto temático “Juventude, escolarização e poder local” que, em seus resultados, apontou para 786 ações destinadas ao público jovem em âmbito nacional. Desse volume, apenas um programa, executado na cidade de São Paulo em parceria com a Secretaria de Educação,

apresentava a questão da “diversidade sexual” entre os jovens como foco de atuação: Mix Jovem¹. Do ano de implementação deste projeto (2003) em São Paulo até 2008 pouco foram os avanços na área de programas e ações governamentais que abordaram o tema da homossexualidade para além do binômio Homossexualidade X DST/AIDS.

Este resultado aponta para a escassez de ações públicas voltadas ao atendimento de jovens homossexuais. Ao mesmo tempo pode sinalizar um interesse ainda tímido do poder público em debater a questão da diversidade sexual, sobretudo através da educação, na busca de identificar, reconhecer ou compreender as formas de sociabilidade desse segmento. Vale lembrar que a cidade de São Paulo é palco de uma das maiores manifestações da cena homossexual: a Parada do Orgulho GLBT². Este evento de caráter político, segundo sua própria definição, por suas especificidades, já despertou interesse de investigação em outras áreas acadêmicas como na Antropologia³ que vem desenvolvendo estudos sobre essa forma de manifestação. Na falta de dados censitários sobre a população homossexual no Brasil ou mesmo na cidade de São Paulo, a “Parada *gay*” revela uma importância numérica e de atuação dos grupos minoritários uma vez que em sua última edição concentrou uma participação de cerca de 3,4 milhões de compartes⁴.

O campo de investigação desta temática forçou o esboço de alguns critérios quanto à definição do objeto, sobretudo por realizar um recorte orientado para as sociabilidades de jovens homossexuais pobres na cidade. A complexidade em definir a homossexualidade, que tem sido preocupação de muitas áreas, colocou-me frente à definição dos seguintes critérios para análise.

¹ O programa Mix Jovem foi feito em parceria com a Secretaria de Educação do Município e com a Associação Cultural Mix Brasil. Iniciado em agosto de 2003, consistiu na implementação de espaços de discussão acerca da diversidade sexual em escolas públicas municipais. O projeto visou promover entre os jovens o respeito à diversidade sexual e a possibilidade de diálogo sobre as muitas questões que acompanham a vida dos jovens não heterossexuais. As sessões do Mix basearam-se em exibição de curtas metragens, na entrega de cartilha específica sobre o tema abordado nas sessões. Com as mudanças na gestão municipal o programa não teve continuidade

² Parada do Orgulho GLBT, organizada pela Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, ocorre a doze anos na Avenida Paulista e se transformou na maior manifestação pelos direitos homossexuais do mundo (www.paradasp.gov.br)

³ Projeto "Política, Direitos, Violência e Homossexualidade" realizado em diferentes capitais, em São Paulo é coordenado pelo Prof. Dr. Julio Simões, do Departamento de Antropologia da FFLCH – USP.

⁴ Dados da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo divulgados no site da associação e jornais impressos e eletrônicos de 26/05/2008.

Primeiramente, tento focar nas formas de homossexualidade masculina, excluindo a feminina. Esse critério poderia ser justificado por várias razões, entretanto assumir as diferentes formas de homossexualidades complicaria demais os percursos deste trabalho. Outro critério importante para olhar os sujeitos foi a tentativa de evitar o uso de qualquer estereótipo como comportamento efeminado, formas de vestir, uso de gestos específicos ou qualquer outra imagem que os grupos majoritários usam na classificação do segmento homossexual como critério de escolha dos entrevistados. Da mesma forma, as questões relacionadas aos tipos de práticas sexuais dos sujeitos não são investigadas e tampouco foro de discussão.

Nesse sentido, meu olhar está focado para o movimento de indivíduos jovens do sexo masculino que se declaram homossexuais e que circulam, por dentro ou por fora, pelas rodas de sociabilidade homossexual que se constituem nas imediações do eixo “Jardins – Praça da República” e que com isso vivem modulações em suas formas de se inscrever no mundo.

O ingresso no programa de pós-graduação se deu ainda de forma prematura, ou precipitada, primeiramente, pois não tinha uma questão objetiva quanto ao meu problema de pesquisa. Estava mergulhado apenas num universo de investigação no qual buscava encontrar e formular indagações mais precisas. Durante muito tempo, no início do mestrado, estive em contato com uma literatura que ainda não se reportava com propriedade às minhas questões, mas que seria muito importante para algumas discussões aqui abordadas de modo superficial, sobretudo sobre gênero e identidade que não compõem eixos centrais deste trabalho. Esta literatura me ajudou bastante, entretanto, ao longo do tempo, fui percebendo que estou mais conectado com uma discussão sobre as questões referentes à cidade e aos modos de circulação e sociabilidade nela possíveis ou impossíveis.

O olhar para cidade se dá pelas próprias interpretações que dela faço e meus trajetos nela ilustrados. Pela proximidade com jovens homossexuais, ouvi e participei de muitas conversas sobre os conflitos vividos na cidade interconectados pela experiência da sexualidade. Muitos de meus amigos, a maioria oriunda das periferias/subúrbios da Capital paulista, carregam sentimentos fortes sobre a cidade e reforçam preconceitos com os mais jovens e com aqueles que ainda vivem nas periferias. É comum ouvir depoimentos de negação das origens, angústias de se ter que visitar os familiares que ainda vivem na periferia e no desconforto em ter que camuflar sua sexualidade para não

causar nenhum tipo de constrangimento, tanto nos trajetos quanto no próprio bairro. Comecei a ver nesse contexto um campo promissor para análises, fui percebendo que as formas de circular pela cidade podem ser peculiares para esta parcela da população e que muitas estratégias são traçadas nesses caminhos.

À medida que a cidade virava meu palco, comecei a ter maior contato com a bibliografia correspondente. Esta bibliografia, que hoje tento incorporar e com a qual ainda encontro dificuldades, tanto no campo dos textos já elaborados como em sua adaptação para meus trabalhos – muitas vezes por estar calcada na discussão das instituições – vem me colocando frente ao desafio de estudar algo que está em constante mudança e movimento: o trânsito desses jovens pela cidade como chave fundamental para a formação do sujeito social. Com a *obrigatoriedade* de circulação pela cidade em busca de novas relações sociais, os jovens homossexuais ganham um novo status de morador, articulam negociações com outras pessoas, conhecem novos espaços culturais e de lazer e transformam os seus sonhos, desejando outros modos de vida.

Em uma conversa informal com o Professor José de Souza Martins, que nem imaginava qual era o trabalho que eu vinha desenvolvendo, pude recolher um dado que se mostrou fundamental para mim. Ele dizia que um lugar profícuo de estudo é a fronteira e os sujeitos que estão em alguma fronteira na sociedade. Nesse sentido, comecei a ver os jovens homossexuais como aqueles que vivem nas fronteiras, sejam elas geracionais – pela condição da juventude -, ou no âmbito da sexualidade – entre o que é moralmente aceito ou condenado -, ou, ainda, nas fronteiras dos espaços da cidade – com seus controles de acesso -, ou as fronteiras econômicas. A tentativa de romper/ atravessar a fronteira e entrar num mundo de realização das promessas expressas em aceitação, ascensão social, riqueza, segurança e expectativas estão presentes na fala desses jovens como os que se arriscam na travessia do Rio Grande para entrarem nos EUA em busca da realização de algum sonho.

De alguma maneira, descobri tudo isso tardiamente e me vi afogado pelos prazos e burocracias também presentes nos programas de pós-graduação. Entretanto, meu desejo com o mestrado está mais conectado na busca por uma autonomia intelectual do que receber um título – não que isto não seja importante. Evito entrar numa espécie de burocratização do meu pensamento ou fazer dele um campo de produção aos moldes pós-modernos. Quero chegar ao final do meu mestrado com a tranquilidade de saber que

realizei uma tarefa responsável tornando-me um pensador e ou pesquisador que ainda busca inovação e experimentação.

Ouvi de alguns que a diminuição dos prazos se dava pelas facilidades hoje disponíveis. Antes, o acesso às informações era mais difícil e hoje, com auxílio da internet que favorece o acesso aos documentos e a diferentes conhecimentos, haveria uma agilidade maior para produção. Para mim essa facilidade é um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que tenho diferentes possibilidades facilitadas me vejo mergulhado em um volume de informações que me oferta a angústia de como fazer uma boa seleção dessas informações sem me afogar nesse mar e sim navegar de forma precisa por ele. Será que estamos preparados para selecionar com critérios sólidos essas informações? A cada dia percebo o quanto me falta saber. Por outro lado, discordo da idéia de que há uma solidão no exercício do mestrado, pois estamos em constante contato com companheiros, professores e autores que ajudam e desestruturam a rigidez do trabalho. Outro desafio é organizar o pensamento dentro desse cenário e não perder-se nos diferentes caminhos. Mas esta é a tarefa a ser realizada

Tenho alguma autoridade, a partir de um punhado de entrevistas, de categorizar, esboçar ou prever algum tipo de regularidade? Como é transpor para o papel com uma tipologia outros elementos importantes do campo de pesquisa: os cheiros, as cores, reações e sentimentos que são reveladores da problemática e que parecem desaparecer na escrita? Esses elementos me são muito caros e com eles também dialogo a fim de buscar alguma interpretação.

Este trabalho este e está comigo em todas e por todas as partes. Não consigo ser alheio a nada e por ser morador dessa cidade e para ela olhar, mesmo quando estou na busca de lazer próprio, reavivo minhas questões e passo a ser um observador. Lanço um olhar ácido, mas também carregado de esperanças.

Portanto, é desse lugar que falo e ouço o eco da minha voz.

Uma proposta metodológica: romper formalismos?

Mais do que realizar entrevistas, optamos por roteiros mais flexíveis e conversas mais descontraídas onde anotava as informações relevantes ao estudo. Para recolher

outras informações que desaparecem na presença do pesquisador propusemos aos jovens a escrita de diários.

Assim,

- Realizar uma sondagem com um possível “entrevistado”, recolhendo informações a fim de construir roteiros que permitissem atingir mais objetivos;
- Solicitar para o “entrevistado” a produção de um “diário de bordo” sobre os percursos, os itinerários e as percepções sobre a Cidade e interações sociais.
- Realizar observações participantes acerca dos itinerários traçados por estes jovens.
- Construir mapas dos locais de maior frequência de homossexuais e observar os recursos midiáticos e de comunicação difundidos para o público homossexual.

Conversa dirigida

As conversas com os cinco jovens foram fluídas como num bate papo sem as características de perguntas e respostas de um questionário comum. À medida que os assuntos surgiam questões de esclarecimento eram colocadas na conversa e novas histórias estimuladas. Entretanto, vale lembrar que pontos considerados importantes foram pré-estabelecidos e estimulados durante a conversa. Seriam os tópicos orientadores:

1. Condições para entrevista:

- se autodeclarar homossexual;
- ser morador da Grande São Paulo;
- freqüentar espaços de sociabilidade gay nas regiões centrais da capital;
- ter interesse em participar da pesquisa

2. Perfil sócio-econômico:

- aspectos do local de moradia;
- padrões de consumo;
- escolaridade;

- trabalho e renda

3. *Descoberta da homossexualidade:*

- experiências homossexuais;
- conflitos;
- informações sobre sexualidade;

4. *Relações entre a homossexualidade e os espaços de origem*

- a temática da homossexualidade em casa;
- a temática da homossexualidade no bairro;
- a temática da homossexualidade na escola;
- lazer e sociabilidades no bairro;
- conflitos

5. *Itinerários de lazer e sociabilidades gays na Cidade:*

- frequência a espaços de sociabilidade gay;
- percursos percorridos na Cidade;
- escolha e percepção dos espaços;
- atitude e conflitos;
- a Cidade como campo de possibilidades

6. *Consumo:*

- padrões de consumo de lazer, estilos e estética;
- possibilidades de acesso

7. *Anseios, angústias e desejos:*

- alimentados ou despertados com a circulação pela cidade

Diário de bordo: um olhar para a Cidade

Foi proposta para os entrevistados a construção de um “diário de bordo” que contivesse um “mapa” da Cidade e dos itinerários realizados por eles. Para tanto, após aceitar a tarefa, os jovens receberam um caderno de anotações e foram orientados para, além de usá-lo como um espaço livre de expressão, anotar suas apreciações sobre a cidade destacando os lugares de que gosta e não gosta, sensações vividas em espaços diferentes, descrição dos locais de lazer e sociabilidade, descrição das pessoas, dos costumes, das ruas, enfim, fazer relato de experiências durante um mês

aproximadamente. Foram produzidos quatro diários que apresentam pontos de convergência sobre as percepções acerca da cidade, mesmo compondo modos bem distintos de escrita. A idéia dos diários surgiu a partir da leitura do texto *Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade* de Anne MacClintok (2003) que utilizou os diários produzidos por Hannah Cullwick como fonte primeira de análise. Vale lembrar que os jovens ficaram empolgados com esta proposta e que os diários revelaram elementos importantes do cotidiano de cada um.

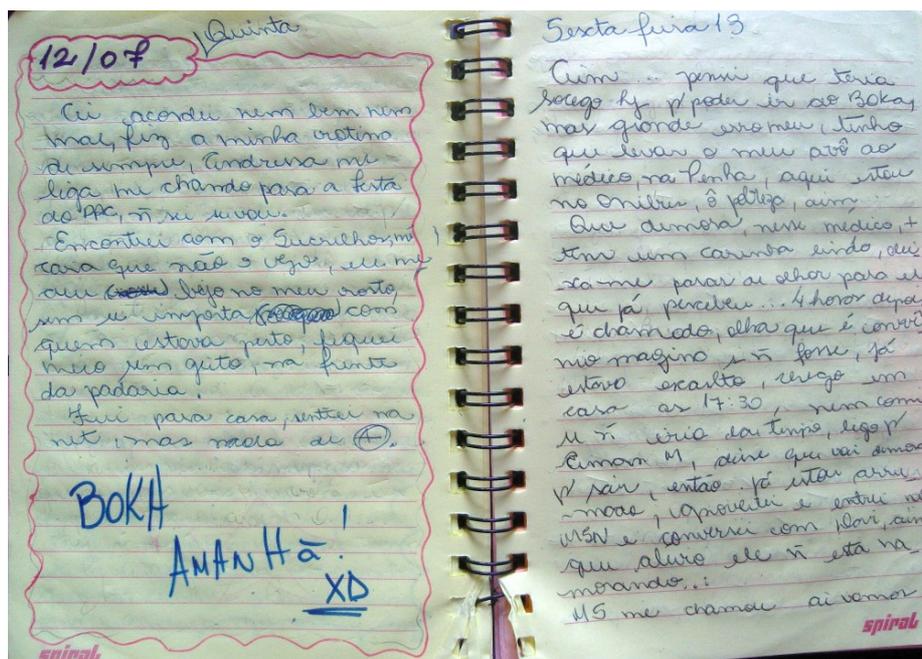


FOTO 1: Diário de bordo

Foto de páginas de um dos diários produzidos pelos jovens entrevistados

Observação participante

Procuramos percorrer os itinerários realizados por jovens homossexuais nos territórios de sociabilidade gay, observando os comportamentos adotados, as dinâmicas das relações sociais e a organização dos espaços. Nessa etapa, caminhamos juntamente com os grupos de jovens, utilizamos o transporte público, conversamos informalmente nos bares e ruas onde a presença de homossexuais se destacava na paisagem urbana. Esta atividade permitiu que reafirmassem o mapa dos circuitos homossexuais na cidade, bem como confirmasse informações que foram recolhidas nos diários de bordo e nas conversas com o grupo entrevistado.

Construção de mapas e utilização de outros recursos

A construção dos mapas seguiu algumas etapas preliminares. Primeiramente, a partir de busca na internet foi levantado o número e localização de estabelecimentos destinados ao público gay. Estes foram classificados em: bares, restaurantes, boates, cinemas, clubes de sexo e espaços culturais. Num segundo momento com o auxílio de uma carta geográfica da cidade e marcadores coloridos foram relacionados e localizados cada um dos estabelecimentos no mapa, resultando em pequenas manchas de concentração desses espaços que concordavam com os relatos dos jovens sobre a localização desses espaços. A maior concentração de estabelecimentos destinados ao público gay encontrava-se distribuídos na região central num perímetro que seguia da Praça da República e imediações até a região da Avenida Paulista, tendo como principais vias de ligação as ruas Augusta e Frei Caneca. Também foi possível identificar estabelecimentos localizados em regiões distantes do Centro, sobretudo casas noturnas que funcionavam em antigos galpões abandonados do Bairro da Barra Funda.

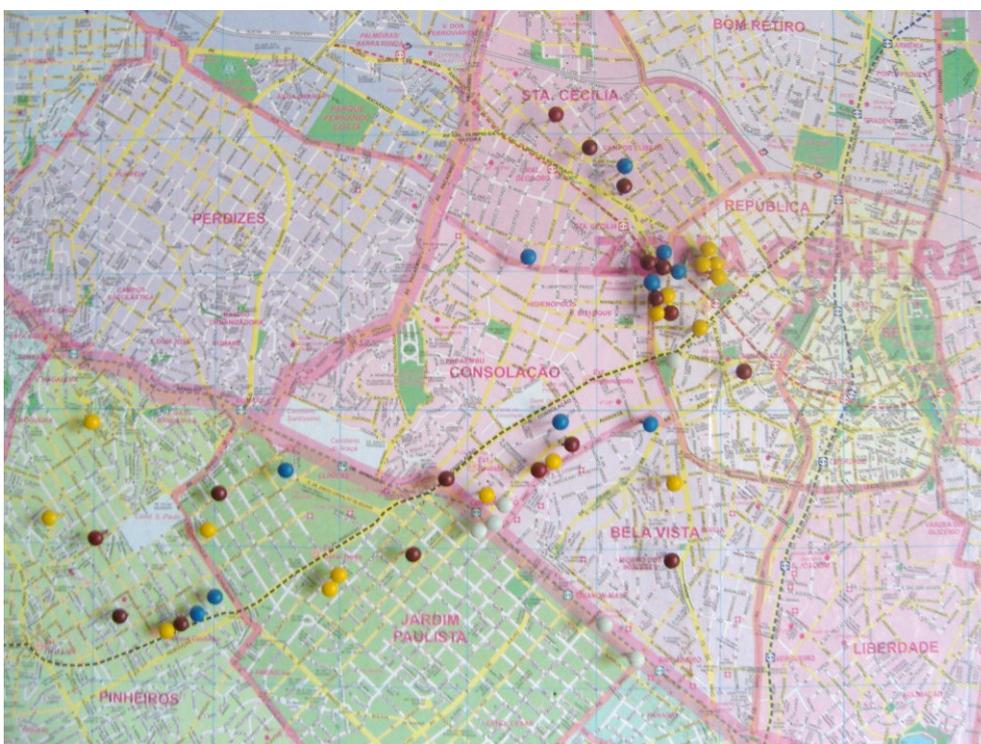


FOTO 2: Mapa da região central e localizadores

Foto de parte do mapa construído para localizar as áreas de maior concentração de estabelecimentos e serviços destinados ao público homossexual

O mapa construído oferecia uma visão geral dos espaços de sociabilidade gay da cidade, entretanto, não oferecia elementos mais detalhados desses espaços. As atividades de observação permitiram a construção de outros mapas com a identificação cartográfica dos espaços de concentração de estabelecimentos destinados ao público gay e principais ruas de circulação desses jovens. Foram então incorporados ao texto mapas construídos com o auxílio de busca da internet (Google Maps) que receberam tratamento com recursos simples de computação de modo a delimitar as regiões que foram tratadas na descrição.

Para auxiliar na imaginação de como os espaços são apropriados foram inseridas fotografias dos jovens na rua com o auxílio de um aparelho celular. O uso do celular como recurso fotográfico se deu por conta das facilidades e discrição do equipamento, uma vez que uma máquina fotográfica poderia causar estranhamentos, e pela concordância com os hábitos dos jovens que durante seus passeios à noite fazem fotografias com o auxílio de seus celulares.

Grupo de entrevistas

Para a realização deste trabalho optou-se pela constituição de um pequeno grupo de jovens a serem entrevistados de modo a estabelecer maior confiança e proximidade com o cotidiano de cada um. As entrevistas em forma de conversa informal ocorreram entre os anos de 2007 e 2008 em duas etapas (exceto com o jovem apelidado de K) de modo a permitir que questões e assuntos fossem confirmados e que a observação dos circuitos de circulação desses jovens fosse possível. Além das conversas, os diários construídos por três dos jovens permitiu um maior distanciamento do pesquisador e a verificação de temas e assuntos que fugiram à conversa de modo que fosse admissível a composição das narrativas sobre cada um deles.

A escolha dos entrevistados deveria respeitar os seguintes critérios:

- Aceitar conceder a entrevista e ser acompanhado por um momento durante a experiência de lazer;
- Ter vivenciado dilemas e tensões acerca da orientação sexual;
- Ter experimentado algum tipo de preconceito por sua condição sexual e econômica;

- Não ter participado de militância em grupos homossexuais;
- Frequentar espaços de sociabilidade homossexual em regiões centrais da cidade;
- Morar em bairros distantes do centro;
- Não ser emancipado economicamente.

Assim, o grupo constituído foi formado por jovens homossexuais em idades entre 18 e 21 anos, que sofreram vitimizações por conta de sua orientação sexual, sobretudo no bairro, e por conta de sua condição econômica. São moradores de bairros distantes do centro de São Paulo e circulam pela cidade em busca de espaços de lazer e sociabilidade homossexual no centro da capital. A constituição deste perfil de grupo se deu pelo interesse em realizar incursões que se aproximassem dos quadros mais gerais dos jovens homossexuais pobres da cidade, respeitando a maior concentração da diversidade desses jovens nos locais onde o aparecimento da cena homossexual ocorre com contornos mais fortes.

Para preservar os jovens optou-se por ocultar ao longo do texto qualquer informação que pudesse por analogia ser vinculada às suas identidades, bem como nome de amigos e familiares, instituição a que pertencem ou pertenceram, apelidos, características físicas e o nome próprio. Foi atribuída uma letra que se refere a cada um dos jovens: G, P, K e Z.

G, 18 anos, estudante, morador do Itaim Paulista. Foi inicialmente o jovem mais reservado durante as entrevistas. Por outro lado o que mais escreveu no diário, revelando as tensões vividas no cotidiano das relações familiares e na tentativa de inserção nos grupos de homossexuais emancipados.

P, 21 anos, desempregado, na ocasião da entrevista estudante pré-vestibular (2008), hoje universitário (2009) de uma instituição pública, morador da Vila dos Remédios. Um jovem bem articulado e espontâneo na fala e conciso na escrita do diário. Teceu críticas mais ácidas sobre a importância da aparência e do consumo dentre os grupos homossexuais.

K, 21 anos, desempregado, ensino médio completo em curso supletivo, morador do Rio Pequeno. Um jovem que sofreu violência mais dura por conta de sua sexualidade e condição econômica. Negou-se escrever o diário e conceder outra entrevista, foi

provocativo em suas respostas e revelou dados das duras condições de ser homossexual morador de uma favela.

Z, 21 anos, trabalha em telemarketing, estudante universitário em instituição particular da zona norte, hoje morador de Guarulhos. Um jovem que fez diversas piadas e críticas sobre o cotidiano de jovens homossexuais que buscam um espaço nas redes de sociabilidade gay da cidade.

1. A homossexualidade que atravessa e recria fronteiras

Um dos efeitos mais espetaculares da liberalização sexual das últimas décadas é o fato de a homossexualidade ter abandonado a sombra do domínio do não-dito. Michael Pollak, 1983.

1.1. Discursos sobre a homossexualidade

Aquilo que a prática ou imaginário resolveu chamar de homossexualidade tem seu lugar nas cores e nos contornos da história das civilizações. Não há nenhuma novidade a respeito da existência e da prática de relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Se houver alguma, ela aparecerá nos assuntos das relações sociais mais gerais que envolveriam “essa tal homossexualidade” ora tolerada e celebrada, ora punida e rechaçada em conformidade com sua inserção nas sociedades e nos tempos em constante variação. A homossexualidade realizou deslocamentos no tempo e no espaço, rompendo e criando fronteiras⁵ em diferentes esferas da vida, permitindo mudanças interpretativas e reconfigurações nas interações sociais frente este tipo de sexualidade.

A homossexualidade ou as práticas classificadas como *homoeróticas* atravessaram os patamares do tempo em algum lugar entre a evidência e a clandestinidade, entre o direito e o crime, entre a cidadania e a subversão. Foi peste,

⁵ A idéia de fronteira é utilizada em analogia as fronteiras políticas territoriais que delimitam a área dos países bem como as regras de condutas, leis e costumes comuns a um povo num território geográfico. A travessia de fronteiras entre países exige que o estrangeiro passe pelos procedimentos de imigração que determinam a livre passagem e visto de permanência para cada indivíduo. Nas fronteiras entre países, acordos diplomáticos determinam o grau de exigência e os obstáculos que poderão ser colocados à frente de cada um que pretenda visitar outro país. Assim, é provável que um indivíduo oriundo de um país tido como subdesenvolvido possa encontrar maiores dificuldades de entrada em um país tido como desenvolvido dado sua nacionalidade de origem como no caso dos Estados Unidos da América que prevê obstáculos burocráticos para concessão de vistos a cidadãos latinoamericanos. Por outro lado a concessão de vistos de entrada para o mesmo país não corresponde às mesmas regras quando o estrangeiro é oriundo do Japão ou Israel. De algum modo o controle de entrada e saída dos países por suas fronteiras respeitam, para além das regras diplomáticas, um punhado de classificações e interpretações atribuídas aos sujeitos como formas de criar hierarquias de valoração entre os povos. As fronteiras da homossexualidade, em diferentes esferas, seguiram, de algum modo, sistemas valorativos para hierarquizar os sujeitos e grupos delimitando os tipos de acesso que cada teria aos bens e direitos sociais. A homossexualidade, na figura de seus membros, também cogitou com a criação de fronteiras controladas por sistemas de valoração que facilitavam ou impediam que diferentes grupos de homossexuais gozassem dos mesmos direitos ou que mantivessem contato social entre si. Para ler sobre os significados de fronteiras na modernidade ver HISSA (2006).

pecado, abominação, rebeldia, liberdade, direito, moda e arte. Hoje poderá ser considerada tudo isso e aquilo ao mesmo tempo e muitas vezes o é, a depender do olhar que lhe será lançado. Protagonista no teatro do mundo ou coadjuvante nos bastidores do grande espetáculo, a homossexualidade atravessou com visto de entrada garantido ou como uma indesejável imigrante ilegal a instável fronteira do tempo e dos costumes. De maneira ou outra está no foco de olhos curiosos ou repressores desta sociedade que busca encontrar caminhos para sua compreensão, aceitação, regulação e encaixe. Seria possível, sem dúvida, escrever a história da homossexualidade⁶ com seus impasses, regras, poderes, jogos e hierarquias. Entretanto, a tarefa de escrevê-la está delegada aos pesquisadores que caçam pistas no interior do desenvolvimento das relações humanas inscritas nos séculos da dominação dos homens sobre a natureza. Deste lado caberá apenas um panorama geral, com saltos e lacunas, sobre essa história que em alguma medida pretenderá situá-la em suas faces públicas evidenciadas nas grandes cidades, ou buscará colocá-la no cerne das tensões experimentadas na construção das sociedades modernas ocidentais.

Nas sociedades gregas do século V a.C (Esparta e Atenas) a pederastia constituía-se como um componente importante da educação e da formação do caráter dos cidadãos da *polis*, sobretudo, dos soldados nos cultuados exércitos. Naquele contexto, as práticas homossexuais poderiam ser incentivadas e não causariam estranhamentos sociais, pois compunham parte das concepções do espírito do homem adorador do belo, ou seja, outro homem. Ela, inserida e manifestada segundo as regras daquela sociedade, era controlada e desempenhava um papel social determinado. A observação da mitologia grega permite recolher exemplos de amores lastreados por inteligência, beleza e força que aproximavam pessoas do mesmo sexo em relações assinaladas por intensas afeições: Zeus, deus supremo na mitologia, atraído pela exuberante beleza do jovem pastor Ganimedes, apaixonou-se e ordenou o rapto do mortal que foi levado para viver no Olimpo. A pederastia dificilmente depreciaria a imagem do homem perante a sociedade, ao contrário, o incentivo ao amor entre os soldados fortaleceria o exército uma vez que um amante, além de lutar, jamais abandonaria outro amante no campo de batalha.

⁶ Sobre alguns impasses da história da homossexualidade ver ARIÈS, 1983

Com o advento do Cristianismo as práticas sexuais entre pessoas de mesmo sexo ganharam lugar de pecado mortal. Na Idade Média em sua fatia de consonância com a doutrina religiosa, sobretudo católica, as práticas homossexuais – sodomia – representavam uma abominação, uma negação da natureza divina do casamento e da reprodução, uma espécie de crime suscetível de pena. No terceiro livro do velho testamento da Bíblia Sagrada dos Cristãos que fala dos estatutos e juízos para a vida na terra, dos bons e maus caminhos, dos crimes e das penas o Senhor adverte: Quando também um homem se deitar com outro homem como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão (Levítico, 20:13).

Aos suspeitos do exercício de tal prática sexual (deitar com outro homem) restava a morte, sendo caçados e queimados para eliminação dos demônios que pairavam pela terra. Em outras passagens bíblicas do novo testamento, reconhecido pelas religiões cristãs como doutrina a ser seguida pelo “povo de Deus”, são descritas as penas e castigos para aqueles que desrespeitaram a ordem divina com a prática de abominações. O exemplo da “maldição” que caiu sobre a Roma Antiga reforça que as práticas homossexuais são passíveis de castigos e morte:

Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça. Pelo que também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para seus corpos entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Pelo que Deus os abandonou às paixões infames; porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário a natureza. E semelhante, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que vinha ao seu erro. E como eles não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convém. Estando cheios de toda iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, destratores; aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobediente aos pais e as mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia. Os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazendo o justo salário de seu desregramento (Epístola aos Romanos 1:18; 1:26-32).

O sexo e as práticas sexuais sempre se configuraram como assuntos importantes nos discursos do controle e da disciplina produzidos pelas instituições tradicionais. A Igreja, a Escola e a Medicina desde o século XVI buscaram formas de enunciar a sexualidade dentro dos padrões da normalidade/ desvio, virtude/ vício, benignidade/ pecado como forma de controle dos indivíduos e da população nessa esfera da vida.

Com maior vigor no século XIX a sexualidade configurou o quadro das experiências médicas e disciplinares de controle dos desejos e da reprodução. A prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, um desvio diagnosticável e passível de cura, foi considerada uma patologia, um “distúrbio psicosssexual”, que além de moralmente condenado, exigiria a aplicação de *métodos de controle e assepsia* a fim de afastar os seus praticantes do convívio com o restante da sociedade tida como normal.

Foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la [*a homossexualidade*] como objeto de análise médica: ponte de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e controles novos. É o início tanto do internamento dos homossexuais nos asilos quanto da determinação de curá-los. Antes eles eram percebidos como libertinos e às vezes como delinqüentes (...). A partir de então, todos serão percebidos no interior de um parentesco global com os loucos, como doentes do instinto sexual. (FOUCAULT, 2007, p. 233-4).

As experiências desenvolvidas no campo das ciências contribuíram para a transposição, sem a superação, do discurso religioso condenatório sobre as práticas homossexuais para o discurso médico científico atrelando-as a categorias físicas e biológicas de normatização.

[...] o desvio na escolha de objeto sexual era visto meramente como um dos inúmeros sintomas patológicos exibidos por aqueles que ‘invertiam’ seus papéis sexuais, adotando um estilo masculino ou feminino em contraposição ao que era estimado, natural e apropriado ao seu próprio sexo anatômico. (HALPERIN, 1990, p. 15-16. Apud SANTOS, 2006, p. 104)

Padrões comportamentais foram estabelecidos como referencial para o diagnóstico de potencialidades e inclinações que pudessem vincular os indivíduos às práticas homossexuais. O raciocínio científico buscou descrever o protótipo do homossexual, perseguindo possíveis distúrbios endócrinos e hormonais que pudessem indicar padrões e características físicas comuns aos homossexuais para a construção de fenótipos ligados à homossexualidade.

O regime nazista da Segunda Guerra Mundial com base nos estudos médicos e com a adoção de um movimento de “higienização social” contribuiu para os experimentos realizados com seres humanos considerados anormais ou inferiores. Mais de 54 mil pessoas acusadas de serem homossexuais foram perseguidas e vítimas de experiências médicas que iam dos estudos antropométricos até o transplante de testículos. A sociedade vista como um corpo precisaria ter sua integridade preservada a

partir da “eliminação dos doentes”, “controle dos contagiosos” e “exclusão dos delinquentes” (FOUCAULT, 2005; 2007).⁷

Os discursos produzidos acerca das práticas homossexuais, e conseqüentemente o imaginário sobre a homossexualidade, se deslocaram do campo religioso para o campo médico sem abandonar as bases do controle e da disciplina. Posteriormente na esfera da ciência, sobretudo das ciências humanas, as discussões sobre as práticas sexuais encontraram caminhos possíveis para arrastar o debate para o campo da cultura e da construção histórica dos sexos. Este movimento foi fundamental para derrubar a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo dos pilares dos distúrbios. Entretanto, a superação total do discurso religioso e médico sobre a homossexualidade ainda não foi experimentada, uma vez que esses discursos ainda configuram o rol dos assuntos das instituições tradicionais de controle e das relações sociais.

No final do século XX a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo passou a receber novas interpretações a fim de deslocá-la para as bases da construção cultural com a assunção do termo homossexualidade. Hoje se pode falar em homossexualidade no plural, justificada pela compreensão estendida do “conceito” no qual ela não aparece atrelada somente à prática sexual entre dois homens ou entre duas mulheres. As *homossexualidades* referindo-se a um desejo de intimidade, afetividade, companheirismo e solidariedade entre indivíduos do mesmo sexo estariam ligadas às maneiras de se registrar no mundo – culturalmente, politicamente e espacialmente – alargando seu conceito para além do viés do sexo biológico. A homossexualidade entendida apenas por aquele viés não comportaria os conflitos sociais vividos pelos sujeitos que em nossas sociedades são identificados como homossexuais. O conceito transbordou dos particularismos da esfera privada, derramando suas expressões e reivindicações na esfera pública, tornando-se uma pauta em disputa nos interstícios das relações de poder e subjetivações experimentadas nas sociedades modernas. Nos caminhos da disputa de poder e reconhecimento, a homossexualidade encontrou trilhas

⁷ Vale notar uma possível contradição ou cilada histórica uma vez que no mesmo período os ideais dos direitos humanos foram propagados mais fortemente pelo mundo, prescrevendo a igualdade entre povos e pessoas, assim como o respeito à diferença. As mudanças sociais, culturais, institucionais e políticas vividas durante as “Grandes Guerras” e nos períodos do pós-guerra são tratadas por Eric Hobsbawm num diagnóstico histórico do século XX que aponta, entre outras coisas, avanços, retrocessos e contradições que comporiam a formação das sociedades atuais. Sobre algumas dessas contradições históricas ver HOSBAWM (1995, p. 21-26)

a serem abertas nas florestas das diversidades e posições a ocupar nos campos de batalhas por um mundo plural.

As homossexualidades como hoje se conhecem se inscrevem num universo sócio-histórico em variedade: expressões significativas, costumes, manifestações verbais, símbolos, códigos inteligíveis que podem ser produzidos e decodificados em um ambiente social múltiplo, contraditório e particular. Esses códigos são compartilhados entre os sujeitos que vivem sua homossexualidade⁸, mas também estão presentes nos discursos correntes das instituições, da mídia e das ruas que coroam os sujeitos homossexuais com diferentes interpretações, inserindo-os nas múltiplas compreensões de normalidade e anormalidade em curso.

A possibilidade e a luta por uma civilização plural que comportasse as diversidades foi tomada a cabo na modernidade, contribuindo para que a homossexualidade atravessasse as fronteiras do tempo, emergindo e submergindo em consonância com o próprio desenvolvimento das sociedades e das mudanças de posturas interpretativas sobre as relações humanas. Acabou, em sua trajetória, conquistando *novas faces públicas* evidenciadas, sobretudo, nas grandes cidades que permitem analisá-la de forma distanciada – ao olhar para uma massa de homossexuais que se movem pelas ruas nos finais de semana ou em marchas e passeatas por reconhecimento público – e de maneira cirúrgica – ao observar as tensões existentes no interior das relações cotidianas experimentadas pelos homossexuais entre si e com a sociedade mais geral.

A homossexualidade que hoje se impõe encontrou fôlego para emergir em meio aos fragmentos das relações sociais conhecidas no desenvolvimento das grandes cidades. Nesse sentido, pode ser considerado um lugar social em disputa e ligada de vários modos à organização da sociedade moderna ocidental. Para entendê-la torna-se indispensável navegar pelo oceano da dinâmica urbana no qual ela lançou seus navios à procura de novas terras e quiçá de portos seguros para arribar seus viajantes. A emergência da homossexualidade encontrou na emergência da cidade moderna um lugar

⁸ A homossexualidade se refere às maneiras de se inscrever no mundo. Podem-se considerar os sujeitos que “a vivem” aqueles que se identificam como homossexuais, compartilhando dos sistemas de apoio e sociabilidade para além daqueles que eventualmente mantêm práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo.

para sua aparição. Olhar para ela também é olhar para um elemento da constituição das metrópoles contemporâneas e por isso seria oportuno desvendar os processos que contribuíram para que grupos anteriormente ofuscados, como o dos homossexuais, ganhassem um pouco de evidência.

1.2. Contribuições das grandes cidades e dos estudos urbanos para a face pública da homossexualidade

A história da formação do mundo moderno, com suas significativas mudanças nas estruturas sociais, é passível de ser capturada a partir de um olhar compreensivo sobre as formas dos agrupamentos humanos nos territórios indo em direção ao surgimento de cidades⁹ cada vez mais volumosas e complexas. A Revolução Industrial cogitou novos modos de produção da vida, impulsionando os processos de urbanização em direção ao crescimento das cidades atreladas à lógica do moderno – ou lógica do capitalismo – em sistemas de funcionalidade e racionalidade das aglomerações e fluxos humanos no espaço. O crescimento das cidades e as técnicas de controle mudaram a lógica dos mecanismos de integração social, atribuindo considerável importância econômica, política e simbólica para a cidade moderna encarnada pelo espírito urbano.

Na tessitura urbana em franca expansão, grupos e problemas sociais puderam ser evidenciados em contornos mais fortes com o adensamento populacional. As mudanças econômicas e culturais entre tantos processos fizeram das grandes cidades um corpo metafórico e simbólico carregado de possibilidades de mudanças sociais, atraindo diversificados contingentes populacionais para a *urbe* na composição de uma miscelânea de valores, condutas e personalidades¹⁰ coexistentes. Esse palco de multidão e diversidades favoreceu a produção e a circulação de novas formas simbólicas e de

9 Sobre as cidades modernas, ver BENJAMIM (1985); ENGELS (1988); ORTIZ (1991); SIMMEL (2005); WEBER (1999) e LEITE (2007).

¹⁰ O termo personalidade percorre todo o texto e é empregado num sentido que faz alusão aos personagens de teatro que nascem com a interpretação dos atores segundo o contexto da peça encenada. Assim as personalidades dos sujeitos referem-se ao papel social subjetivo que cada um assume em diferentes contextos sociais. A cidade como um palco para encenação de múltiplas personalidades permite que os sujeitos modulem suas identidades para adequar-se as condições em que estão inseridos. Desse modo a personalidade trata de características, ou papéis, assumidos por estes sujeitos em situações que possam exigir o forjar de identidades individuais ou coletivas.

interação em um processo de mercantilização e transmissão de códigos, normas e sentidos para a vida cada vez mais conectada com as lógicas de produção.

Nos centros urbanos surgiram possibilidades de constituição de *espaços específicos e acolhedores* a toda sorte de sujeitos que poderiam por escolha, ou por falta dela, vivenciar a experiência do anonimato e ao mesmo tempo dos encontros que o superassem. Um campo de negócios lucrativos – ao ideário moderno capitalista – formou-se em torno da oferta de serviços e oportunidades para cada segmento da sociedade: espaços de consumo, lazer e diversão destinados às classes médias emergentes, aos jovens intelectualizados, de profissionalização das atividades e emprego nas indústrias, escolarização, acesso às artes, formação de redes de delinquência e de prostituição, *comunidades* de imigrantes, espaços clandestinos de encontros sexuais que permitiram a composição de novas redes sociais e interações coletivas cada vez mais intensas, complexas e diversificadas ainda que marcadas por fortes hierarquias econômicas e de poder. As tramas e problemas sociais foram fortemente demonstrados nas grandes cidades, transformando-as num campo profícuo de investigação dado pela importância da observação das formas de intercâmbio nelas constituídas. A necessidade de organização política, social, econômica e espacial e a resolução e gestão dos problemas que emergiam da nova tessitura, exigiram originais campos de análises e formulação de teorias sobre os processos sociais e estruturais da sociedade moderna, compondo um universo para o desenvolvimento e aprimoramento das ciências humanas bem como para o surgimento de temas e metodologias de investigação social¹¹.

O crescimento populacional de Berlim (de 700 mil para 4 milhões de habitantes) verificado no período de 1867 a 1913 fornece elementos para dimensionar o impacto dos processos de urbanização e de sua contribuição para o alargamento da densidade

11 Octavio Ianni (1989) reconhece que a Sociologia nasceu em meio ao desenvolvimento do mundo moderno, com a industrialização e urbanização, tendo como objeto os processos sociais e estruturais envolvidos na emergência da sociedade civil. Abordar a discussão sobre o desenvolvimento das ciências humanas, sobretudo da sociologia no cenário da modernidade, seria reduzir a qualidade das discussões realizadas por pesquisadores que têm como campo de trabalho o estudo sobre as diferentes escolas de pensamento e de atividade surgidas nesse contexto. Seria nada mais que um recurso retórico para adensar o texto ainda de forma precária. Entretanto, para situar a discussão sobre a importância dos estudos urbanos que, em alguma medida, favoreceu a emergência de grupos sociais ofuscados, entre eles os homossexuais, o raso esboço sobre o surgimento de novos sentidos para vida evidenciados nas grandes cidades torna-se necessário.

demográfica nos centros urbanos. Cidades como Londres e Paris experimentaram crescimentos similares e instigaram pensadores como Ferdinand Tönnies (1855-1936), Georg Simmel (1858-1918), Max Weber (1864-1920) – fundadores da *Sociedade Alemã de Sociologia* – e Walter Benjamin (1892-1940) ao início das discussões sobre o aumento (e conseqüências) das relações sociais nas grandes cidades. A sociologia alemã viu a necessidade do emprego de outras metodologias para capturar as particularidades da constituição dos laços entre os indivíduos na composição social da vida na cidade. Os trabalhos desenvolvidos por aqueles pesquisadores, no campo da observação participante, influenciaram os modos de se fazer estudos urbanos na Europa e em outros países da América. A tomada das cidades como um objeto de investigação, favoreceu o evidenciar dos problemas e dos grupos sociais, especialmente, frente às relações de ordem econômica e de ocupação dos espaços. A “economia monetária”, por exemplo, foi apontada como um denominador comum de todos os valores sociais demonstrados nas grandes cidades¹² – sedes da circulação do dinheiro – onde o valor mercantil das relações pessoais constituía-se como imposição. Ela seria um dos princípios da modernidade marcada pela aceleração do tempo, intensificação do comércio e superficialidade dos contatos entre estranhos (SIMMEL, 2005).

O determinismo da condição humana nas esferas econômicas, sociais e culturais foi preocupação de alguns teóricos que cogitaram a idéia de uma sociedade normatizada e controlada por valores comuns em sistemas de ações que agregavam características biológicas, psicológicas, sociais e culturais dos indivíduos no sentido de garantir um sistema social e político de estabilidade normativa, integração, adaptação e controle. Numa sociedade onde a ordem e a regulação são desejáveis, tipos físicos e morais foram celebrados em detrimento de outros: famílias nucleares, dóceis esposas, homens viris, trabalhadores disciplinados constituíram modelos ideais difundidos pelas instituições tradicionais. Nessa perspectiva, os indivíduos deveriam ter um impulso interior para se enquadrar às normas vigentes e tudo o que se afastasse dos modelos – os desvios – poderia ser considerado anômalo. Assim, um sujeito ao esboçar padrões não convencionais de comportamento estaria sujeito a ser tratado como portador de uma espécie de “doença social” – uma célula cancerígena – passível de ser removida ou

12 Para Georg Simmel “as grandes cidades sempre foram lugar da economia monetária” (2005, p.578)

curada mediante esforços das instituições reguladoras (PARSONS, 1983). Por outro lado, a organização social fruto dos processos de modernização, urbanização, de aproximação e fortalecimento dos sujeitos, a efervescência intelectual, o surgimento dos movimentos sociais e culturais, do artifício de rompimento de antigos paradigmas e os mecanismos de democratização política vividos na modernidade, sobretudo, nas grandes cidades, colocaram em xeque a perspectiva da sociedade atrelada somente aos ideais do funcionalismo e do racionalismo, de modo a criar e a buscar novas correntes de pensamentos para explicar e endossar a subjetividade e a pluralidade dos indivíduos numa sociedade complexa.

A Escola de Chicago¹³, por exemplo, tomou as cidades como objeto privilegiado de investigação científica a partir do empirismo e da observação participante, buscando explicações para as relações sociais dos seres entre si e com o meio ambiente, para os processos competitivos de ocupação do espaço urbano e para organização física e moral da sociedade. Categorias analíticas como “ecologia humana” e “região moral” foram formuladas e impulsionadas por estudos que, por meio de experiências metodológicas de investigação, deslocaram as análises exclusivamente teóricas e abstratas para análises empíricas realizadas primeiramente na cidade de Chicago e depois experimentadas em outras cidades. Robert Ezra Park (EUA, 1864-1944), aluno de Georg Simmel, compreendia a cidade como um laboratório para a investigação da vida social com a perspectiva de que seus estudos poderiam auxiliar na compreensão do que se passa no mundo uma vez que o mundo inteiro viveria na cidade ou estaria a caminho dela (BECKER, 1996). Ao longo do tempo, articulados com sociólogos europeus, os estudos realizados na Escola de Chicago fizeram emergir grupos e relações sociais tensionados e coexistentes nas tramas da cidade grande, mas que ainda se encontravam em zonas difusas dos estudos sociais. Temas como imigração, mendicância, delinqüência juvenil, prostituição, gangues, influências dos meios de comunicação na vida das pessoas, relações raciais, espaços de práticas homossexuais entre outros tomaram parte de um debate profícuo para os estudiosos daquela Escola, permitindo compreender a cidade como produtora de uma cultura urbana transcendente dos limites espaciais ao propagar

¹³ A idéia de Ecologia Humana, Patologia Social, Psicologia Social foram desenvolvidas por autores da chamada Escola de Chicago. Para ler mais sobre Escola de Chicago, sobretudo no campo da investigação em meio urbano, ver PARK (1967) e EUFRÁSIO, (1999);

“o urbanismo como um modo de vida” (WIRTH, 1967) a partir de processos de apropriação e afirmação da existência de diversidades de sentidos para a vida individual e coletiva dentro das relações de competição, conflito, adaptação e assimilação vivida pelos sujeitos. A Escola de Chicago ofereceu condições favoráveis para que grupos e novos temas pudessem atravessar as rígidas fronteiras teóricas e metodológicas dos antigos estudos acadêmicos clássicos em direção à compreensão ampliada das relações sociais nas e com as grandes cidades.

No bojo desse fluxo de proposições advinhas dos estudos sobre as interações sociais na *urbe* e muitas vezes apoiadas por ideais progressistas, cresceram aportes teóricos e planos de ações em diferentes áreas – ciências sociais, políticas, psicológicas, movimentos sociais – espalhadas por diferentes partes do globo que delineavam perspectivas para compreensão do mundo e do convívio das diferenças. As tentativas de descrição e problematização das tramas sociais enredadas na modernidade, o conhecimento produzido e a influência dos estudos urbanos em crescimento nas Universidades européias e na Escola de Chicago fomentaram aspectos teóricos adotados por diferentes movimentos sociais e culturais do ocidente. Na década de 1960, notadamente marcada pela agitação de transformações culturais, temas como igualdade de direitos, liberdade de expressão, exercício da democracia, convívio pacífico das diferenças (ou das diversidades), respeito às particularidades individuais e de grupos, fim da violência e exploração de minorias e outras pautas receberam relevo acentuado no debate público e foram endossados por pensadores e correntes teóricas da época, sobretudo, na expressão da juventude estudantil universitária.

A adoção da idéia de existência de uma “pluralidade de sentidos” para a vida assumiu parte das discussões em diferentes esferas de compreensão da chamada pós-modernidade e, especialmente, da sociedade de consumo no campo da produção de novos conceitos e sensações. A apreensão da sociedade fundamentada na crítica ao racionalismo, afirmou a existência de um mundo múltiplo de sentidos a romper com as estruturas de normatização. Peter Berger descreveu a pluralidade cultural e de sentidos como eixos estruturantes das sociedades modernas: a realidade poderia ser entendida como uma construção humana contextualizada na dimensão social na qual os indivíduos são “produtos sociais” definidos pelas “sedimentações do conhecimento” que formam suas biografias, ambientes e múltiplas experiências onde a comunicação exerceria papel fundamental no processo de construção social da realidade, produzindo conhecimento e

fluxos de informação que formam um universo simbólico múltiplo e subjetivo no qual se dá a interiorização individual do mundo exterior baseada nos valores das estruturas sociais (BERGER, 1983). Nesse sentido, os sujeitos ocupariam e se incluiriam de maneira simultânea em diferentes posições socialmente definidas, exerceriam de modo concomitante uma multiplicidade de *papéis sociais* – operário oito horas por dia, religioso nas tardes de domingos, pai na educação dos filhos, esposo nas afetividades com a mulher, filho na visita à casa dos pais, companheiro nas rodas de sociabilidade aos sábados, estrangeiro no passeio turístico, partidário nas reuniões de sindicato – em resposta as situações cotidianas nas quais estariam inseridos.

No campo da *pluralidade de sentidos*, mais recentemente, Alberto Melucci, ao olhar os movimentos sociais nas grandes cidades, colocou a sociedade pós-moderna no cerne das compreensões sobre os fenômenos sociais e da subjetividade onde os sujeitos seriam submetidos, forçosamente ou por escolha, a constantes redefinições dos símbolos e códigos sociais (MELUCCI, 1994; 1997). Nessa perspectiva, as pessoas não seriam simplesmente moldadas aos códigos vigentes, pois se adaptariam ao dar sentido próprio às suas condições a partir de estruturas *adequadas* às diferentes experiências (corporais, emocionais, afetivas e de movimentação nos espaços), criando outros patamares para a pluralidade de sentidos – daí sua natureza subjetiva (MELUCCI, 1997). As diferentes experiências vividas pelos sujeitos nas relações pessoais e com o restante da sociedade seriam determinantes para a construção de sentidos próprios e particulares da vida e para assunção de personalidades. Os sujeitos negociariam suas posições de modo oportuno às relações a serem vividas, segundo os interesses colocados em jogo no momento. Assumiriam características valorizadas frente a um grupo e logo depois as abandonariam quando aquelas perdessem seu valor ou sua importância diante de outro grupo. Assim, um jovem, por exemplo, poderá se mostrar *agressivo* para os amigos que consideram a *agressividade* um valor importante para determinar o pertencimento ao grupo e no momento seguinte se mostrar *dócil* a um grupo de moças que considera a *docilidade* um valor importante para aproximação e constituição de relações afetivas. A subjetividade das personalidades e comportamentos torna-se um valor coletivo na composição de um equilíbrio instável das relações políticas, sociais e pessoais:

uma subjetivação política torna a recortar o campo da experiência que conferia a cada um sua identidade com sua parcela. Ela desfaz e recompõe as relações entre os modos do fazer, os modos do ser e os modos do dizer que definem a organização sensível da comunidade, as relações entre os espaços

onde se faz tal coisa e aqueles onde se faz tal outra, as capacidades ligadas a esse fazer e as que são requeridas para outro (RANCIÈRE, 1996, p.52)

O reconhecimento da subjetividade e pluralização das sociedades contemporâneas fomentou a formulação de um nível elaborado e complexo de compreensão das questões sociais de modo a redefini-las e encontrar caminhos e condições para a experiência subjetiva e cotidiana, e por que não dizer, para a sobrevivência dos sujeitos, grupos e movimentos na pós-modernidade.

O surgimento de possibilidades teóricas que consideram a existência de *pluralidades de sentidos* para a vida abriu espaço para a incorporação de novos prismas de análise das relações sociais, permitindo colocar em xeque as essências dos padrões comportamentais normativos. De tal modo, não haveria como sustentar modelos rijos para o masculino e o feminino, por exemplo, sendo somente possível tratar o feminino e o masculino em seus plurais. Nestas sociedades reconhecidamente arrojadas, a manifestação de diferentes *masculinidades*¹⁴ e *feminilidades* respeitariam as subjetividades e pluralidade de sentidos da vida, confrontando os duros padrões do que vem a ser homem e mulher. A eminência do existir plural, subjetivo e particular favoreceu, em grande medida, o surgimento de novas faces públicas dos sujeitos e grupos sociais, sobretudo, nas grandes cidades, com a adoção de interpretações menos truncadas para os fenômenos sociais. De alguma maneira, experiências vivenciadas nos grandes centros urbanos poderiam determinar uma mentalidade propensa à aceitação rápida das inovações e uma fixação mínima dos tabus, convenções e códigos de moral comuns impulsionados por um desejo do urbano como um modo de vida ideal. A mentalidade simbólica do universo urbano poderia atrair contingentes populacionais para as grandes cidades, primeiramente promovendo encontros fortuitos entre os sujeitos que poderiam ser superados, num segundo momento, por redes de sociabilidades¹⁵, chegando, quiçá, à consciência social e política.

¹⁴ Sobre construção de diferentes masculinidades, ver SCHPUN (2004).

¹⁵ A constituição de redes de sociabilidade permite o encontro de grupos sociais que compartilham códigos e experimentam interações menos rígidas que as praticadas pela mediação das instituições tradicionais. No contato sujeito a menor padronização os membros dos grupos sociais podem afirmar e reafirmar valores, reforçar certos tipos de relação e interação, construir identidades individuais e coletivas na intensidade da vida social. Sobre sociabilidade ver EUFRÁSIO (1996); SCHILLING (1996); MARTINS (2008b) e WAIZBORT (1996).

Com essa lógica, o espírito urbano encarnado em algumas das grandes cidades ocidentais contribuiu para que a homossexualidade emergisse como um campo político e social conflituoso. É neste cenário que ela começou a se desenhar como hoje a conhecemos – com seu caráter público, político e cultural –, ganhando força e espaço juntamente com grupos e movimentos sociais de diferentes ordens.

1.3. Contribuições dos movimentos sociais urbanos para a face pública da homossexualidade

Grupos e movimentos sociais se fortaleceram nas grandes cidades e incorporaram teorias progressistas ao discurso do reconhecimento, orientando o foco de suas ações em direção à luta por direito de participação e de representação nas esferas de decisão da sociedade. Os movimentos de negros, de identidades nacionais, de mulheres, os sindicatos e outras formas de representações da sociedade civil organizada se articularam em torno da proposição de ações revolucionárias de mudança de antigos paradigmas e de questões acerca da identidade e fortalecimento¹⁶ dos grupos minoritários. O feminismo¹⁷, sobretudo nos anos de 1960, conquistou maior expressão mundial e colocou no campo das discussões gerais sobre os direitos das mulheres a temática das *relações de gênero e poder*¹⁸ existentes em diferentes esferas da sociedade. O movimento feminista foi o primeiro a apresentar a pauta da sexualidade como um campo político em disputa. São as mulheres que, na década de 1970, afirmam a experiência de opressões nessa esfera da vida e a existência de modos de controle do corpo e da sexualidade, fazendo emergir bandeiras como “o direito ao próprio corpo”,

¹⁶ É reconhecido que dentro dos próprios movimentos de identidade sexual, racial e nacional existiam disputas de poder que podem ser analisadas a partir da lógica da pluralidade de sentidos. Para ler sobre conflitos de identidade dentro do movimento feminista e suas diferentes facetas, ver: BRAH (2006);

¹⁷ As discussões sobre movimento feminista e gênero não são temáticas centrais deste trabalho, mas, em alguma medida, percorrem e influenciam seu campo de análise. Para aprofundar as questões referentes à temática do feminismo e de gênero, ver: NICHOLSON (2000); SCOTT (1995); TILLY (1994); VARIKAS (1994); VIANNA (1999) e FAUSTO-STERLING (2001).

¹⁸ O gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. Quando os/as historiadores/as buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. (SCOTT, 1995, p. 86)

“o privado é público e o público é privado”¹⁹. O espaço de atuação das mulheres na arena das disputas por “reconhecimento” e “participação” (FRASER, 2007) favoreceu que outros movimentos e grupos ligados às pautas da sexualidade pudessem fazer sua aparição no panorama público. Os movimentos de identidade homossexual reconhecem ter suas bases no feminismo com o qual cobraram a possibilidade de novas perspectivas interpretativas em relação à homossexualidade como uma categoria política. Uma das primeiras conquistas para mudança dos paradigmas da homossexualidade foi o alargamento da compreensão do termo com a exclusão do rol de categorias patológicas²⁰, deslocando a idéia anterior de homossexualismo para concepção da *homossexualidade* construída culturalmente.

Os deslocamentos das categorias não são simplesmente mudanças de nomes, termos ou expressões lingüísticas, formam verdadeiros campos de batalha. Os sujeitos não são meramente moldados pelas circunstâncias em que estão colocados. Eles se adaptam e dão sentido oportuno às condições vividas a partir de estruturas próprias, negam suas categorias ou as traduzem de modos diferentes a fim de encontrar mecanismos para romper ou ocupar outras posições na sociedade e com isso produzir novas formas de nomeação da realidade. Recuperam sua historicidade e constroem uma realidade coletiva aparentemente estável num esforço de interação e negociação. As categorias sugeridas (ou construídas) no discurso podem estabelecer marcas de distinção entre grupos e/ou sujeitos de uma mesma sociedade, situando patamares de superioridade ou de inferioridade entre os sujeitos. Nesse sentido, a nomeação do mundo não é isenta de intencionalidades e expressa as relações de poder e hierarquias sociais em vigência. Categorizar grupos ou sujeitos como negros, por exemplo, é, em alguma medida, colocar esses mesmos sujeitos ou grupos num lugar delimitado da sociedade e, por conseqüência, determinar os acessos aos direitos ofertados frente ao

¹⁹ Para ver de maneira sintética a história das lutas de mulheres, ver: HOSBAWM (1995, p.304-313);

²⁰ A APA (American Psychiatric Association) em 1973 retirou a homossexualidade do seu *Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais* – DSM, depois de rever estudos e provas que revelavam que a homossexualidade não se enquadra nos critérios utilizados na categorização de doenças mentais. A Organização Mundial de Saúde (OMS) fez o mesmo em 1993. Psicólogos e sexólogos chegaram à conclusão de que a homossexualidade é uma “variante da normalidade.”. Como destaca Giddens, “o próprio termo ‘perversão’ desapareceu quase completamente da psiquiatria clínica, e a aversão sentida por muitos em relação à homossexualidade não recebe mais um apoio substancial da profissão médica”. (GIDDENS, 1993)

restante da sociedade denominada branca. O mesmo poderá acontecer entre homossexuais e heterossexuais ou entre as categorias de homossexualidade e heterossexualidade quando suas concepções estiverem vinculadas as hierarquias dos sentimentos de dominação ou submissão. A comunicação ou a linguagem é então um resultado do processo de construção social da realidade a partir da criação de um universo simbólico codificado e decodificado pelos sujeitos como forma de nomear (ou categorizar) o mundo. A interação dos sujeitos de um grupo ou de diferentes grupos poderá provocar mudanças de sentido para a vida pessoal e política dos sujeitos, colaborando com a (re)definição de novos códigos e com a formulação de novas identidades.

Os movimentos sociais (negro, feminista, gay), além do enfrentamento às estruturas dominantes, cogitam com as lógicas de enunciação do mundo de modo a criarem suas próprias identidades e também a identidade coletiva dos sujeitos que representam, buscando evidenciar os conflitos existentes. Os movimentos podem representar uma realidade social com relações ainda não cristalizadas, anunciando as possibilidades de macro-mudanças políticas e sociais a partir do fomento à participação, da indução de mudanças de regras, da transformação moral e cultural, da formação de novas elites políticas e da evidenciação dos poderes e das formas de dominação. Além disso, no interior dos movimentos organizados ou no interior de cada grupo de pares, os sujeitos têm a possibilidade de desenvolver diferentes respostas às opressões vividas, uma vez que a experiência individual frente às opressões e sentida de forma particular pode ser socializada, favorecendo a constituição de redes de apoio e solidariedade. Por outro lado, a afiliação aos grupos e movimentos poderá colocar os sujeitos frente a uma adesão compulsória de se viver de acordo com a identidade coletiva, sacrificando as identidades individuais. Nesse sentido, se afiliar ou se reconhecer num determinado grupo na composição de uma identidade coletiva não significa, necessariamente, ter demandas particulares atendidas, pois existem tensões entre visões totalizadoras e a vida real no interior dos movimentos e grupos, na composição de um *vir a ser*.

A face pública das *homossexualidades* nos contornos em direção de uma *identidade coletiva* disseminada pelos movimentos homossexuais agregou a *idéia do vir a ser homossexual*, atrelando estilos de comportamentos que sugeriam, entre tantas

coisas, a criação de comunidades culturais de fortalecimento dos segmentos homossexuais com a luta pelo direito de terem as diferenças respeitadas²¹. A historiografia dos hoje chamados *movimentos gays, GLBT, GLBTT, LGBT*²², mostra que o corpo de militantes desses movimentos era composto, sobretudo, pelas classes médias intelectualizadas dos grandes centros urbanos e favorecido pela possibilidade de acesso e manipulação das informações correntes sobre as ações homossexuais no mundo e pela possibilidade de torná-las visíveis em diferentes esferas.

A face pública da homossexualidade atrelada aos movimentos de direitos destacou-se em grande medida no fluxo das lutas por reconhecimento em um mundo plural que encontrava nas grandes cidades um espaço privilegiado de evidência e ascensão. Entretanto, ela não possui apenas a face politizada dos grupos organizados. Não é possível deixar de lado a expressão da homossexualidade em espaços que não estavam diretamente ligados aos movimentos sociais e aos campos organizados de disputa, como a prostituição e a formação de redes sexuais clandestinas. É preciso lembrar que a transmissão de códigos e valores comuns entre os homossexuais e sua aparição experimentou outras esferas da sociedade como os circuitos de lazer, as artes e a mídia que de maneira ou outra receberam colaboração dos movimentos, mas que de sobremodo contribuíram para o fortalecimento da imagem de homossexualidade vinculada aos valores que superavam as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, conquistando espaços e territórios com o adensamento do debate em torno das representações das homossexualidades e de seus personagens.

²¹ Em 28 de junho de 1969, a polícia de Nova Iorque invadiu um bar para reprimir os pontos de encontros dos *gays*. O bar invadido era o Stonewall, no bairro de Greenwich Village. A polícia foi surpreendida; os frequentadores do bar receberam as viaturas com moedas, garrafas e pedras. A resistência durou três noites consecutivas, envolvendo mais de 400 pessoas. No outro dia, os jornais do mundo inteiro noticiaram que os homossexuais de Nova Iorque resolveram sair da marginalidade e conquistar seu espaço na sociedade. A rebelião de Stonewall foi um marco histórico que inaugurou o “*movimento gay Power*” (poder *gay*). Teve início um dos maiores protestos públicos contra a discriminação homossexual. A data de 28 de junho passou então, a ser o Dia Mundial do Orgulho *Gay*. (fonte: www.glx.com.br)

²² A sigla GLBT refere-se a gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. Existem disputas de poder e discussão de identidades que colocam a sigla dos movimentos em constates rearranjos. O termo LGBT, por exemplo, tem a intenção de reforçar o combate à “dupla discriminação” de que as mulheres homossexuais seriam alvo.

1.4. Constituição dos territórios para as faces públicas da homossexualidade

A delimitação de territórios nas cidades que permitiam encontros não só marcados pela busca de investidas sexuais por pessoas do mesmo sexo, mas para a constituição de redes de amigos e conhecidos, possibilitou a criação de *sistemas de apoio* aos homossexuais em direção à construção da *cena gay* em meio urbano. Os processos de inserção e apropriação de espaços públicos – ruas, praças, bares, cinemas, teatros, restaurante, casas noturnas, calçadas, quarteirões – contribuiu para a formação de uma rede de serviços e de proteção destinada aos homossexuais e para a constituição de referenciais territoriais nos quais estavam confirmadas as possibilidades de experimentação pública da homossexualidade em sistemas de sociabilidade menos rígidos. *Fronteiras espaciais* (muitas vezes invisíveis a olho nu) abrigavam, com a promessa de proteção da violência e da intolerância, as possibilidades de uma variedade de opções sociais que satisfaziam os interesses do público homossexual por lazer e diversão.

Com um olhar ainda desatento é possível verificar que as zonas de maior expressão da homossexualidade estão concentradas em territórios delimitados do espaço urbano onde ocorrem interações mais intensas entre os homossexuais. Seria imprudente negar que sua expressão conquistou sítios importantes nas redes midiáticas, ideológicas, culturais e virtuais. Entretanto, o espaço privilegiado do conflito e da tensão esteve inserido nos territórios físicos e de promoção das sociabilidades homossexuais. A demarcação das regiões onde se dá a expressão da homossexualidade poderá ter contribuído para o fortalecimento dos segmentos homossexuais e para o surgimento de barreiras sociais que colocam os seus representantes frente a mecanismos de inclusão e exclusão. Em alguns países a demarcação de territórios homossexuais caminhou em direção da constituição de guetos²³ e de arranjos de distanciamento entre outros grupos sociais. A cidade de São Francisco nos EUA, desde a década de 1960, tornou-se um

²³ Para Bauman o gueto quer dizer *impossibilidade de comunidade*. Essa característica do gueto torna a política de exclusão incorporada na segregação espacial e na imobilização de uma escolha duplamente segura e a prova de riscos numa sociedade que não pode mais manter todos os que podem jogar ocupados e felizes, e acima de tudo obedientes. (2003, p.111)

ícone no imaginário da população aos constituir sua imagem atrelada aos redutos homossexuais com a criação de distritos inteiros voltados ao público homossexual. Do mesmo modo Berlim e Madrid também se tornaram expressivas cidades nos referenciais dos territórios homossexuais demarcados no espaço urbano. A verificação de comunidades identitárias nas grandes cidades, o bairro chinês (Chinatown) e o bairro negro (Harlem) em Nova York, o bairro punk (Camden Town) em Londres, o bairro gay (Chueca) em Madrid, parece configurar modos comuns de ocupação da *urbe* e fortalecimento dos segmentos que elas representam. Entretanto, tais comunidades podem seguir caminhos diferentes na promoção de interações sociais e constituição de redes de sociabilidades menos rígidas.

Chinatown, Camden Town e Chueca entraram nas listas dos roteiros turísticos, oferecendo modos de fruição e lazer para toda sorte de sujeitos que lá desejem fazer circular os recursos financeiros. Estes bairros, por exemplo, conectaram-se com a plasticidade do mundo do espetáculo, proporcionando a possibilidade de se experimentar uma “cultura diferente”, mas adaptada ao gosto do freguês. Outros territórios poderão insistir em manter tradições ou buscar fortalecimento de suas identidades num mundo diverso como o caso de Kreuzberg, o bairro turco em Berlim. Outros poderão manter seus territórios porque este será o único território possível, porque foram colocados lá por força da desigualdade e do poder como o Harlem. Outros territórios ou comunidades poderão retroceder no curso da História, reproduzindo o espírito do preconceito e da desigualdade do qual foram vítimas como é o caso do Castro – bairro gay de São Francisco (EUA) – que exhibe dizeres na entrada de alguns estabelecimentos: latinos não são bem-vindos.

A verificação de comunidades identitárias nas grandes cidades, por outro lado, poderá não traduzir territórios rigidamente demarcados. Os espaços de expressão dos diferentes grupos e identidades poderão se configurar em espaços tomados ou apropriados de maneira volátil, a partir de movimentos de concentração e dispersão dos sujeitos e personalidades. Grupos de identidade juvenil como punks, rappers, darks, straight edge, clubbers, emos poderão eleger territórios preferenciais da cidade para encontros, frequência e manutenção de sociabilidades, mas não constituir enclaves personalizados. Poderão se apropriar dos espaços, reunirem seus representantes e depois dispersar dos territórios tomados, mudando a paisagem de forma momentânea. O mesmo poderá ocorrer entre os homossexuais, caso da cidade de São Paulo, que elegem

territórios de sociabilidade sem a prerrogativa de formação de guetos, co-habitando com outros grupos e personalidades nos mesmos espaços. Poderão emergir na paisagem urbana de modo sistêmico, apropriando-se temporariamente de espaços e lugares de referência para sociabilidade homossexual em maior ou menor concentração de membros.

Nos territórios rigidamente demarcados ou nos espaços temporariamente apropriados a homossexualidade desenha referenciais de comportamento e de padrões globalizados de consumo que poderão ser utilizados para delimitar acessos e interações entre os sujeitos, produzindo hierarquias de classe.

1.5. Constituição de barreiras econômicas nas interações entre homossexuais

A observação dos territórios de aparição das faces públicas da homossexualidade, seja nos guetos fechados ou nos espaços de apropriação mais sistêmicos, permite capturar elementos da formação de hábitos deste grupo que poderão balizar fronteiras econômicas de aproximação e distanciamento dos homossexuais entre si e com o restante da sociedade. Nos territórios onde a cena homossexual ocorre com maior intensidade a adoção de posturas e códigos compartilhados entre os sujeitos corroboram com tendências mais gerais da organização do espaço e com a criação de mecanismos de inclusão ou exclusão de seus membros, tendo como referencial modelos de personalidades e status de condição econômica. Nas expressões da homossexualidade, como em toda sociedade, existem estruturas de hierarquização dos sujeitos que os colocam em patamares de inferioridade e superioridade dados pela demonstração de modos de vida valorizados ou depreciados pelos grupos sociais. As interações alicerçadas na *economia monetária* estariam presentes no reconhecimento do homossexual como um potencial consumidor que não poderia ser desprezado pelo mercado. Desse modo, homossexuais encontraria no consumo uma chave de reconhecimento e resistência ao exibir suas posses com o objetivo de ser respeitado como um consumidor de valor. Haveria um deslocamento das percepções acerca da homossexualidade, antes atreladas somente aos discursos médicos, religiosos e de controle, para o reconhecimento geral de que o homossexual representaria uma expressiva fatia do mercado consumidor, sobretudo, de bens e serviços sofisticados.

É flagrante nos discursos produzidos pelos homossexuais e sobre eles a emergência de diversos referenciais ligados a padrões sofisticados e globalizados de consumo como uma possível característica comum desse segmento. O reconhecimento dos homossexuais como um grupo que agrega uma população com alto poder aquisitivo alimenta o imaginário coletivo, reforçado pela opinião disseminada na mídia e adotado por muitos homossexuais, atribuindo ao grupo a sorte de comportamentos ligados à sofisticação dos padrões de vida e posturas conectadas aos *estilos modernos*. Em entrevista concedida para a revista *amanhã economia e negócios* James Green destaca uma das tendências do mercado verificada frente ao público homossexual:

Algumas empresas já perceberam que existe um mercado amplo de homossexuais que pode ser explorado. Assim, começam a surgir propagandas com subtextos homoeróticos para atingir esse público. O alvo não é somente o consumidor gay, mas também um setor “moderno”, “jovem”, “sem preconceitos”, que pode ver essas propagandas como indicador de uma empresa que está na vanguarda. (2000)

A observação de propagandas veiculadas em revistas especializadas, a verificação do crescimento de oferta de pacotes turísticos, o surgimento de bares e casas noturnas de alto padrão, todos destinados ao público homossexual, poderá dar idéia de como o mercado particularizado para esse segmento vem se expandindo nas grandes cidades. O deslocamento da percepção da homossexualidade dos discursos médicos e religiosos e o rompimento da imagem do homossexual como representante dos grupos de risco para HIV/ AIDS, traz um neo-conservadorismo que se reflete na aceitação do homossexual como público consumidor. A percepção deste homossexual consumidor *endinheirado e moderno* colabora para a constituição de discursos sobre a homossexualidade com bases nos ideais capitalistas de produção e consumo, reconhecendo seus representantes como valorosos consumidores e escamoteando preconceitos em nome das oportunidades de negócios²⁴. A revista de circulação

²⁴ A seguradora American Life é outra que resolveu apostar no chamado “pink money” (dinheiro cor-de-rosa). Ela lançou no mês passado o Vida Freedom, o primeiro seguro de vida para casais gays do País. Segundo o diretor da empresa, Francisco de Assis Fernandes, não há estimativas de quanto a população gay do Brasil movimentaria financeiramente. Sabe-se apenas que esse consumidor gasta 30% a mais em bens de consumo em comparação com um heterossexual de mesma condição social. E justamente nesse mercado promissor e carente que a American Life está de olho. “Claro que quando surgiu a idéia do Vida Freedom, tivemos medo de ficar conhecidos como a seguradora dos gays. Mas isso é bobagem. Vimos que, ao comunicar nosso produto dentro da comunidade, quem é de fora nem fica sabendo”, diz o executivo. A aceitação do seguro, segundo ele, foi tão boa que acabou chamando a atenção da Tecnisa Construtora e Incorporadora, uma das maiores do País, que se propôs a dar um ano de seguro para cada

nacional, ISTOÉ DINHEIRO, voltada exclusivamente para o mundo dos negócios, semanas antes da Parada do orgulho GLBT em São Paulo lançou um número especial sobre o “promissor mercado gay”. Em um de seus artigos trouxe a experiência e depoimentos de empresários que “abriram suas portas” para este mercado, treinando funcionários para lidar com a “diversidade” do novo público:

Diversidade, aliás, é o mote do treinamento promovido por dois dos maiores hotéis de luxo de São Paulo: o Mercure Grand Hotel e o Sofitel. “Nesses cursos mostramos aos funcionários como lidar de forma adequada a situações que fogem da rotina. Atender a um casal de namorados gays, por exemplo,” diz André Victória da Silva, gerente-geral do Mercure. (Isto é dinheiro, 21/06/2006)

De algum modo, muitos homossexuais perceberam que assumir a postura de consumidor poderia ser um caminho menos duro para o reconhecimento público, uma vez que os direitos do consumidor estariam mais consolidados globalmente do que os direitos dos homossexuais em nossa sociedade. Seria interessante notar que parte das reivindicações dos grupos representantes desta parcela da população tem como foco o direito de consolidação do patrimônio, recorrendo a outras interpretações sobre o casamento, família e propriedade que compõem a pauta dos direitos homossexuais,

[...] manifestações que visam a instituição da parceria civil registrada, que seria uma forma de luta que demanda mudanças em elementos simbólico-culturais – como os conceitos tradicionais de família e certos preceitos religiosos – mas com a intenção de garantir também direitos ligados às questões estruturais, como o direito a seguros sociais e de saúde, pensão, distribuição de rendas e divisão de bens. (MACHADO e PRADO, 2005, p.37)

Os discursos sobre redistribuição de renda e democratização dos signos sociais para o conjunto dos homossexuais acabam, muitas vezes, ficando restritos a uma pequena parcela de ativistas no interior dos movimentos organizados. É possível perceber a existência de modos individuais de lutas por reconhecimento que acabam reproduzindo no interior dos grupos homossexuais as desigualdades de classe experimentadas nos segmentos sociais mais amplos. As possibilidades de usufruto do

casal gay que comprar um de seus apartamentos. "O que para uns é preconceito, para nos é negócio", diz Romeo Deon Busarello, diretor de marketing da construtora. Há três anos, ele convenceu a construtora a investir em peças publicitárias voltadas para o público gay, em sites da comunidade homossexual. Hoje, 12% das vendas da Tecnisa [...] vêm do público GLS (Gays Lésbicas e Simpatizantes). Na hora de escolher o acabamento, por exemplo, o casal homossexual gasta 25% do valor do apartamento, enquanto que os heterossexuais não aplicam mais de 12%. Os gays, segundo Busarello, gostam de banheiras com hidromassagem e mármore carrara italiano. "Não construímos prédios cor-de-rosa. Apenas divulgamos que somos uma empresa que aceita a diversidade" (Isto é dinheiro, 21/06/2006).

lazer e dos serviços destinados ao público homossexual poderão constituir um exemplo da reprodução de desigualdades e constituição de fronteiras econômicas que limitam o contato social entre os sujeitos. Uma das fortes características dessa oferta de lazer é a possibilidade de viver a sorte de modos de diversão conectados com padrões globalizados de fruição do tempo livre. Para ter acesso a este lazer será necessário fazer uso do “direito” de consumir caros padrões globalizados, ligando a experiência do lazer a uma vida consumidora que afirma o sujeito como um indivíduo privado. O lazer poderá ser concebido como um *estilo de vida* ou um valor capaz de balizar categorias e hierarquias de superioridade e inferioridade entre os sujeitos. Não somente o lazer, mas o lugar de sua experiência também poderá ser um critério importante para classificar os sujeitos nos patamares de condições econômicas, alimentando a criação de fronteiras econômicas e espaciais de contato. A possibilidade de determinados padrões de consumo será suficiente para definir o tratamento e tipo de acesso que cada sujeito terá aos bens e serviços ofertados aos homossexuais. Para adensar o exemplo, alguns bares e casas noturnas além de cobrarem ingressos caros para maior parte da população poderão fazer restrições a alguns tipos de vestuário que não configuram o rol das marcas e grifes adotadas como referências de “bom gosto e sofisticação”. Frequentar o lugar da moda e dos ricos ou ser visto nos lugares decadentes e pobres poderá definir quais as possibilidades de assertivas sexuais e de relações de sociabilidade serão estabelecidas entre homossexuais quando a capacidade de consumo sugere fronteiras de aproximação e distanciamento dentro dos grupos.

Além da capacidade de consumo, as personalidades e estilos de vida, na perspectiva do discurso econômico da homossexualidade, tornam-se critérios importantes para classificação dos sujeitos e delimitação de campos de interação. Afirmar a existência de homogeneidade nas expressões da homossexualidade não seria possível, pois em sua face pública notam-se, além de grupos e movimentos organizados, *corpos em movimento* que projetam encenações ritualizadas de diferentes tipos de *homossexualidades* na composição de algumas personalidades: *travestis*, *michês*, “*dragues*”, “*ursos*”, efeminados, “*marombados*”, “*descolados*”, “*discretos*” se agitam espacialmente em territórios referenciais para os homossexuais em busca de investidas sexuais, romances, amizades, lazer, cultura, diversão, consumo e visibilidade. Assumem e exibem suas subjetividades na composição de *estilos homossexuais* (ou personalidades homossexuais) hierarquizados pela sociedade e pelo próprio segmento homossexual.

Nas lógicas de classificação dos indivíduos e grupos os efeminados, pobres, ligados as redes de prostituição, moradores da periferia²⁵ estariam sujeitos a maiores constrangimentos, pois não configurariam os quadros dos consumidores sofisticados, não seriam abrangidos pelos mesmos direitos daqueles consumidores e ainda estariam sujeitos a discriminações por parte dos homossexuais com maiores poderes aquisitivos.

A assunção do consumo e da posse como uma marca de distinção social e diferenciação largamente utilizada pelos homossexuais como forma de fortalecimento e resistência do grupo frente a intolerâncias e discriminações, deslocou parte dos discursos sobre a homossexualidade, inserindo-a nos quadros da realidade econômica como um segmento a ser respeitado pela sua representação na economia monetária. A homossexualidade encontrou no discurso econômico um caminho para abafar o eco dos discursos religiosos, médico e de controle, reproduzindo os critérios de seleção dos sujeitos sob a ode do status econômico de valoração e respeito e garantia de direitos expressos na esfera privada. Adaptou-se com sucesso aos mecanismos de exclusão, respondendo as solicitações da economia monetária com a consolidação de fronteiras para as relações sociais.

A homossexualidade atravessou as fronteiras do tempo, do espaço e do conhecimento na medida em que buscou explodir estas fronteiras nas batalhas sociais por reconhecimento. Essa batalha se deu em diferentes esferas, mas foi na cidade grande moderna que conseguiu constituir seu exército. Não se pode negar que ainda mantêm em punho as armas utilizadas em cada uma de suas faces e que busca derrubar os resquícios de algumas fronteiras que impedem sua liberdade. Entretanto, para ocupar um lugar no sentimento dos homens reconstruiu as fronteiras do tempo, do espaço e do conhecimento em outros lugares. Homossexuais alheios à batalha foram absorvidos pela sociedade de consumo e vêm construindo entre si fronteiras econômicas. A homossexualidade assim também assumiu uma face vilã ao reproduzir mecanismos de

25 A expressão periferia é utilizada no sentido que os jovens entrevistados atribuíram ao termo ao longo da pesquisa como uma espécie categoria nativa para classificação dos territórios e dos sujeitos que os ocupam. Periferia se refere aos bairros e localidades distantes dos núcleos de sociabilidade homossexual, marcados pela ausência de espaços de lazer tolerantes ao público homossexual e de centros sofisticados de consumo. Nos discursos dos jovens a idéia de centro e periferia recebe outros referenciais interpretativos uma vez que bairros com vasta rede de serviços de consumo, lazer e cultura valorizados pelos homossexuais, mesmo quando fora do Centro, como o caso do bairro dos Jardins e Ibirapuera, são considerados centrais em oposição aos bairros que não oferecem os mesmos serviços.

exclusão. E nessa face pretendo lançar o olhar, situando-a nas tensões vividas por jovens homossexuais pobres da cidade de São Paulo.

2. A Cidade de fronteiras móveis

2.1. *Várias cidades numa Cidade*

O espírito da cidade grande parece cobrir todo o território e as mentes dos que vivem na ou da metrópole. Pode-se reconhecer um imaginário que paira sobre a cidade de São Paulo vista como um mar de chances de tornar sonhos em realidade. Para muitos este imaginário ganha concretude na conquista de um emprego, na compra da casa própria, na educação dos filhos e no tudo mais que a cidade oferece ainda que não seja de graça. Para tantos outros o mar de possibilidades continuará a configurar o enredo dos sonhos e das expectativas de um dia conquistar “uma vida melhor”. São Paulo, metrópole dos excessos e carências. Os primeiros: riqueza concentrada, pobreza, lixo, gente, luxo, poluição, trabalho, violência; estas, as carências: de transporte público, de moradia digna, de escola de qualidade para todos, de saúde, emprego. Assim a cidade não poderá ser uma, mas um composto em movimento de várias frações de um todo que desenham contrastes visíveis e invisíveis de diferentes personalidades e práticas. Por todas as características pulsantes e observáveis a olho nu, não se poderia dizer da **unicidade** da urbe paulistana, tem-se que reconhecer a **multiplicidade** e o colorido num caleidoscópio urbano e humano que forma as imagens de São Paulo.

Esta cidade, por seus encantos e desencantos, despertou o interesse de diversos estudos na geografia, política, economia, sociologia, antropologia, educação, arquitetura, artes e até dos corações curiosos focados em sua composição urbana particular nascente de uma fértil arena com volume e complexidade. A recuperação da história e das estórias da cidade (sua historicidade) e de seu desenvolvimento, sendo de fundamental importância para compreender as cidades multifacetadas que se escondem na dimensão da cidade grande, tornar-se-ia, por outro lado, inconsistente devido ao volume de trabalhos em diferentes áreas do conhecimento que buscaram pormenorizar e dissecar a dinâmica urbana. Entretanto, alguns elementos da constituição desta cidade serão importantes para auxiliar na compreensão e localização de alguns sentimentos comunitários, práticas e tensões experimentadas nas interações sociais e na relação com o espaço urbano.

Realizar um breve olhar sobre a cidade de São Paulo sem pretender esgotar a riqueza de análises sobre este objeto poderá dar pistas que levem aos caminhos da

compreensão de como a dinâmica urbana contribui para a aparição de expressões públicas de diferentes personalidades e grupos, entre eles os homossexuais, definindo áreas de tensões, disputas e possibilidades, na constituição de imaginários sobre a cidade e suas territorialidades. As múltiplas cidades, as mudanças espaciais e de organização dos espaços e os lugares apropriados e abandonados que apresentam regularidades nos desenhos de ocupação dos espaços contribuem para uma experiência particular nas formas de se viver na cidade de São Paulo.

O padrão de urbanização da cidade²⁶, historicamente, foi disperso, esboçando uma fragmentada ocupação do espaço onde as classes sociais viviam separadas por longas distâncias e caracterizadas por tipos de habitação e qualidade de vida diferente, compondo o quadro da segregação espacial das classes. Em linhas gerais, os pobres ocupavam territórios longe do Centro, que não ofereciam equipamentos públicos, em moradias de construção precária e sem a sorte do planejamento urbano; os ricos concentravam-se nas regiões mais centrais onde a oferta de equipamentos e serviços era mais abundante e o urbanismo se fazia presente. Essa forma de crescimento da cidade após experimentar o adensamento populacional, a melhoria dos serviços de transporte e a ocupação contínua do espaço urbano implodiram nos últimos anos, criando mecanismos que diminuía, em algumas áreas da cidade, as barreiras físicas entre as pessoas de diferentes classes sociais. Em características gerais:

Nos anos 70 os pobres viviam na periferia, em bairros precários e em casa autoconstruídas; as classes média e alta viviam em bairros bem-equipados e centrais, uma porção significativa delas em prédios de apartamentos. O sonho da elite da República Velha fora realizado: a maioria era proprietária de casa própria e os pobres estavam fora de seu caminho. Esse padrão de segregação social dependia do sistema viário, automóveis e ônibus, e sua consolidação ocorreu ao mesmo tempo que São Paulo e sua região metropolitana se tornaram o principal centro industrial do país e o seu mais importante pólo econômico. As novas indústrias (...) localizavam-se na periferia da cidade e nos municípios circundantes. O comércio e os serviços, no entanto,

²⁶ (...) São Paulo desenvolveu-se de acordo com o modelo europeu que valoriza o centro, onde as principais atividades econômicas e as residências das elites estavam concentradas. Quando a cidade se expandiu, os pobres foram mandados para longe, mas a elite permaneceu no centro. Apesar da importância de o centro ter sido um princípio organizador da cidade desde suas origens como uma vila colonial, o espaço urbano de São Paulo é composto de várias camadas de experimentos. (...) O espaço da cidade carrega vários tipos de inscrições: um centro velho com plano e edifícios de inspiração neoclássica; o projeto de estilo cidade-jardim para bairros de classe alta; algumas avenidas inspiradas em bulevares haussmannianos; inúmeros prédios modernistas; a arquitetura vernacular das casas autoconstruídas; a improvisação das favelas; e o desenho de inspiração pós-moderna dos enclaves fortificados contemporâneos. Alguns desses elementos deixaram uma forte marca no espaço urbano, pois foram capazes de ditar sua reestruturação. (CALDEIRA, 2000, p. 338)

permaneceram nas regiões centrais, não apenas no velho centro, mas também próximo as novas áreas de residência das classes média e alta em direção a zona sul da cidade.(...) A São Paulo do final dos anos 90 é mais diversa e fragmentada (...) continua a ser altamente segregada, mas as desigualdades sociais são agora produzidas e inscritas no espaço urbano de modos diferentes. (...) hoje é uma região metropolitana mais complexa, que não pode ser mapeada pela simples oposição centro rico *versus* periferia pobre. Ela não oferece mais a possibilidade de ignorar as diferenças de classe; antes de mais nada, é uma cidade de muros com uma população obcecada por segurança e discriminação social. (CALDEIRA, 2000, p. 228-231)

A cidade transformou-se ao longo do tempo numa densa massa populacional, abrigando mais de 10 milhões de habitantes em uma metrópole que reserva contrastes marcantes de distribuição de renda, de ocupação e da prática dos espaços, serviços públicos e de lazer e cultura. As longas distâncias não garantem mais a separação de ricos e pobres na cidade, talvez ajudem a dificultar o acesso dos pobres aos bens e serviços prestados ou limitem a circulação. O encurtamento das distâncias com a abrangência dos transportes públicos, por outro lado, não fizeram desaparecer as distâncias sociais que se tornam cada vez mais nítidas em territórios e espaços onde ricos e pobres concorrem de maneira desigual a um lugar. O bairro do Morumbi, por exemplo, é marcado pela existência de bolsões de pobreza e condomínios de luxo que disputam espaço lado a lado, mas que são imensamente separados por controles de segurança dos condomínios fechados e pelas passagens rápidas de carro (dos ricos) que garantem a separação dos dois grupos. Há também regiões da cidade distantes do Centro e caracterizadas como bastante pobres que possuem pequenos bolsões de riqueza, como o caso do bairro de São Miguel Paulista onde os territórios com ruas largas, arborizadas e casas de alto padrão são chamados de “Morumbizinhos” em alusão ao bairro dos *verdadeiros ricos*. Seria possível recolher e enunciar uma série de exemplos como estes, apresentando detalhes sobre uma diversa dinâmica de distribuição e ocupação do espaço em disputa e contrastes. A experiência cotidiana vivida em cada um dos espaços da cidade poderá, nesse caleidoscópio, ser única e particular. A experiência referenciada no Centro poderá ser diferente da experiência no bairro e nos “enclaves fortificados”; a experiência tocada pela noite poderá ser muito diferente da iluminada pela luz do dia ainda quando situadas no mesmo espaço geográfico. Haveria na cidade uma mudança constante da *etiqueta urbana* que estaria em conformidade com os cenários espaciais e temporais em que é praticada ao mesmo tempo em que sua prática conferiria novos coloridos com contornos mais ou menos fortes na paisagem. A cidade vai sendo modelada conforme múltiplos interesses econômicos, sociais e pessoais onde determinadas regiões ganhariam características, funções e modos de circulação

particulares que lhes atribuiria identidades permanentes e momentâneas instaladas no imaginário da população.

O reconhecimento de áreas da cidade com concentração de comércio especializado, popular ou de luxo²⁷; centros de lazer e diversão apropriados pela classe média, centros financeiros e de negócios, bairros com alto índice de violência, territórios universitários, regiões de prostituição e tantos outros espaços podem ganhar personalidade permanentes, sendo identificados por sua maior expressão de serviços e práticas, compondo o imaginário ou o rol de referenciais da população. Entretanto, estas mesmas áreas ou os diferentes pontos da cidade podem mudar de personalidade ao longo do tempo histórico e cronológico, configurando novos referenciais na medida em que territórios geográficos quando diurnamente caracterizados pela circulação frenética de consumidores, trabalhadores e passantes em geral (uma personalidade) poderão durante a noite ser reconfigurados pela sorte de novos sujeitos e representações que buscam na mesma geografia construir laços identitários e redes de sociabilidade (outras personalidades). As ruas do bairro de Campos Elíseos na região central da cidade, o modelo mais comum, diurnamente são praticadas pelo movimento do comércio de equipamentos eletrônicos de baixo custo (legais e contrabandeados) tornando-se uma referência para este tipo de atividade comercial quando à sombra da noite cede lugar para outras práticas como o comércio e uso de drogas. A Rua Augusta, por sua vez, no perímetro que se estende no Centro²⁸, abriga o movimento de trabalhadores dos escritórios e das lojas de artigos raros e exóticos quando a noite torna-se uma praticada e movimentada rua de prostituição, boates, bares e da “cena homossexual”, que abriga o público chamado de “alternativo”. A cidade é então uma cidade praticada que se transforma com os movimentos de apropriação e uso dos espaços onde quem dá vida e

²⁷ A Rua Oscar Freire, na cidade de São Paulo, e suas imediações. Esta região da cidade é marcada pela presença de grifes famosas de todo mundo, Armani, Dolce & Gabbana, Zoomp, Diesel a reboque dessas lojas também encontramos restaurantes conceituados, hotéis de luxo e uma série de serviços especializados para uma parcela favorecida da população. A arquitetura e design dos estabelecimentos são diferenciados. É comum as lojas anunciarem atendimento em diversas línguas e aceitação de outras moedas como dólar e euro. Promovem desfiles e festas. Há seguranças e manobristas em cada loja. Além disso, recentemente a prefeitura investiu num projeto paisagísticos com inspiração nos bulevares franceses, pavimentando ruas e calçadas, substituindo a rede elétrica aérea por subterrânea, implantando jardins e assentos nas calçadas

²⁸ A Rua Augusta liga o Centro ao Bairro do Jardins cortando a Avenida Paulista. É comumente dividida em “sentido centro” e “sentido jardins”.

colorido ao concreto gris e frio são os sujeitos que nestes sítios circulam ou evitam circular.

As várias cidades emergentes da tessitura urbana também cogitam com posturas e personalidades que nelas encontram espaço e compartilham códigos e valores comuns manifestados nos diferentes territórios e em concordância com as identidades de diversos grupos. Em sentido similar a *pluralidade de sentidos para a vida* seria possível dizer que há uma *pluralidade de formas de enunciação* dos sujeitos que estão ligadas ao contexto em que estão inseridos e ao espaço escolhido para sua aparição. Diferentes personalidades poderiam se tornar referenciais para cada lugar: o “mano da quebrada” e o “mauricinho da Vila Olímpia” estariam inseridos em contextos e modos de vida particulares, emergindo com maior nitidez em territórios da cidade que são apropriados ou praticados por estes sujeitos. A postura e os gostos enunciados do “mauricinho” poderiam gerar conflitos frente a outros jovens que rejeitam aquele modo na “quebrada” como os “manos”, assim como os gostos e posturas desse grupo poderiam fazer emergir conflitos e constrangimentos entre os “mauricinhos” da Vila Olímpia²⁹. Perceber que em determinados territórios algumas formas de enunciação são valorizadas e ou desprezadas poderá obrigar os sujeitos a modularem suas personalidades, ocultando ou exibindo características visuais que possibilitam afiliação aos grupos de modo a evitar conflitos. Os sujeitos poderão assumir diferentes posturas em diferentes pontos da cidade, forjando personalidades num mercado de negociações e possibilidades de interações, percebendo e fazendo uso de suas potencialidades e limitações. Um jovem homossexual poderá ser obrigado a ocultar traços que denunciem sua homossexualidade quando estiver transitando em territórios pouco tolerantes a esta parcela da população e logo poderá confirmar a sua homossexualidade quando estiver transitando em regiões permissivas a este comportamento.

Vários são os modos de se apropriar e de circular com certa tranqüilidade pela tessitura urbana. Vários também são os mecanismos utilizados para distinguir e organizar o espaço, mantendo protegidos de interação diferentes grupos sociais e sujeitos que não desejam se aproximar. Além das distâncias naturais e dos muros da cidade, as marcas de distinção social também poderão aparecer atreladas às formas de

²⁹ Sobre tensões entre grupos sociais, sobretudo “manos” e “mauricinhos” ver DIÓGENES (1998).

enunciação dos sujeitos, características de comportamento e de estilos que podem denunciar seus modos de vida e, por conseqüência, os tipos de relações que cada um estabelece com o consumo na cidade, com o outro e com o próprio uso do espaço, acentuando ou revelando traços de disputas por espaços de sociabilidade. O vestuário, por exemplo, pode estar ligado a diferentes identidades de grupo e ser elemento fundamental de aceitação ou reprovação dos indivíduos, aproximação ou distanciamento entre eles. A Vila Olímpia é um espaço de sociabilidade e consumo de lazer caracterizado pela presença de casas noturnas de alto custo e circulação de jovens pertencentes à classe média. É um lugar para exhibir-se, observar e apreciar o movimento. Como outros lugares, com códigos, normas e regras de cumplicidade próprias que também passam pela composição de determinados estilos. A distinção em relação ao perfil dos jovens cria uma estigmatização, gera preconceitos e mecanismos de inclusão/exclusão no interior dos estabelecimentos e também na rua. Os códigos de comportamento, consumo e vestuário são passaportes com visto de entrada e estratégias de diferenciação por meio das quais as identidades são construídas e demarcadas. No quadro de relações de “evitação”, termo construído por Magnani, a relação entre os “selecionados” e a “baianada de chinelo” (2005), põe às claras valores atribuídos ao vestuário e ao *estilo de vida* e o preconceito existente a partir dos juízos de valor que criam um muro invisível do qual se pode olhar em todas as direções. Nesse universo é possível ser observado e observar mantendo uma espécie de distância segura dos sujeitos que não se deseja aproximar. Os padrões de segregação acentuam as diferenças de classe e as estratégias de separação e encontro que extrapolam as barreiras das distâncias e muros da cidade, onde os muros já não são de concreto, mas invisíveis.

A própria constituição da cidade de São Paulo poderá favorecer que grupos e personalidades entrem em disputas por espaços de enunciação e por reconhecimento. A estrutura espacial da favela servirá para a articulação de grupos criminosos, como os bairros de padrão globalizado de consumo servirão para a aparição da homossexualidade. Personalidades e territórios poderão estabelecer relações de coexistência e interdependência na composição de diferentes paisagens urbanas. Nessas cidades da cidade que não estão resumidas a territórios geográficos frios e demarcadas por linhas divisórias é que alguns grupos podem ser evidenciados a partir da localização dos espaços de enunciação, aparição, apropriação e prática, pois “só há lugar quando

frequêntado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode ‘evocar’ ou ‘não’” (CERTEAU, 2002).

Os laços comunitários preservados em alguns territórios são protegidos pelo compartilhamento de valores entre os sujeitos que ocupam estes territórios e que muitas vezes estão referendados em padrões morais mais rígidos e tradicionais. A vida provinciana experimentada em muitos bairros da cidade, sobretudo, nas periferias, por conta da necessidade de proteção mutua de seus membros, assimilam princípios de uma vida pública que aproximam os sujeitos por identificações e juízos compartilhados.

O espaço físico da cidade materializa as hierarquias do mundo social e a sua utilização responde à condição social dos seus habitantes: na "periferia" estão não apenas os bairros pobres, mas os bairros dos pobres. Os moradores da periferia criam uma identidade que só faz sentido por contraste, compartilhando esse espaço geográfico e social como seu local de moradia, em oposição ao *centro*. Morar num bairro da periferia cria um recorte que delimita uma identidade social, revelando uma lógica de segmentação que ultrapassa os limites da localidade e desenha os contornos do espaço físico da cidade de acordo com a localização social de seus habitantes. (SARTI, 2005, p. 130)

Valores atrelados a uma espécie de masculinidade provedora, a ideais de constituição familiar tradicional, por exemplo, não admitiriam os sujeitos que expressam modos de vida diferentes dos idealizados como os da homossexualidade. O sujeito homossexual seria julgado pela vizinhança como um desenquadrado dos valores tradicionais, podendo ser considerado fruto de um desvio moral que colocaria em risco o suposto equilíbrio da comunidade. Tal juízo traria dificuldades para a manutenção de interações sociais pacíficas com a implantação de mecanismos de exclusão justificados pela desaprovação dos grupos majoritários. O sujeito homossexual não desempenharia nenhum papel positivo para a comunidade sendo um objeto dispensável para o grupo. Representar uma função social para a manutenção dos laços comunitários pode ser uma medida importante para determinar os sentimentos de rejeição. Um justiceiro, uma espécie de “bandido do bem”, que pratica crimes e assassinatos em nome da “justiça” poderá ser mais facilmente respeitado - talvez por medo da população- e incorporado na comunidade por representar uma função social definida que corrobora com os princípios de preservação, ordem e proteção da comunidade. Nesse sentido da valorização de uma moral sem ética, o homossexual será a expressão da desordem e por isso passível de rejeição.

Os sujeitos que vivem esta condição dentro de uma das cidades da metrópole, serão obrigados a eleger outros territórios para firmar relações de proximidade e

interação, buscando referenciais em outros espaços da cidade nos quais as homossexualidades já foram constituídas nos pilares da tolerância, seja no discurso dos direitos ou nos discursos econômicos. As regiões centrais, por configurarem o imaginário da população como espaços de expressão das diversidades, se tornarão um dos possíveis destinos daqueles que não encontraram possibilidade de manutenção de laços afetivos e de respeito entre os membros de seu espaço de origem, sendo obrigados a abandonar o espírito de pertencimento do bairro. Pertencer a outro lugar poderá constituir-se num objetivo a ser percorrido, provocando uma adesão compulsória a outros estilos de vida da parcela homossexual da cidade.

2.2. A cidade da homossexualidade. A homossexualidade da cidade

2.2.1. Contextos e antecedentes

As expressões das homossexualidades na modernidade encontraram nos grandes centros urbanos um espaço promissor para sua constituição e evidência. O adensamento populacional, as disputas por territórios geográficos, as lutas por “reconhecimento de direitos e participação” (FRASER, 2007), a miscelânea cultural, as motivações coletivas, os bem-sucedidos resultados dos movimentos sociais, a manipulação dos recursos comunicativos (COSTA, 2002), o desenvolvimento econômico e das ciências humanas que tiveram nas grandes cidades principais palcos contribuíram, sem dúvida, para a constituição de faces públicas da homossexualidade. Foi na complexa e volumosa tessitura urbana que ela encontrou caminhos favoráveis para se configurar, reconfigurar e fortalecer e que incorporou características e valores mobilizados pelo desejo de ser moderno. As expressões da homossexualidade, assim como outras, entraram nas disputas por reconhecimento e ocupação de territórios, cogitando com mudanças de posturas e da paisagem urbana na direção da constituição de territórios de intercâmbios para a cena homossexual nos quais diferentes sentimentos pudessem ser manifestados.

A homossexualidade no Brasil, como no restante do mundo ocidental moderno, sem dúvida, seguiu padrões similares de confirmação da sua face pública, respeitando algumas das particularidades da sociedade brasileira. Os movimentos sociais de identidade homossexual no âmbito nacional foram influenciados pelos ideais e pelas pautas de discussões que já vinham sendo experimentadas em outros países. O desenvolvimento urbano nos grandes centros econômicos e a possibilidade de acesso e de manipulação das informações correntes ofereceu subsídios para que a

homossexualidade no Brasil tomasse certa evidência na esfera pública notadamente nos anos de 1960 e 1970, sobretudo com o uso do discurso político, com destaque para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Assim como em outras partes do mundo, no Brasil foi possível verificar a existência de diferentes discursos acerca da homossexualidade: religioso, médico, controlador e outros discursos correntes que colocavam os sujeitos homossexuais nos patamares da subversão e da imoralidade, afiliando-os as redes de prostituição e do crime. Nos estudos de Green (2000) é possível encontrar uma série de documentos oficiais e históricos e descrições de medidas policiais de controle da homossexualidade nas quais os homossexuais eram tratados como criminosos e levados à prisão. Entretanto, mesmo frente ao controle policial, a homossexualidade durante muito tempo encontrou espaço na clandestinidade e no silêncio de seus representantes, emergindo para a esfera pública em “cenários especiais” como o Carnaval³⁰ que de algum modo configura-se como uma esfera tolerante a manifestação de fantasias e sexualidades.

As fantasias homoeróticas e a figura caricata do homem travestido de mulher nos bailes e desfiles de Carnaval desde os primórdios do século XX foi ponto de partida para James Green em seu estudo sobre a homossexualidade masculina no Brasil (GREEN, 2000). Durante as festividades de Carnaval homens e mulheres poderiam experimentar diferentes papéis sociais, dando concretude a algumas de suas fantasias mais íntimas. Uma espécie de cumplicidade momentânea asseguraria a possibilidade de se assumir personalidades que seriam logo desvinculadas dos sujeitos e esquecidas, ou melhor, tornadas cinzas na *quarta-feira*. Talvez um momento de ruptura do cotidiano comum onde o que é moralmente condenado pudesse ser experimentado. O jornalista e cronista João do Rio (1881-1921) acusado de escrever textos com inclinações homoeróticas, no conto de Carnaval intitulado *O bebê de tarlatana rosa*, relata de maneira empolgante os imprevistos a que todos estariam submetidos e os excessos a que estariam dispostos durante as folias de Carnaval:

³⁰ Carnavais, como Mikhail Bakhtin sugeriu de maneira memorável, tendem a ser interrupções da rotina diária, breves intervalos animados entre sucessivos episódios de cotidianidade enfadonha, pausas em que a hierarquia mundana de valores é temporariamente invertida, os aspectos mais angustiantes da realidade são suspensos por um breve período e os tipos de conduta proibidos ou considerados vergonhosos na vida “normal” são ostensivamente praticados e exibidos (BAUMAN, 2008, p.98)

Não há quem não saia no Carnaval disposto no excesso, disposto aos transportes da carne e às maiores extravagâncias. O desejo, quase doentio é como incutido, infiltrado pelo ambiente. Tudo respira luxúria, tudo tem da ânsia e do espasmo, e nesses quatro dias paranóicos, de pulos, de guinchos, de confianças ilimitadas, tudo é possível.

Na terça desliguei-me do grupo e cai no mar alto da depravação, só, com uma roupa leve por cima da pele e todos os maus instintos fustigados. De resto a cidade inteira estava assim. É o momento em que por trás das máscaras as meninas confessam paixões aos rapazes, é o instante em que as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é dúbia e todos nós a achamos inútil, a honra uma caceteação, o bom senso uma fadiga. Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes; nesse momento há um riso que galvaniza os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Pode-se dizer que a expressão pública das homossexualidades no Brasil por um longo período foi restrita a um determinado *tempo* – festividades de carnaval; a um determinado *espaço* – blocos, bailes e folias de carnaval e a uma determinada *função* – estética, alegórica, humorística. Contudo, experimentou a cultura dos encontros clandestinos, constituiu circuitos de sociabilidade no chamado submundo e encontrou a emergência de sua consciência social e política nos anos setenta, quando influenciada por movimentos que eclodiram no mundo ocidental. Sua aparição foi “além do carnaval”³¹ impulsionada pelos movimentos sociais e culturais que a colocaram do outro lado das *fronteiras da esfera privada*. Conquistou novos significados atrelados ao discurso do direito à diversidade e ocupou significativos espaços na mídia, nas ruas e no debate público num tímido processo que teve como palco as efervescentes cidades brasileiras.

2.2.2. Aparições

Na metrópole São Paulo, arena do mais alto ponto de desenvolvimento dos processos de urbanização e industrialização da sociedade brasileira, alguns territórios, sobretudo nas regiões centrais, configuravam-se como espaços de encontro de um mundo plural em áreas de concentração de diversidades (religião, cultura, nacionalidade, naturalidade, sentimento político, cor, raça etc.), possibilitando a experiência de uma vida urbana particular e global. Estes centros urbanos caracterizados como espaços de manifestação das diversas expressões socioculturais, permitiram agregar mudanças de valores a partir de constantes interações entre os grupos sociais e

³¹ Título do Livro de James N. Green que tem por subtítulo: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.

ancoradas num grande fluxo de informações que corria por um mundo em transformação. Neste cenário era possível perceber e descrever os espaços de maior circulação de homossexuais com diferentes personalidades: *michês* e *travestis* em zonas de prostituição, *transformistas* e *dragues* em casas de espetáculos, jovens homossexuais nos circuitos de *pegação* (cinemas, parques escolhidos para encontros sexuais), no esboço de uma ocupação do espaço público com redes de sociabilidade entre homossexuais e com outros segmentos da sociedade como os jovens *hippies*, artistas, intelectuais e músicos que se mostravam mais tolerantes as expressões das homossexualidades³².

Diferentemente dos Estados Unidos onde a *cena gay* ocupou espaços urbanos rigidamente territorializados com a formação de guetos, no grande centro urbano paulista havia uma circulação ainda difusa e dispersa das *homossexualidades* onde múltiplos sistemas culturais e sexuais coexistiam e interagiam. Nos mesmos espaços de encenações das homossexualidades ocorriam outras cenas como a prostituição, a sociabilidade de artistas e o lazer boêmio, por exemplo, onde redes de serviços, sobretudo, de funcionamento noturno, apresentavam-se tolerantes ao público gay. Áreas dos centros urbanos reconhecidas pela circulação significativa de homossexuais ganharam novos desenhos na consolidação da cena homossexual revelada, a partir dos anos 1990, nos perímetros centrais das cidades.

Em São Paulo a expressão da homossexualidade elegeu não por acaso a região central da capital para sua aparição. Nas imediações do Centro foi possível descrever o surgimento de locais de maior concentração, freqüência e circulação de homossexuais ainda que marcada de modo difuso e fragmentada. Vários trabalhos na área de geografia, sociologia e antropologia estiveram preocupados em mapear o surgimento e o

³² Idéias de diferentes ordens, para além dos movimentos sociais, também colaboraram para a composição da face pública das *homossexualidades*: o tropicalismo e a agitação cultural dos anos sessenta e setenta no Brasil cooperaram para outras interpretações da sexualidade. A disseminação da imagem de androgenia dos corpos anunciada pela assimilação e expressão de uma sexualidade pautada com a tendência do *unissex* rompia com padrões rígidos de masculino e feminino. Ney Mattogrosso, Gilberto Gil e Caetano Veloso, alguns dos ícones da música popular brasileira, na década de 1970, levaram aos palcos e à mídia, através de espetáculos e letras de músicas, uma sensualidade andrógena na quais elementos do masculino e do feminino se fundiam numa espécie de bissexualidade orientada para reforçar a idéia de que o amor ultrapassa os sexos. As sexualidades, dessa forma, ocupavam novos lugares na esfera pública, contribuindo para o surgimento de espaços menos clandestinos de encontro e lazer de *homossexualidades* nos centros urbanos ainda que marcados por territórios de concentração.

deslocamento de territórios homossexuais na cidade. A coletânea de textos organizados por James N. Green e Ronaldo Trindade que deram origem ao livro intitulado *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos* traz um volume considerável de informações sobre a localização de territórios homossexuais da cidade e de seu desenvolvimento a partir dos anos de 1960. É a partir desta década que o esboço dos territórios identificáveis por uma rede de estabelecimentos direcionada ao público homossexual passou a constituir a paisagem urbana do Centro³³. Tais estabelecimentos funcionavam como espaços entre o público e o privado, protegendo seus frequentadores de uma possível exposição à violência e permitindo interações entre homossexuais como descreve Edward MacRae:

Durante a década de 1960, foram abertas em São Paulo algumas boates declaradamente destinadas a um cliente homossexual de classe média, que procurava locais de encontro onde houvesse maior segurança contra ataques policiais ou de bandidos. De lá para cá, cresceu o número de casas noturnas. Mas foi nos últimos anos, especialmente depois da abertura política, que surgiu uma enxurrada de estabelecimentos diretamente voltadas para o mercado gay – bares, boates, discotecas, saunas. (2005, p. 292)

Uma das características comuns destes estabelecimentos converge para o fato de que eram destinados à classe média, uma vez que se configuravam como clubes fechados controlados pela cobrança de ingressos e oferecimento de modos de diversão sofisticados. A percepção de que o homossexual compunha uma parcela da população com alto poder aquisitivo, impulsionou o surgimento de um mercado, ainda segmentado, em plena expansão verificada pela descontinuidade da ocupação do espaço urbano, uma vez que os estabelecimentos destinados ao público homossexual estavam pulverizados entre o centro histórico, o centro novo e os bairros residenciais ao redor do Centro. A definição de uma rua ou bairro gay não era possível dado o hibridismo de uso do espaço público no qual o surgimento de estabelecimentos *gays* dividiu a paisagem com bares frequentados pelas classes artísticas e boêmios, casas de espetáculo e de sexo explícito, casas de prostituição, cinemas pornô e toda a sorte de personalidades que encontravam no Centro formas de experimentar sociabilidades menos rígidas frente aos padrões morais no esboço de uma espécie de sub-cultura social, sexual e clandestina.

³³ Para ver mais sobre a constituição de territórios de frequência homossexual na cidade de São Paulo ver PERLONGHER (2005) e SILVA (2005)

No final dos anos de 1980 foi perceptível o crescimento e adensamento dos estabelecimentos identificáveis como lugares de encontro de homossexuais no centro da cidade. A região nos arredores da Praça da República e Largo do Arouche confirmou-se como um dos destinos da população homossexual ao oferecer serviços e possibilidade de encontro para este segmento em plena expansão. A circulação de homossexuais nas ruas onde se localizavam estes estabelecimentos tornou-se mais freqüente e intensa, sobretudo aos finais de semana, consolidando um território para a cena homossexual da metrópole. Entretanto, mesmo com o processo de constituição da cena gay no centro da capital não foi possível descrever a composição de enclaves ou guetos fechados, a coexistência de modos de enunciação de diferentes grupos e personalidades sempre foi uma característica latente desses territórios. É possível dizer que esta região configurou-se como uma “mancha gay³⁴” na cidade com forma e fronteiras difusas e com intervalos entre um estabelecimento e outro na composição de tempos e espaços descontínuos. A emergência da cena gay expressa pela concentração e circulação de homossexuais era mais perceptível na cultura da noite, onde estigmatizações poderiam ser momentaneamente afastadas ou atenuadas. Assim, durante o dia espaços marcados pela circulação frenética de consumidores, trabalhadores e passantes em geral, dão lugar a novas personalidades e representações ao anoitecer numa clara mudança da paisagem. Espaços que durante o dia cogitam com a manutenção de relações mais formais – trabalho e negócios – à noite dão lugar a interações sociais mais fluídas e moralmente tolerantes. Desse modo, os territórios marcados pela presença de homossexuais seguiram padrões sistêmicos de apropriação dos espaços em movimentos de concentração e dispersão de personalidades que recebem maior evidência na cultura da noite e aos finais de semana³⁵.

³⁴ No sentido atribuído por Magnani a mancha se constitui como um aglomerado de estabelecimentos reconhecidos por seus freqüentadores como similares do ponto de vista dos serviços que oferecem e da sociabilidade que propiciam, e que apresentam uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário, constituindo pontos de referência. (MAGNANI, 2002)

³⁵ Em São Paulo ruas como Augusta e Frei Caneca, Avenida Paulista e Alamedas paralelas na região dos bairros da Consolação e Jardins, Praça da República e imediações no Centro Velho, assumem múltiplas facetas em relação aos serviços ofertados e público freqüentador. Durante o dia oferecem serviços comerciais de escritórios, de lojas e estabelecimentos comuns destinados, sobretudo, aos trabalhadores, moradores e visitantes que circulam durante o dia nessa região. À noite oferecem estabelecimentos de lazer e diversão como bares, boates, casas de prostituição e outros serviços que encontram mercado na região.

Alguns processos de transformação da organização espacial da cidade também contribuíram para o fortalecimento do Centro como um espaço de referência para homossexualidade paulistana. O êxodo residencial da classe média experimentado nos anos de 1980 a 1996 em direção a bairros mais distantes do Centro³⁶ contribuiu para a mudança de perfil dos moradores da região e das redes de serviços instaladas. Estudos demonstraram que no período os apartamentos desocupados foram comprados ou locados por uma população composta em sua maioria por mulheres e homens solteiros e migrantes de diversas partes do país. Mesmo com a permanência de equipamentos públicos, vasta rede de serviços e de atividade econômica, o Centro experimentou um processo de decadência e desvalorização dos imóveis, permitindo que outros segmentos sociais pudessem instalar residência na região. Ao mesmo tempo os estabelecimentos direcionados ao público homossexual ganhavam, nos mesmos territórios, maior intensidade, atraindo homossexuais que estavam em busca de espaços de lazer, sociabilidade e possibilidade de novas configurações familiares de diferentes localidades. A expansão e a melhora do transporte público experimentada a partir dos 80 contribuíram para a diminuição das distâncias e para a possibilidade de que segmentos homossexuais moradores distantes do Centro pudessem circular com maior facilidade entre os pontos da cidade. A confirmação da região central como uma referência para aparição das homossexualidades, o crescimento do número de estabelecimentos e serviços para os homossexuais e as facilidades de acesso ao Centro, atraíram contingentes populacionais de diferentes bairros e regiões da cidade, até mesmo as mais distantes, e de diferentes classes sociais para a composição de redes de sociabilidade e interações sociais que experimentaram conflitos frente à afiliação de classe de seus membros.

Os estabelecimentos controlados por cobranças de entrada e destinados ao público homossexual de alto padrão aquisitivo transformaram-se em vitrines para aqueles que não podiam pagar. A rua como possibilidade de um espaço anárquico se tornou um ambiente possível e privilegiado para a circulação de homossexuais pobres que se apropriaram de espaços ainda sem controle de ingressos, contribuindo para o adensamento populacional deste segmento.

³⁶ Embora a riqueza continue geograficamente concentrada, a maioria dos bairros centrais de classe média e alta perdeu população no período de 1980-96 (CALDEIRA, 2000, p. 231)

O espaço é 'público' na medida em que os homens e as mulheres com entrada permitida e dispostos a entrar *não* sejam pré-selecionados. Não se exigem passes nem há registro de quem entra e de quem sai. Portanto, a presença no espaço público é anônima, e, assim sendo, inevitavelmente, os que nela aparecem tendem a ser mutuamente estranhos, da mesma forma que as pessoas encarregadas do espaço. Os espaços públicos são locais em que os estranhos se encontram e portanto constituem condensações e encapsulações dos traços definidores da vida urbana. É nos espaços públicos que a vida urbana, com tudo que a separa de outras formas de convívio humano, alcança sua expressão mais plena, em conjunto com suas alegrias e tristezas, premonições e esperanças mais características.

Os espaços públicos são, por esses motivos, os locais que a atração e a repulsão competem entre si em proporções que se alteram de modo rápido e contínuo. São, portanto, locais vulneráveis, expostos a ataques esquizofrênicos ou maníaco-depressivos, mas também os únicos em que a atração tem uma chance de superar ou neutralizar a repulsão. São, em outras palavras, os lugares em que os modos de vida urbana satisfatória são descobertos, apreendidos e praticados em primeiro lugar. Os espaços públicos são os pontos em que o futuro da vida urbana (e, considerando-se que a crescente maioria da população do planeta se constitui de habitantes urbanos, também o futuro da coabitação planetária) está atravessando seu momento decisivo. (BAUMAN, 2007, p.102 - 103)

A aparição das camadas populares nestes territórios “forçou” alguns estabelecimentos a migrar para regiões mais nobres da cidade, acompanhando as mudanças espaciais verificadas nos mesmos períodos, e contribuindo para um processo de esvaziamento da região central (examinado no início dos anos 90) e para o estabelecimento de modelos de segregação e hierarquização dos grupos homossexuais com a assunção do discurso econômico – sua característica como grupo com alto poder de consumo - sobre a homossexualidade. Em meados dos anos de 1990 a área central dos territórios de freqüência homossexual volta a crescer constituída como um espaço decadente freqüentado por pobres e efeminados:

Muitos freqüentadores da porção gay dessa territorialidade central são rapazes de classes populares, que não moram no Centro e ali se reúnem para tomar cerveja, danças em algumas das várias boates ou simplesmente buscar possíveis parceiros sexuais, observando o movimento da rua. Com freqüência esses rapazes são chamados de “bichas quá-quá”, “bichas poc-poc”, “bichas um real” – termos pejorativos, quase “categorias de acusação”, que pretendem designar o jovem homossexual mais pobre e efeminado, de comportamento espalhafatoso e menos sintonizado com linguagens e hábitos “modernos” de gosto, vestimenta e apresentação corporal. (Simões e França, 2005, p. 317)

O discurso econômico sobre a homossexualidade, agregando valor monetário à representação do homossexual moderno, contribuiu para os processos de delimitação de territórios na cidade e efetivação de mecanismos de inclusão e exclusão entre os homossexuais nos quais o compartilhamento de códigos com referência aos padrões globalizados de consumo e a exibição de posses serviram como barreiras de

aproximação entre sujeito e grupos. Regiões da cidade consideradas nobres como Higienópolis e Jardins tornaram-se um dos destinos favoritos da classe de “homossexuais emergentes”. Nestes bairros foi possível verificar o surgimento de estabelecimentos de serviços e lazer conectados com padrões globalizados de sofisticação destinados aos segmentos homossexuais com alto padrão de consumo:

Na expansão do “gueto” em direção aos bairros de classe média-alta, que parece ter caminhado com a popularização da sigla GLS, a tendência é defrontar com a adesão mais explícita a padrões elevados e sofisticados de renda, estilo, apresentação corporal, preferências estéticas e consumo, como que conformando um público “moderno”, sintonizado com modos e modas globalizados associados à homossexualidade. Neste público, proliferam as gírias dos frequentadores de clube de música eletrônica, marcadas pelo uso de termos em inglês e que configuram uma “linguagem própria”, inacessível aos “de fora”. É esse público “moderno”, em especial, que se vale de termos como “bichas quá-quá” para designar ou acusar os jovens homossexuais pobres, escandalosos e efeminados. Em contrapartida, os “modernos” são chamados ou acusados de “bichas finas” ou “bichas ultralounge” – termo emprestado da casa noturna dos Jardins que virou referência para designar a clientela homossexual composta de “finos, modernos e bacanas”. (SIMÕES e FRANÇA, 2005, p.321)

Frequentar um ou outro território referencial para a expressão das homossexualidades poderia ser suficiente para afiliar os sujeitos a uma classe social. Entretanto, para se firmar como sofisticado não basta apenas circular por estes espaços, torna-se necessário assumir posturas que afilem os sujeitos a esta classe a partir da exibição de suas poses expressas em códigos visuais dos corpos e do vestuário com o uso de marcas e grifes. As regiões nobres da cidade transformaram-se em vitrines para a sociedade, exibindo a plasticidade de um mundo urbano ideal – moderno, limpo, monumental, com ampla rede de serviços e equipamentos públicos. A idéia de vitrine social, nos últimos anos, parece ter sido levada às derradeiras conseqüências pelos homossexuais que se apropriaram das regiões nobres de São Paulo, sobretudo os Jardins, na composição de encenações de modos de vida colocadas em exposição nas vitrines dos estabelecimentos homossexuais que permitiam aos de dentro se exibirem e observar os de fora e aos de fora olharem e desejar os de dentro. Contudo, a expansão dos territórios de sociabilidade homossexual para regiões mais nobres não coibiu a presença de homossexuais jovens, pobres e efeminados, pois como o experimentado no Centro, as ruas do bairro tornaram-se espaços possíveis para a experiência de tensões e interações (mesmo que conflituosas) entre ricos e pobres.

Em 2008 foi possível verificar na cidade de São Paulo uma reconfiguração dos espaços de sociabilidade homossexual, sobretudo na região dos Jardins onde, devido à

implantação de leis mais rígidas de zoneamento e controle do comércio, muitos estabelecimentos foram fechados ou tiveram restringido o horário de funcionamento, mudando a paisagem urbana que ganhava relevo na cultura da noite e nos finais de semana. Vale lembrar que desde 2001 a associação de moradores do bairro (Jardins) vinha recolhendo assinaturas para pedir o fechamento dos estabelecimentos, alegando excesso de barulho, sujeira e posturas extravagantes dos homossexuais³⁷. A partir desta reconfiguração houve o crescimento de boates em regiões mais afastadas do Centro e dos Jardins, notadamente na Barra Funda, onde antigos galpões industriais desativados transformaram-se em caros e elegantes redutos para o lazer e diversão homossexual, ampliando, além das barreiras sociais já existentes, as barreiras espaciais de contato e interação uma vez que estas “mega casas” (como se auto intitulam) localizam-se em áreas com escasso serviço de transporte público.

Em alguma medida os territórios referenciais para a homossexualidade em São Paulo, mesmo não configurando guetos fechados, seguiram tendências similares à própria distribuição e uso do espaço urbano, impulsionadas pelo crescimento populacional, êxodo das classes médias e confirmação de bairros e redutos destinados às elites paulistanas. A tudo isso é possível somar a assunção e disseminação do discurso econômico da homossexualidade como consumidores que contribuiu para a formação de sua face pública constituída no espaço urbano e perceptível nas ruas apropriadas. Com um olhar desatento até seria possível afirmar que São Paulo consolidou-se como uma cidade permissiva e tolerante à homossexualidade dada a força e densidade de sua aparição. Entretanto, sua aparição sofre resistências, é tolerada apenas em alguns territórios da cidade que ainda não estão livres dos conflitos por sua apropriação, sobretudo, quando ela é realizada por grupos homossexuais. É recorrente que um caso de violência, agressão e morte envolvendo um homossexual como vítima (mesmo nos territórios de referência) ainda compoem o noticiário policial. O espírito urbano da metrópole “moderna e globalizada” apenas parece encarnar em todas as direções, mas sendo possível afirmar que existem cidades inteiras dentro da cidade e que cada uma

³⁷ Em entrevista para o Jornal Folha de São Paulo a presidente da associação de moradores do bairro Célia Marcondes, responsável por recolher as assinaturas, afirmou que: O problema não é ser gay, mas tem uns que tiram a roupa, ficam desfilando em peças íntimas. A matéria levantou a opinião de outros moradores e donos do comércio da região, deixando evidente a existência de conflitos pelos usos daqueles espaços. As opiniões são divergentes e demonstram certas resistências que o público homossexual vem enfrentando na região.

delas ensaia suas regras. Tentando manter o equilíbrio instável da tessitura urbana, a homossexualidade elegeu uma cidade que se torna viva nas ruas praticada pelos *espíritos múltiplos* que se encontram e enfrentam em movimentos desafiadores de circulação empreendidos. Uma vez que “o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 2002).

2.2.3. O desafio das ruas

A cidade de tolerância e celebração das diversidades imaginável de ser vivida nas ruas ainda poderá ser impossível para muitos de seus moradores, sejam os *endinheirados* – aprisionados pelo medo e insegurança – ou os que estão à sorte das migalhas e não podem usufruí-la. Aos *endinheirados* essa cidade dos sonhos será negada pelo pesadelo do medo das ruas. Caminhar livremente pela rua poderá colocar o sujeito em contato com o desconhecido. E tudo que é desconhecido pode ser perigoso nesse mundo gestado pelo medo e pela insegurança. Para evitar o risco de ser abordado pelo desconhecido é necessário reorganizar os espaços, calcular, mapear e escolher bem os caminhos e percursos tomados na miscelânea urbana. É necessário se proteger dentro dos carros blindados, pagar por segurança privada e evitar ao máximo o encontro não planejado com o pesadelo do desconhecido. Assim, surge a necessidade de marcar os *espaços possíveis*, dizer onde, quando e como habitá-los. A rua nessa *gestão do medo* poderá ser a maior expressão do pesadelo da violência. É nela que o pesadelo pode se tornar uma realidade como a pintada nos noticiários policiais. Daí, a rua tida uma passagem obrigatória, mas temida, e assim, destinada ao tráfego rápido e seguro em direção às ilhas de seguranças – os condomínios fechados, os shoppings centers vigiados, os clubes de convivência, os bares e boates de acesso controlado. Para evitar contatos inesperados com o desconhecido há que dividir, marcar e controlar os *modos de circulação* nos *espaços possíveis*. A rua, nesse sentido, tornar-se-ia um caminho sem vida. Passagem feita de carro. Reservada dos pobres, das prostitutas, dos mendigos, dos feios, dos que não podem e pagar e, portanto, não podem conviver.

Os que ficam do lado de fora dos carros couraçados os vendo passar, externo aos muros de proteção, mas que ocupam e circulam – mesmo que mobilizados por obrigações cotidianas – e que, portanto, dão algum tipo de vida à rua. Os sobreviventes

e desafortunados, que caminham pelas vias do bairro e do centro em direção ao trabalho e a casa. Caminhar pelas alamedas das ilhas de proteção, todavia, também poderá ser perigoso aos que se aventuram nessas paisagens, pois podem ser vistos como o demônio do perigo real. “*O que estas pessoas estão fazendo aqui? Tomem cuidado!*” É o que pensam os do lado de dentro, observando o movimento. Caminhar pelos passeios dos ricos é colocar-se frente ao risco de ser abordado e constrangido. Os espaços são controlados, vigiados e carregados de uma nuvem de violência simbólica.

Entretanto, para os homossexuais que desafiam os perigos, a rua poderá ser o elemento central da vida pública, a expressão mais nítida da cidade, uma zona de confraternização, conflito, depreciação e celebração das diferenças, um palco de atuação para ver e ser visto, para pertencer e negar pertencimento. Ela permitirá que um olhe o outro, que se vejam e inclusive possam se desejar, se rejeitar, perceber, reafirmar e construir novas diferenças. É também na rua onde poderá ser rompida e reconfigurada a diferença das *homossexualidades*. Trata-se de um espaço público caracterizado pela livre circulação de diferentes tipos sociais que co-habitam e se deslocam nesses itinerários. A rua é o espaço de manifestação das *homossexualidades*, agregando jovens homossexuais de diversas classes sociais, idades, estilos de vida e lugares da cidade mesmo quando os agrupamentos não são harmoniosos.

3. Os jovens nas fronteiras

A homossexualidade em São Paulo não experimentou um mar de tolerância em toda extensão da cidade. Ela encontrou territórios e caminhos fragmentados para sua aparição se apropriando de espaços possíveis na região central, mas também encontrou resistência e violência em terrenos mais distantes do Centro. Configura-se ainda como um tabu em vários cantos. Veste disfarces para entrar nos jogos de sobrevivência.

3.1. Os jovens homossexuais em ruas de mão dupla

Os espaços caracterizados pela predominância, mesmo que momentânea, do público homossexual são freqüentados, sobretudo, por segmentos de uma população juvenil que está explorando a cidade e construindo cartografias mentais para experimentação de sociabilidades com outros homossexuais em territorialidades da metrópole. O passeio pela cidade permitirá que esses jovens possam colocar a sua vida cotidiana em oposição e aproximação com a vida de outros sujeitos, comparando estilos, visuais, personalidades e as paisagens urbanas com as quais cada um tem contato, identificando as relações que ali são pautadas. Um dos impulsos pelo deslocamento será motivado pelo desejo da descoberta e experimentação de formas de interação com outros homossexuais no sentido de constituir redes de amigos e de tipos de apoio. Nestas tramas ensaiam suas personalidades nos palcos da cena homossexual onde os padrões de masculinidades e feminilidades poderão ser rompidos e reconfigurados sob novas óticas de interpretação. São jovens, que como outros nesta fase, articulam simultaneamente distintos estilos de vida e enfrentam as tensões de sua geração, buscando modos próprios de inserção na estrutura social, ou autonomia.

Trabalho, filhos, sexualidade e saída da casa dos pais foram marcas de trânsito para a vida adulta com a juventude interpretada como um momento de transição. Entretanto, na sociedade contemporânea isso implodiu. É em uma *sociedade líquida* que a fixidez das marcas das conquistas são exauríveis, fragmentadas e suscetíveis a retrocessos. Nas escolhas que os jovens fazem sobre diferentes esferas da vida estão as possibilidades de se inserir e viver no mundo em disputas, articulando estratégias próprias para movimentação das peças do jogo. Nesse sentido, a *juventude homossexual* compartilha das mesmas angústias e preocupações de outras *juventudes*: inserção no mercado de trabalho, escolha de carreiras e estilos de vida, independência familiar,

reconhecimento público, formas de inserção social e na vida adulta e identidade de grupo que os afirmem como sujeitos. Grupos juvenis como punks, rappers, darks, straight edge, clubbers, emos, podem sofrer vitimizações semelhantes às vivenciadas por jovens homossexuais quando buscam afirmar uma identidade socialmente reconhecida. Por outro lado, não definir sua identidade também poderá ser considerado uma forma de viver no mundo líquido. Na falta de opções, no medo de optar por um caminho, num mundo em que todos procuram qualquer caminho, escamotear ou não definir suas preferências pode ser uma estratégia de sobrevivência a que se pode e deve lançar mão. O jovem homossexual também poderá não definir sua identidade pela orientação sexual se fazendo valer da possibilidade de assumir a pluralidade de sentidos para a vida e, mesmo assim, carregar as dúvidas e angústias de uma orientação sexual que se afasta do “ideal heterossexual”, podendo ser colocado em uma posição mais ambígua e, com certeza, mais vulnerável (inclusive à violência e à extorsão) do que acontece com a maioria que se referenda em masculinidades e feminilidades mais hegemônicas.

Em pesquisa realizada na 10ª Parada GLBT de São Paulo – 2006, o relatório apontou: A idade parece influenciar na modalidade de vitimização relatada pelos(as) entrevistados(as). Nos casos de agressão verbal ou ameaça de agressão, os maiores índices de entrevistados(as) que os relataram concentram-se na faixa que vai dos 16 aos 29 anos (59%). No caso de agressões físicas, os índices variam pouco - de 16% a 13% - para todas as faixas etárias exceto a que vai de 19-21 anos, na qual 20% dos(as) entrevistados(as) relatam ter sofrido agressões físicas. Quando se trata de chantagem e extorsão, a faixa que vai dos 16-18 anos concentra os(as) entrevistados(as) que mais relataram ter sofrido tal tipo de agressão (15%), enquanto as outras faixas variam de índices de 8% (22-29 anos) a 12% (acima de 30 anos). Mais uma vez, quando se trata de violência sexual, o maior índice de vitimização está entre os(as) entrevistados(as) de 16-18 anos (10%), diminuindo um pouco na faixa que vai dos 18-29 anos (6%), mais ainda na faixa dos 30-39 anos (3%) e voltando a subir um pouco entre os acima de 40 anos (5%). No caso do “boa noite Cinderela”, observamos um maior índice de relatos de agressão entre os(as) entrevistados(as) com mais de 30 anos (5,5%), com 3% de relatos entre entrevistados(as) de 16-21 anos e apenas 1% na faixa que vai dos 22-29 anos. (FACCHINI, FRANÇA e VENTURI, 2007)

Uma parcela dos jovens homossexuais masculinos pode introjetar atitudes e desenvolver comportamentos que se afastam dos ideais referendados pelos *grupos de origem* – família, vizinhança, colegas de rua, de trabalho e de escola -, revelando traços de outras masculinidades menos toleradas com a assunção e percepção de posturas identificadas como próprias do universo feminino – delicadeza no trato com as pessoas, preocupação com a aparência, docilidade, apreço por trabalhos domésticos entre tantos

atributos de origem sexista. Tais traços revelados durante o desenvolvimento da personalidade poderá colocar o jovem em conflito com o grupo de origem, criando barreiras que dificultam o estabelecimento e a continuidade das relações sociais, sobretudo, quando estas são pautadas nos tradicionalismos de uma vida provinciana. Um jovem, G, morador da periferia de São Paulo lamentou por ter experimentado uma série de ridicularizações por ele sofridas nas ruas e na escola do bairro por ter sido identificado por outros jovens como homossexual. Para ele as ruas do bairro e a escola eram espaços de medo e sofrimento na medida em que se via obrigado a evitar exposições públicas, limitando as interações sociais e a comunicação a fim de “passar despercebido” pelas rodas sociais. Lembrou que nos tempos de escola o tema da homossexualidade constituía um tabu perante colegas e professores e que ser identificado como homossexual (ou efeminado) era suficiente para gerar uma cadeia de constrangimentos e até mesmo atos de violência. Na escola qualquer traço que denunciasse uma orientação sexual considerada inadequada poderia provocar manifestações negativas por parte dos colegas e, portanto tornava-se necessário forjar atitudes e comportamentos de modo a se ajustar aos modelos difundidos:

Tinha um menino que todo mundo sabia que era gay e zoava muito com ele [na escola]. O [nome do amigo] me dizia: ‘Tá vendo o que poderia acontecer com a gente? [*caso desconfiassem que fossem homossexuais*].

Tomando este caso e tantos outros relatados em diversos canais, os jovens homossexuais podem se afastar de alguns padrões valorativos de masculinidades assumidos por outros meninos – como as formas de se inscrever no mundo, demonstração de poder e virilidade, manutenção e publicidade das relações de intimidade sexual com diversas meninas –, revelando preferências que os colocariam em suspeitas acerca de sua sexualidade. Desse modo, a homossexualidade poderá ser exposta pela manifestação de sua própria identidade; as condutas e características culturais e sociais assumidas por parte dos jovens homossexuais, sobretudo, aqueles que experimentam sociabilidades homossexuais em outros espaços da cidade, abrem possibilidades de associação, por parte dos sujeitos heterossexuais, sobre suas condutas ou hábitos sexuais que revelariam a condição daqueles jovens. Para Michel Foucault a sexualidade do homossexual, referindo-se ao século XIX, mas presente hoje, é desvelada pela manifestação das suas próprias condutas que estariam presentes nele como um segredo que se trai sempre (2005). Assim, mesmo com os esforços para não serem percebidos, os jovens homossexuais acabariam revelando traços de personalidade

e estilos de vida que os colocariam fora dos enquadramentos heterossexuais referendados em algumas das territorialidades, oferecendo elementos para que fossem classificados como homossexuais.

A percepção da condição de homossexual poderá colocar os sujeitos num novo estatuto de pertencimento ao pedaço ³⁸ de origem – vistos pelos grupos majoritários como *outsiders*³⁹ - não raras vezes, sofrendo sanções e ridicularizações por parte dos sujeitos membros daqueles grupos – os *estabelecidos* – que esboçam relações de poder consideradas legítimas no conjunto do grupo de origem (aquele que se percebe como um modelo moral). Por não compartilhar deste modelo moral, os homossexuais poderão ser excluídos do grupo de origem não sendo reconhecidos como membros de um grupo a ser respeitado e integrado.

O grupo de origem, majoritário, operando nesta lógica, reproduz estigmas para os homossexuais colocando-os como representantes de categorias inferiores da sociedade por não compartilharem, supostamente, dos mesmos valores, códigos e princípios morais assumidos como coerentes para os padrões sexistas de masculinidade e feminilidade. Ainda poderão limitar o contato e os tipos de relações sociais estabelecidas com os homossexuais, evitando relações para além daquelas que são compulsórias no ambiente escolar e institucional. O jovem homossexual estará nessa conjuntura exposto a um aumento adicional de conflitos de atitudes, papéis, normas e valores que em vez de integrá-lo a maioria, aparece como base de conflitos e que o obriga a integrar um grupo minoritário que não encontra correspondência no pedaço de origem.

As barreiras colocadas nas relações sociais tradicionais podem estar ligadas a sanções sofridas pelos jovens num processo violento de exclusão estabelecido de forma

³⁸Espaço intermediário entre o privado (universo da casa) e o público. Espaço mais particularista, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. Dinâmica estreitamente ligada ao grupo que se identifica com o espaço. Evoca permanência e pertencimento (MAGNANI, 2005).

³⁹ Estabelecidos (*establishment*) diz respeito a um grupo que se auto-percebe e que é reconhecido como pertencente a “boa sociedade” – mais poderosa e melhor, que é forjada na combinação singular de tradição, autoridade e influência – e, nesse sentido, é portadora de um modelo moral para outros agrupamentos; *outsiders* é composto por aqueles que estão fora do modelo e não fazem parte da “boa sociedade” e existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo (ELIAS e SCOTSON, 2000)

institucional do controle a partir de movimentos de perseguições (uma caça as bruxas) e violência física e moral como demonstram os dados de um estudo realizado com homossexuais em São Paulo:

Dentre as formas mais relatadas de discriminação, há predominância dos(as) que relataram ter sido excluído(a) ou marginalizado por amigos ou vizinhos (32%), por professores ou colegas de escola/faculdade (29%), em ambientes familiares (26%), religiosos (27%). Quanto a agressões a maioria (60%) afirmou ter sofrido a agressão mais marcante em local público. Logo depois, o ambiente doméstico (15%), seguido do ambiente escolar (12%), do trabalho (7%) e de estabelecimentos comerciais (5%) foram relatados como os locais da agressão mais marcante. (FACCHINI, FRANÇA e VENTURI, 2007)

A violência ocasionada pelos grupos de origem pode obrigar os homossexuais a se filiarem compulsoriamente a grupos minoritários, sobretudo, buscando inserção em redes de sociabilidade de homossexuais emancipados em territorialidades diferentes da de origem. Muitos são impulsionados a freqüentarem “espaços homossexuais” onde possam estabelecer novas relações sociais de aceitação de sua condição e personalidade. Um dos destinos destes homossexuais expulsos que não encontram mais segurança nos laços familiares e comunitários do bairro é a região central da cidade de São Paulo, ponto referencial do imaginário homossexual, onde poderão ensaiar sua sexualidade, encontrar lazer, testar sua personalidade e, quiçá, consolidar uma rede de sociabilidade e apoio em compartilhamento de costumes, troca de favores e, mesmo sem planejar, encontrar e viver os conflitos, esboçando a experiência da *mobilidade espacial*.

3.2. De volta para a origem? Nas fronteiras dos preconceitos. O quê fazer?

A *mobilidade espacial* experimentada por alguns dos jovens homossexuais não será privilégio ou escolha de todos que vivem condições de vida semelhantes frente à sexualidade e aos conflitos experimentados nos grupos de origem. Outras estratégias para incorporação e manutenção da sociabilidade homossexual (não só entre homossexuais) poderão ser constituídas como a circulação em territórios virtuais da Internet (para aqueles que têm acesso a esta ferramenta), aproximação por identificação de gostos pessoais com aqueles que têm a possibilidade dessa *mobilidade* – emancipados – ou se mostram mais tolerantes a homossexualidade entre tantas estratégias que permitam os sujeitos ensaiar suas personalidades. Entretanto, a

experiência das ruas, da mobilidade espacial, dos conflitos no espaço público se constituirá como elementos fundamentais para a experiência urbana mais intensa e para configuração de novos estatutos de morador da cidade.

A experiência urbana impulsionada pela busca de redes de sociabilidades homossexuais poderá impingir nos jovens destes grupos outros aprendizados que interferem na imagem que esses sujeitos têm de si e do mundo, gerando novos conflitos no grupo de origem, não só por conta da homossexualidade, mas por conta de outros traços assumidos que podem alargar barreiras e distancias entre os sujeitos e tensões num movimento de negação das relações de origem vividas no bairro e vizinhança.

Ao sair pela primeira vez com o espírito desbravador pelas ruas do centro da cidade em busca de redes de sociabilidade, o jovem poderá se deparar com contrastes da paisagem urbana, que despertará sentimentos adormecidos ou fazendo florescer outros que o coloca numa relação mais direta com a cidade ao perceber o que lhe pertence e o que lhe é alheio. A monumentalidade que surge na paisagem do Centro em cada rua, praça ou esquina para aquele que se desloca em longos percursos fará perceber a carência de monumentos e prédios monumentais nos bairros mais distantes (onde possa viver este jovem), colocando aos olhos do observador, imagens de uma realidade desigual da qual ele faz parte (de um dos lados). O possível encanto pela paisagem que se desenha a cada metro explorado poderá alimentar os sonhos e os desejos por uma “vida diferente” e lastreada de magia com a sensação de que compartilhar estas territorialidades monumentais coloca o sujeito em contato com um mundo globalizado. A idéia de que fazer parte da cidade é fazer parte de mundo maior torna-se um princípio ou um objetivo para estes jovens que procuram um lugar. Entretanto, as múltiplas cidades que vão se abrindo revelam um mar de possibilidades ao mesmo tempo em que oprimem e inibem a ação do novo explorador que realiza constantes reconhecimentos das áreas descobertas e tenta compreender quais os códigos compartilhados por aqueles que usufruem destas cidades aparentemente “mais modernas”. Um choque que poderá ser logo superado pela percepção da existência de uma pluralidade de sentidos para vida na qual sua homossexualidade é apenas mais um sentido possível.

A caminhada pelas ruas apropriadas e praticadas pelos homossexuais poderá colocar ao jovem a possibilidade de verificação de que ele não está sozinho com sua personalidade, pois existem muitos como ele vivendo outras interações mais harmoniosas e tolerantes frente à sexualidade do que as de outrora vividas. Ao recordar

do impacto positivo que sentiu ao ver que era possível constituir outro mundo o jovem G relatou:

A percepção de uma vida urbana diversa e diferente daquela experimentada no bairro de origem, o ensaio de uma cartografia da cidade que identifica e aponta áreas de interação, usos e apropriação dos espaços, a constituição de redes de amigos que se ligam por outras identificações diferentes dos laços comunitários até então cultivados, poderão se tornar elementos importantes para o estabelecimento de critérios de avaliação e interpretação que cada um faz da cidade como um todo e das relações sociais constituídas em cada um dos espaços, tanto na esfera pública quanto na esfera privada. No desenvolvimento das relações com a cidade o sujeito poderá romper alguns laços afetivos constituídos na infância e adolescência e confirmar outros laços de afinidades com sujeitos que não dividiram parte de sua história de opressão, negando, muitas vezes, os estilos de vida celebrados no bairro de origem e adotando uma vida dupla clandestina por ainda não ter se emancipado do ventre familiar. A adoção de uma vida clandestina onde o jovem experimenta sua homossexualidade em espaços de sociabilidade permissivos a esta experiência e ocultar traços que denunciem sua orientação sexual na família e vizinhança poderá provocar um rompimento (ou distanciamento) nas relações de origem, obrigando o jovem a se fazer valer de pequenas inverdades para manter o equilíbrio das relações familiares.

Enfim a família unida fomos almoçar fora, mas eu como sempre um pouco antisocial, de poucas palavras, não sei porque não consigo falar direito com meus pais, talvez seja o medo de eles perguntarem algo em relação a minha opção sexual e eu não saber o que falar, talvez seja isso que me distancie deles, mas não gostaria que fosse assim. Sou contra a frase “opção sexual”, se eu tivesse a opção de escolher não iria escolher isso pra mim e nem para a minha família. (diário de G)

A experiência dos deslocamentos pela cidade, a confirmação de redes de amigos e a frequência aos espaços de sociabilidade homossexual colocam o jovem frente à necessidade de se apropriar de códigos e valores comuns que são compartilhados pelos homossexuais nas ruas e estabelecimentos centrais da cidade. Entretanto, se por um lado a adoção desses códigos aproxima os sujeitos, por outro cogitam com modulações das personalidades dos jovens e com a assunção de padrões estéticos e de estilos de vida que poderão afiliá-los mais rapidamente a grupos e estilos identificados como homossexuais. A imersão experimental nas interações homossexuais poderá contribuir para que os jovens assimilem atitudes e papéis que os afastam ainda mais do grupo de origem, podendo aumentar tensões e conflitos entre os familiares e vizinhança. Ainda

assim, o reconhecimento e a aceitação de sua homossexualidade poderão alimentar desejos de deslocamentos pela cidade e de mobilizações para emancipação e saída de casa. Para os jovens homossexuais a casa dos familiares poderá ser um mundo de desconfiança e a rua configurar-se num mundo de confiança invertendo a idéia de Martins (2008, p.27) que diz “o mundo da casa é o mundo da confiança em oposição ao mundo da rua, que é o da desconfiança.” Os jovens enfrentarão o medo das ruas, aquele medo que percorre o imaginário do metropolitano, para que nelas possam ensaiar uma sociabilidade homossexual longe dos olhos dos vizinhos e familiares.

O mar de possibilidades de uma vida homossexual nas ruas do Centro está suscetível a tempestades e maremotos que se expressam nos conflitos gerados no contato e interação com outros homossexuais. A tentativa de integração no grupo minoritário não ocorre sem conflitos e sujeições. Ser percebido nos espaços de sociabilidade homossexual como morador de regiões e bairros pobres e/ou violentos, poderá gerar uma série de novos outros constrangimentos. Dizer onde mora poderá ser suficiente para causar frustrações, medos, dor e sofrimento para quem busca afirmação, tolerância e afinidade em outros espaços. Ao contar sobre a construção de novas amizades ou busca por parceiros, um jovem revelou: “[eu] falava que morava no Tatuapé, quando falava que morava no Itaim [*Paulista*], melava o esquema” (jovem, 18 anos). Nos circuitos de sociabilidade homossexual não há apenas solidariedade, mas também exclusão decorrente da afiliação de classe e, conseqüentemente, dos lugares e situações de moradia. Contribuirá para isto a imagem do homossexual emancipado e endinheirado, largamente difundida e celebrada em diversas esferas da vida – mídia, consumo e lazer – que referendam os discursos econômicos da homossexualidade na construção de personagens conectadas com padrões globalizados de estética, consumo e cultura na constituição de estilos de vida que são possíveis para os que conquistaram o status econômico. Uma parcela dos jovens homossexuais que ainda não gozam de sua emancipação e que residem em regiões periféricas, estão suscetíveis a toda sorte de deboches e constrangimentos. No próprio vocabulário utilizado por alguns homossexuais aparecem termos para designar a origem econômica ou de residência dos homossexuais como: “bicha pobre”, “bicha de Itaquera”, “bicha de lotação”, “bicha poc poc”, “bicha pão com ovo”, “bicha periférica”, entre outros termos.

A circulação nesses espaços e o contato com novos signos sociais poderão produzir mudanças no comportamento (como hábitos, padrões e consumo) que

interferem nas compreensões que o jovem tem de si, nas formas de mediar os conflitos e nas interpretações que ele tem da cidade, podendo influenciar ou impulsionar uma série de mobilizações. A partir da experiência de circulação e deslocamentos pela cidade, um jovem construiu uma interpretação dos bairros, similar a de outros jovens homossexuais, que alimenta desejos de mudança:

“Me imagino morando com um colega num ‘AP’ na Paulista, porque é um lugar em que as pessoas têm um pensamento diferente, têm um nível de cultura mais tolerante.” (...) “Andar de mão dadas [*com outros homens*] só em alguns lugares. Andava de mãos dadas [*com o namorado*] no Ibirapuera. No Ibirapuera é outro nível”. (jovem G, 18 anos)

A partir da fala do jovem, é possível inferir que ele acredita, ou reconhece que em certas regiões da cidade outros modos de vida são possíveis, diferentemente dos cultivados no bairro em que ele mora. O jovem, neste sentido, fez uma interpretação da cidade, desenhando um mapa de possibilidades e ideais de relações sociais.

Alguns dos jovens freqüentadores de espaços mais propensos a sociabilidades homossexuais se deslocam na cidade num constante processo de “vai e vem” entre o “pedaço de origem” (bairro, família, escola) e os “espaços *homossexuais*”. Esse trânsito, muitas vezes hostil, impulsiona o jovem a camuflar sua sexualidade. O percurso de volta ao grupo de origem também é espaço de transformação na medida em que obriga o jovem a forjar uma masculinidade que não provoque suspeita. Muitos garotos, sobretudo os que ainda dependem do apoio familiar adotam uma complexa vida dupla, vivem numa espécie de fronteira social, adaptando papéis e representações sociais que permitem sua circulação nas diferentes instâncias.

A negação desse trânsito e a possibilidade de residir, estudar e trabalhar em regiões mais próximas a estes espaços impulsiona alguns jovens a deixarem o pedaço rumo aos grandes centros urbanos, escapando ao controle diário da família. Outro jovem revelou que a escolha do cursinho se deu muito mais pela localização estratégica do que pelas facilidades de locomoção na cidade: “O cursinho foi um alibi para ir para o lugar que eu queria viver. Nesse lugar [*região centro da Rua Augusta*] eu consigo ser quem eu sou”. (jovem P, 21 anos)

Na maioria das vezes, as relações com os familiares não são cortadas, mas há a preocupação de se manter uma *distância segura* das possíveis sanções. Essa adesão compulsória pode causar sofrimento na medida em que o jovem tem consciência de que sua vida cotidiana fora de casa é um desagrado para os pais.

Tantos os jovens homossexuais que adotam uma complexa vida dupla transitando entre os espaços quanto os que negam este trânsito, sofrem mudanças que lhes conferem outro estatuto de morador da cidade, esboçando novas formas de viver e de nela movimentar-se, de ocupar espaços e de se inserir nas tramas oficiais dos acontecimentos urbanos.

Os jovens homossexuais expressam no *espaço público da rua* – com circulação permitida sem necessidade de permissão e sem controle de entrada e saída – suas angústias e seus desejos de reconhecimento quando encenam um *modo territorializado na cidade*. Buscam visibilidade, exigem respeito e reconhecimento social. Do mesmo modo, assimilam novos códigos de conduta, padrões de consumo e valores que muitas vezes não encontram correspondência no “pedaço” de origem e vivem novos conflitos nos espaços de sociabilidade homossexual, contribuindo para sua formação como cidadão e ser humano.

Nos espaços de sociabilidade *gay* pouco se discute sobre os diferentes conflitos vividos no “pedaço” de origem. Quando os problemas são publicizados tornam-se elementos para justificar um possível alheamento do jovem homossexual em relação às instituições de origem e seu deslocamento para regiões mais centrais. Articulam estratégias de sobrevivência, porém, a opressão sexual vivenciada no pedaço de origem não resulta numa ação coletiva de mudança nesse pedaço, assim como a opressão econômica vivenciada nos *perímetros gays* não resulta, necessariamente, numa ação coletiva de mudança e incorporação de novos membros. Assim, o jovem homossexual de camadas populares poderá ser obrigado a mediar os conflitos vividos no grupo de origem e nos espaços de sociabilidade de forma individual, muitas vezes realizando mobilizações particulares. Essas mobilizações, por sua vez, são impulsionadas pelo desejo de novas relações sociais que são experimentadas a partir dos trajetos e dos movimentos de circulação pela cidade de São Paulo. Desse modo, os movimentos de circulação permitem experimentar múltiplas relações sociais, sendo constitutivos da formação dos sujeitos, além do que confiam elementos para a leitura e apropriação da cidade, conferindo um novo estatuto de morador da cidade e novos sentidos para a vida. Para estar na cidade, na condição de consumidor, mas não para mudar a cidade. O contato com os excessos da cidade exigiria que tais jovens assumissem posturas de experimentação das possibilidades ofertadas e/ ou alheamento aos estímulos.

3.3. Fazer a egípcia para atravessar as fronteiras

A cidade produz excessos. Os excessos podem alimentar os que vivem de migalhas. Podem nutrir os sonhos dos que desejam banquetear-se da farta produção da vida urbana. Mas também podem induzir ao sentimento de fracasso diante da incapacidade de absorver novas experiências “disponíveis” no tecido urbano. Os excessos colocam os moradores da metrópole frente às dificuldades de assimilação das informações e dos estímulos lançados. Obviamente não será possível estar em todos os lugares ao mesmo tempo e não menos difícil será decidir com propriedade onde estar. Na metrópole o intelecto do homem é estimulado pelas trocas rápidas e contínuas das impressões externas e internas vividas, resultando numa “intensificação da vida nervosa”. Para se proteger nas metrópoles o cidadão é obrigado a mascarar seus sentimentos e buscar meios para fugir às solicitações exteriores, assumindo certo ar *blasé*. A incapacidade de reagir com energia aos estímulos, o abrandamento e a tentativa de anular o valor das diferenças entre as coisas, a tomada de distância interior a partir da estetização (ou plasticidade) da realidade, a assunção de máscaras e representação social são características da *atitude blasé* que nasce nas grandes cidades como resposta a hiperestimulação dos sentidos (SIMMEL, 1995). Outra saída, possível com auxílio das tecnologias virtuais, seria abandonar a possibilidade de experimentação da cidade e colocar-se, por proteção ou frustração, diante de territórios artificiais. Entretanto, o estímulo à participação colocaria o morador da grande cidade na linha de frente dos questionamentos sobre sua ausência neste ou naquele evento. Logo suspeitariam de sua clandestinidade e subversão da moral, afinal como diz a propaganda de um provedor de internet “o mundo não é de quem fica parado”.

Circular pela cidade de forma descomprometida observando livremente as vitrines sociais poderá ser um caminho de compreensão do tecido urbano. Na cidade moderna do *imaginário do impossível*, as ruas são abertas à livre circulação e a convivência pacífica das diferenças. Nela, os farrapos dos sonhos poderiam se tornar o tecido da realidade. É o espaço aberto para ser aproveitado por todos, protegido pelo anonimato das massas e pela privacidade. A *etiqueta urbana* das grandes cidades tornaria possíveis e seguras as interações públicas entre pessoas estranhas. Assim seria possível ensaiar o passeio do *flâneur*. Aquele sujeito que caminha tranqüilamente pelas ruas, observando discretamente as vitrines sociais sem ser notado. Um observador que ao evitar se inserir na paisagem perambula com inteligência, buscando uma nova

percepção da cidade. Talvez encenar um espírito curioso que enriquece o seu mundo interior a partir da experiência constituída de um conjunto de sensações. Um espírito capaz de poetizar a realidade a partir da configuração de informações imprecisas sofre os fenômenos sociais. O *flâneur* poderá entrar e sair livremente dos mais variados ambientes, misturando-se a todos eles como um possível simpatizante, desfrutando do anonimato da multidão (BENJAMIN, 1985). Entretanto, ensaiar a flânerie poderá ser privilégio de poucos concedido apenas àqueles que gozam de possibilidades de interagir e fazer uso de outros espaços.

O que entra em jogo na metrópole muitas vezes será a necessidade de se encontrar artifícios para tomar distância da realidade. Assumir personalidades, figurinos artificiais capazes de transformar a realidade numa massa plástica, buscando compensações para se defender do envolvimento com as coisas. O *flâneur* e *blasé* se aproximam ao comungar uma artificialidade das relações sociais e pessoais no mundo moderno. O *flâneur* e o *blasé* nascem do espírito da metrópole moderna e dela precisam para viver. Mas o corpo da grande cidade também é habitado pelo demônio dos abismos sociais que fragmentam a possibilidade de encontro. Na metrópole também nasce o espírito do medo que desafia a circulação. Assumir a “atitude de egípcia” poderá ser uma alternativa para os jovens homossexuais que se deslocam pela cidade.

Nos termos utilizados pelos jovens homossexuais aparece a expressão “fazer a egípcia” que significa assumir uma postura de alheamento aos conflitos e tensões vividos nas situações de interação social entre os jovens. Quando um rapaz é provocado pela sua condição econômica ou sexual nos espaços de sociabilidade ele poderá lançar mão de uma atitude similar ao do blasé, tomando distância do conflito como se este não o atingisse. A *egípcia* exprime um olhar de desprezo para toda atitude e situação que o jovem não pode ou não quer enfrentar: “quando alguém mexe comigo eu logo faço a egípcia. Olho por cima do ombro e faço de conta que não é comigo” (jovem Z, 21 anos). A *egípcia* surge como uma estratégia para atravessar as fronteiras de modo alheio aos conflitos, desprezando os constrangimentos vividos no cotidiano. A *egípcia* torna-se uma releitura do comportamento social que faz uma junção entre o *flâneur* e o *blasé* onde emerge a personalidade da *egípcia* que mesmo frágil no íntimo coloca-se num patamar de superioridade conquistada pela capacidade do desprezo e alheamento.

4. Do outro lado da fronteira da sexualidade se avistam as fronteiras do consumo

“Ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro se tornar mercadoria”.

Zygmunt Bauman, 2008, p. 20

Áreas da cidade de São Paulo reconhecidas pela circulação significativa de homossexuais ganharam novos desenhos na construção de uma chamada “cena *gay*” revelada, a partir dos anos 1990, num perímetro que compreende desde a Praça da República até as imediações do Bairro dos Jardins, a ter como via de trânsito/ ponte/ fluxo especialmente ruas como a Frei Caneca e Augusta. James Grenn (2000), ao traçar a história da homossexualidade no século XX no Brasil, deu destaque especial para grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, revelando, entre tantas coisas, os territórios de preferência dos homossexuais urbanos, localizados especialmente nos bairros centrais, e os deslocamentos realizados pelos sujeitos na constituição de novos territórios de frequência homossexual. Parte do trabalho de Grenn é orientada para toda a sorte de relações sociais que envolviam homossexuais masculinos na região do Vale no Anhangabaú (no início do século passado) e da Praça da República e do Largo do Arouche (no final do século), apontando estes locais como um *reduto gay* em plena expansão. Seus estudos históricos deram conta dos movimentos espaciais que os homossexuais realizaram na cidade de São Paulo no século XX sem trazer à tona questões mais particulares dos sujeitos dos grupos observados. Julio Assis Simões e Isadora Lins França (2005) ao descreverem os espaços de sociabilidade homossexual da cidade avançaram, com as observações dos grupos, nas descrições sobre a expansão dos territórios gays na capital paulista, apontando para alguns processos de territorialidade, marcados por traços de distinção econômica entre os grupos.

Nestes espaços que se distinguem não só por ostentar a bandeira *GLBT*, mas por lastreá-la de prata, ouro ou diamante, clarificando que o poder de compra e consumo é definidor do perfil de seus freqüentadores, encontramos jovens que disputam um lugar

ao sol, assimilando lentamente regras de um jogo *dentro-fora* desigual e quiçá sendo escalados para um dos times auto intitulado de *ganhador*. Nesse jogo compartilham-se conjuntos (in)comuns de símbolos e códigos que ligam seus participantes por identificações, aproximando e afastando grupos que se desenham a partir uma série de classificações que associam diferentes características à afiliação de classe, cultura, consumo, gostos pessoais e escolhas particulares. Para Bauman os indivíduos também podem se construir como sujeitos através do consumo e da exibição de suas posses que permite a subjetivação e a criação de identidades:

O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre ‘mantendo as opções abertas’’. (1998, p.112-113)

Os códigos de identificação criados influenciam diferentes esferas sociais (pessoais e espaciais) ao mesmo tempo em que são recodificados por elas mesmas, esboçam novos desenhos e contornos às relações sociais e espaciais numa constante modificação dos ambientes – e os ambientes se transformam conforme sua clientela e ao se transformar criam uma espécie de seleção “*natural*” dos tipos econômicos que ali poderão freqüentar. Ou seja, são criadas fronteiras (in)visíveis que se fecham e se abrem num controlar de acessos para este ou aquele sujeito. Nesse jogo, de algum modo, particularismos e uma falsa sensação de individualização se confundem com pensamentos e atitudes padronizadas.

As regiões nas proximidades do Bairro dos Jardins e da Avenida Paulista, onde podemos observar esse jogo, por exemplo, são assinaladas como espaços de alto padrão de serviços, lazer e estética, freqüentados por homossexuais de classe média e alta, conectados com tendências londrinas e atentos para os ares pitorescos do folclore brasileiro. Firmaram-se como um dos lugares preferidos de freqüência homossexual na cidade de São Paulo⁴⁰.

⁴⁰ Para uma descrição detalhada dos “espaços gays” e dos processos de expansão da cena gay em São Paulo e a acomodação de novos estabelecimentos de prestação serviços em regiões nobres da cidade, ver: GRENN e TRINDADE, 2005

È nesse território que se encena o jogo de inclusão/ exclusão, dentro/fora que faz com que a “cena gay”, aparentemente definida pela oposição central heteros/homossexuais, se revele heterogênea, diversa, múltipla. Um dos elementos definidores das separações/ exclusões, é o acesso ao consumo, demarcando as oposições sociais nesse grupo “pintado” de forma tão homogênea.

Uma parcela dos jovens homossexuais que ainda não gozam de emancipação financeira e/ ou que residem em regiões distantes do centro ou caracterizadas como pobres estão suscetíveis a toda sortes de deboches e constrangimentos. No próprio vocabulário utilizado por alguns *gays* aparecem termos e expressões para designar a origem econômica ou de residência dos homossexuais como já mencionado: “bicha pobre”, “bicha de Itaquera”, “bicha de lotação”, “bicha poc poc”, “bicha pão com ovo” para lembrar alguns termos, que classificam de maneira pejorativa e afastam indivíduos não desejados. Nos circuitos de sociabilidade homossexual não há apenas solidariedade por afiliação de orientação sexual, como poderia ser pensar, mas também forte exclusão decorrente da afiliação de classe e, conseqüentemente, dos lugares e situações de moradia. Para ter acesso aos espaços torna-se necessário fazer uso do *direito de consumir*. Nesse sentido, exibir a possibilidade de lazer e diversão numa cultura consumista poderá ser interpretado como um mérito de poder ter uma vida consumidora que afirma o sujeito como um indivíduo privado, ou no limite como um objeto passível de ser observado e desejado por outros. A lógica é estabelecida a partir das condições que o sujeito tem de se tornar um produto vendável e assim consumível. Ser desejado e alvo de bons comentários tornam-se uma meta no jogo de *dentro-fora* para sair da invisibilidade e atrair o olhar do outro. O sujeito desejado poderá ganhar um ingresso para o um mundo sonhado.

Quando o jovem pobre consegue forjar temporariamente sua condição a partir de disfarces visuais dados por suas roupas e aparência⁴¹, ser percebido nos espaços de sociabilidade *gay* como morador de regiões e bairros pobres e/ou violentos, poderá gerar uma série de acanhamentos. Para Boudieu existem maneiras de ser que denunciam a origem social mesmo quando os sujeitos conseguem ocupar por dado momento

⁴¹ A importância dada à aparência e as práticas corporais como forma de distinção e associação é tratada em SANT’ANNA (2005)

patamares que os colocam em posição de igualdade frente ao volume de bens e propriedade:

Ao comparar as práticas de agentes que possuem as mesmas propriedades e ocupam a mesma posição social em determinado momento, mas separados por sua origem, a análise estatística realiza uma operação análoga à percepção comum que, em um grupo, identifica os novos-ricos ou os desclassificados, apoiando-se nos indícios sutis das maneiras de ser ou da postura em que se denuncia o efeito de condições de existência diferente da trajetória modal no grupo considerado. (BOUDIEU, 2007, p.103-104)

Dizer onde mora pode ser suficiente para causar frustrações, medos, dor e sofrimento para quem busca afirmação, tolerância e afinidade. Ao contar sobre a construção de novas amizades ou busca por parceiros, um dos jovens entrevistados que se esforça para manter uma aparência desejável aos homossexuais mais ricos revelou: “[eu] falava que morava no Tatuapé, quando falava que morava no Itaim [*Paulista*], melava o esquema” (jovem homossexual, 18 anos).

Os estilos de vida celebrados por homossexuais de classes mais favorecidas, além dos referenciais de vestuário, lazer e diversão, pressupõem condições de moradia confortáveis em bairros centralizados e de alto padrão além de emancipação familiar e financeira. Lembramos que aspectos de uma vida confortável e glamorosa são bombardeados pelas inúmeras propagandas difundidas nos circuitos gays da cidade. A mídia dita especializada para este público e os panfletos distribuídos na noite exalta padrões de beleza e destacam características atreladas ao poder de compra e ao livre acesso, esboçando essa parcela da população como detentora de alto poder aquisitivo, conectadas com as elites da moda e o mundo do turismo. Uma revista destinada ao público gay intitulada DOM – que significa: “De Outro Modo”, lançada em 2008 no Brasil, além de trazer tímidas informações sobre sociedade e saúde, traz densamente em suas páginas propagandas ostensivas das mais caras grifes de modas do mundo, anuncia ofertas de pacotes turísticos especiais com atendimento personalizado, sobretudo para Europa, destaca as casas noturnas e restaurantes mais luxuosos da cidade de São Paulo, entrevista *celebridades do mundo gay*, e celebra a beleza e perfeição dos corpos desejáveis. Oferece, assim, elementos importantes para construção de personalidades ideais, ou melhor, da *pessoa ideal*. Recentemente uma novela de um importante canal de televisão de abrangência nacional ofereceu ao público, sem qualquer distinção, o drama de um *casal gay* que enfrentava a dificuldade de explicitar sua relação matrimonial entre os colegas de trabalho por medo de ser obrigado a conviver com o preconceito e perder o emprego, mas que por outro lado gozava de um alto poder

aquisitivo, sólida formação acadêmica, exibindo seu referencial de beleza e padrões estéticos globalizados. Recorrendo à memória podemos lembrar-nos de uma vasta lista de filmes hollywoodianos, que quando não tratam do *drama da AIDS* que “assombra a homossexualidade” ou de uma “degradante” e “violenta” relação com a prostituição em sua maioria com finais trágicos, envolvem a homossexualidade numa embalagem glamorosa que desperta sonhos e desejos comuns.

O dia estava frio e muita gente bonita. Nossa, se eu tivesse a beleza aos padrões que a mídia coloca eu sairia beijando todo mundo, rs... Quem dera, mas realmente as pessoas são belas e a cidade maravilhosa. A vida é bela e o paraíso é um comprimido. (diário de G)

Os traços de distinção econômica entre os grupos de homossexuais não se dão apenas pelos territórios ocupados e freqüentados. Nestes podemos perceber a celebração de estilos de vida que têm o poder de consumo como regulador de acessos e marcador de diferenças que formam *novas fronteiras* para aqueles que não dispõem de condições econômicas favoráveis à constituição de modos de vida exaltados por aqueles que gozam de padrões elevados de renda. Essas fronteiras por sua vez não se configuram como uma barreira intransponível, na medida em que existem estratégias para sua transposição, mas não para sua superação (ao menos neste momento). A fronteira econômica serve como uma redoma protetora daqueles que buscam distanciamento dos homossexuais mais pobres, conferindo uma falsa solidariedade entre aqueles que pertencem a camadas mais privilegiadas dessa população. Entretanto, estas fronteiras, para usar o termo de Canclini (2003), são “porosas”, ou seja, apresentam brechas e irregularidades que permitem que *os de fora*, numa combinação de estratégias e desejos, possam, por um curto período de tempo, participar dos jogos de sedução e aproximação *dos de dentro*. A porosidade dessas fronteiras possibilita uma passagem para aqueles que abrem mão de alguma solidez em suas identidades transformando-se em “seres líquidos” e adaptáveis às novas condições. Tornar-se um *líquido* pouco denso, afastando momentaneamente traços da personalidade que possam denunciar um *passado-presente* pobre, permite que os jovens homossexuais “*do lado de fora*” da redoma encontrem formas de participar dos jogos estratégicos de afiliação produzidos pelos homossexuais.

As condições de afiliação ao grupo de homossexuais que celebram padrões de vida sofisticados pressupõem, num primeiro momento, entre outras coisas, regras de conduta que têm como forte característica *modos de diversão* conectados com padrões globalizados de fruição do tempo livre e *modos de vestir* conectados com padrões e

tendências anunciados pela indústria de moda e estilos. Nesse sentido, os sujeitos poderão ser interpretados, e assim classificados, pelas roupas que usam e pelos lugares que freqüentam.

Há na expressão de *homossexualidades*, como resultado da organização econômica e social das sociedades capitalistas ocidentais, uma *produção de idéias e sonhos comuns* que são consumidos por diferentes segmentos, mas que escamoteiam desigualdades entre ricos e pobres, de padrões de consumo e de mobilidade social e espacial. Desse modo, a possibilidade de sustentação de determinados padrões de consumo define o tipo de acesso que cada sujeito terá aos bens e serviços ofertados aos homossexuais. Alguns bares e casas noturnas, além de fazerem restrições a alguns tipos de vestuário, cobram ingressos considerados caros para grande parte da população⁴². Nesse sentido, freqüentar este ou aquele lugar também poderá definir quais as possibilidades de assertivas sexuais e relações de sociabilidade que serão estabelecidas entre *gays*, tanto entre *os de fora* com *os de dentro*, quanto *os de fora* e *os de dentro* entre si. A capacidade de consumo aparece como um critério importante na definição dos tipos de relações sociais estabelecidas entre homossexuais, relações de aproximação ou “evitação”⁴³. Um dos jovens entrevistados, de maneira objetiva, apontou em uma de suas falas o recurso financeiro disponível como determinante na escolha do local de lazer e diversão, revelando como o dinheiro expresso nos modos e na aparência poderá ser definidor das possibilidades de acesso e interação entre os sujeitos:

Não tem como se divertir sem grana, ainda mais no mundo gay que o que vale é a grana e a roupa que você veste. (...) depende de quanto eu tenho eu escolho a diversão (jovem P, 21 anos).

Ao perceber que uma das regras de afiliação é dada pela aparência, os jovens homossexuais mais pobres buscam alternativas para escamotear sua condição econômica e aumentar suas possibilidades de sucesso na travessia de uma das fronteiras. Compreendem que uma das regras do jogo é assumir uma plasticidade que lhes confira

42 Algumas casas noturnas como “The Week”, “Flexx” e “Vegas” cobram ingressos que variam de R\$50,00 a R\$100,00 dependendo do tipo de festa oferecida.

43 Termo utilizado por Magnani para definir as relações e critérios de distanciamento entre os grupos.

certa “hibridação”⁴⁴ a partir da qual não tenham sua imagem imediatamente associada a baixas condições financeiras. Ter a condição social ofuscada pelo uso de roupas caras, por um momento marcado pelo tempo e espaço – período em que compartilha a diversão em bares ou casas noturnas freqüentadas por homossexuais mais “endinheirados” e, sobretudo, nas ruas, permite que esses jovens arrisquem novas interações afastando temporariamente o fantasma da discriminação.

O mundo gay tem uma relação estética muito forte. O cara pode estar fodido, mas quer estar numa estética, cabelo cortadinho... Mas eu me vejo destoante. Não tenho grande vaidade. E daí você percebe que as pessoas te olham mais de uma vez. Existe uma discriminação. O pessoal às vezes olha estranho. (...) você não precisa ser rico e poderoso, importa o que você parece. Ninguém se importa em quantas vezes você pagou a calça da Diesel. Importa que você tem.” (jovem P, 21 anos)

Atravessar uma das fronteiras ostentando determinado vestuário cultuado aumenta as chances de interação dos jovens homossexuais mais pobres ou iniciantes com os mais “descolados”, mas também coloca o sujeito frente a outros dilemas. Para manter ou forjar esta *aparência aceitável* será necessário realizar um esforço de acumular os poucos recursos financeiros, o que não será privilégio de todos, para aquisição de *novas indumentárias*, muitas vezes sem sentido, para evitar as humilhações sociais e as possíveis ridicularizações⁴⁵.

“[eu] tinha que descolar dinheiro para comprar roupa de marca para não parecer que vinha da favela. Caso saísse de qualquer jeito iriam logo perguntar: ‘o que você está fazendo aqui?’ ”. (jovem K, 21 anos)

Dispor de algumas peças do vestuário da moda poderá ser uma estratégia eficaz nas tentativas de aproximação e transposição de algumas fronteiras, mas apenas numa relação superficial e de curto prazo, dado que na tentativa de estabelecimento de relações mais duradouras o jovem poderá sofrer novos constrangimentos ao ter sua condição econômica revelada. O estabelecimento de relações mais intensas entre os

⁴⁴ Néstor García Canclini (2003) em um dos seus trabalhos sobre a “hibridación” destaca que um dos aspectos deste fenômeno é a tentativa de relativizar a noção de identidade. Com o estudo dos processos de hibridação podemos localizar as relações de poder existentes na nomeação do mundo.

⁴⁵ Diversas casas noturnas oferecem pequenos shows conduzidos por dragues queens que realizam, além de suas performances, pequenas “gincanas” com a participação do público. Nestes espetáculos os sujeitos são convidados a subirem ao palco e recebem uma saraivada de piadas inspiradas pelas características de cada participante. É comum, ou melhor, faz parte do desempenho, que a “espetaculista” faça perguntas sobre o local de moradia dos participantes sem deixar de debochar da resposta dada, insinuando que o sujeito foi de lotação ou caravana. Também faz piadas sobre as roupas que usam e seu tipo físico. Estes shows são considerados momentos altos da noite e parecem agradar aqueles que não são expostos.

sujeitos, além dos códigos de aparência, poderá exigir a combinação de padrões de consumo de lazer e de diversão que não poderão ser sustentados por jovens homossexuais mais pobres. No modelo argumentativo de Zenão, considerando uma série infinita de pontos na trajetória de uma corrida, Aquiles jamais alcançará a tartaruga se esta tiver uma pequena dianteira no momento da largada. Partindo Aquiles do ponto A e a tartaruga do ponto B da trajetória, no momento seguinte, Aquiles estará em B e a tartaruga em C. Logo, a considerar que os dois devem percorrer, sucessivamente, uma série infinita de pontos da mesma trajetória, não só nunca chegarão ao ponto final, como Aquiles nunca alcançará a tartaruga por causa de sua dianteira inicial. Em referência à aparência, a fugacidade dos modismos, característica das sociedades “líquido-modernas”, exige uma corrida contra os *novos tempos* onde o produto consumido se torna obsoleto logo após sair da vitrine e deverá, assim, ser substituído por outro ainda mais novo.

Nessa corrida os jovens homossexuais mais pobres estão em desvantagem, como Aquiles, pois ao correrem atrás de subterfúgios que lhe confirmem alguma igualdade de participação na *solidariedade dos de dentro*, como o uso de roupas caras, quando alcançam este objetivo já será demasiadamente tarde, uma vez que os modelos já foram substituídos. Assim, um dos critérios de seleção estabelecidos *pelos de dentro* para a afiliação de novos membros é o poder de mudar com constância e rapidez estando-se sempre conectados com *novas ondas*. Aquele que não tem condições de *chegar junto* aos novos pontos dessa corrida é considerado obsoleto e, portanto, não desejável. A impossibilidade de consumir com a mesma rapidez exigida poderá ser fator determinante na exclusão e discriminação de uma parcela dos jovens homossexuais.

Os de dentro, nessa lógica, são os que obtiveram êxito tornando-se espécie de *mercadorias*. Foram bem sucedidos por uma infinidade de fatores e agora possuem o mérito de pertencer ao grupo seletivo e contribuir para os arranjos de novas regras e de participar da seleção/ exclusão dos que neste grupo pretendem entrar. *Os de dentro* desejam os outros que também se apresentam como mercadorias desejáveis e visíveis num compartilhamento de códigos comuns. *Os de fora*, por sua vez, continuam travando uma luta estratégica, travestindo-se dessas mercadorias, sendo algumas vezes exitosos, na tentativa de articular as regras do jogo a seu favor para que em algum momento possam ganhar uma etiqueta que lhes confira valor e status. Despertar o desejo no outro, forjando uma identidade fluida para se tornar algo desejável, é um dos

passos para se conseguir um *visto de entrada* a ser apresentado aos agentes de imigração do mundo dos sonhos. Nessa jogada ser sujeito é ser objeto.

Os jovens que, ao articularem suas estratégias conseguiram o passaporte carimbado aproximando-se *dos de dentro*, desenham novas estratificações de grupo. Ao conseguirem atravessar a fronteira porosa, mesmo que uma única vez ao mês, ganham status de *mercadoria de segunda classe* que lhes confere certa vantagem frente aqueles que ainda estão na disputa por um lugar no jogo ou que iniciaram na corrida agora. As travessias que os colocam temporária e superficialmente, pelo menos na visão dos iniciantes, no patamar *dos de dentro* não significa fim de jogo e nem afasta o esforço de forjar novas estratégias. Os que ocupam esta *posição itinerante* logo terão que assimilar outras regras a fim de aumentar e fortalecer as possibilidades de engajamento com *os verdadeiramente de dentro* e assim permitir que avancem mais uma casa do tabuleiro da vida. *Os superficialmente de dentro* deverão incorporar os mecanismos de inclusão e exclusão afastando os que tentam atravessar a fronteira. Ser solidário com aqueles que desejam atravessar a fronteira poderá depor contra aquele que após tanto esforço conseguiu se aproximar *dos de dentro*. Qualquer vacilo poderá diminuir as chances de êxito na aproximação e estabelecimento de novas relações sociais com *os de dentro*. Nesse sentido, o jovem que conseguiu atravessar a primeira etapa da fronteira é absorvido pelas regras e passa a excluir os outros porque uma das regras de afiliação é excluir. Criam uma política de vida individual e reproduzem a lógica do jogo onde quem não conseguir êxito poderá ficar fadado à depressão e à exclusão.

O desempenho individual é avaliado e a falha só poderá ser atribuída ao indivíduo. Assim como a mercadoria é avaliada individualmente por sua aparência, status e funcionalidade e consumida apenas se atender aos desejos de seus consumidores, os jovens que se aventuram a novas relações de sociabilidade são avaliados. Suas falhas não poderão ser delegadas a nenhum sistema maior. Quem alcança sucesso - ou - não é o sujeito individualmente e a regra é investir na afiliação social de si próprio.

Na mediada em que jovens homossexuais de classes desfavorecidas, na busca de espaços mais tolerantes frente a sua sexualidade, são discriminados por sua condição econômica e obrigados a vencer e a transpor os abismos e muros sociais, articulam estratégias de sobrevivência. Porém, a opressão econômica vivenciada nos *perímetros gays* não resulta, necessariamente, numa ação coletiva de mudança e incorporação de

novos membros. Assim, o jovem homossexual de camadas populares poderá ser obrigado a mediar os conflitos vividos de forma individual, muitas vezes realizando mobilizações particulares.

5. Fotografias transitórias

Trechos de Carta aos noturnos

Manhã de sexta-feira, a expectativa da quinta se transforma em ansiedade. Cair da tarde anuncia o final do expediente. O happy hour, os amigos, a cerveja, o riso, a festa, desenham, com a lua, os variados e delimitados campos dos bares, das calçadas e das ruas da cidade. Mesas adornadas de sujeitos que na maior parte da semana são bancários, secretárias, contabilistas e auxiliares administrativos se transformam em palco para encenação de sonhos, expectativas, frustrações e desejos. Mesas adornadas de sujeitos que na maior parte da semana são funcionários ajustados dos escritórios, se transformam em arenas de conversas informais. Ao menos para aqueles que podem disputar um lugar à mesa.

Nas mesas, jovens, homens, mulheres, velhos, cristãos, partidários, casados, solteiros (...) cada um carregando sua personalidade. Rapazes que oito horas por dia são bancários, quatro horas estudantes, outras tantas filho, duas horas religioso, três horas jogador de futebol (...)

Cada mesa: um grupo. Cada grupo: um bar. Cada bar: uma rua. Cada pedaço: um mundo pintado de histórias, (...) um colorido que compõem o mosaico que borra a cidade.

Cena que poderia ser de qualquer lugar, mas aqui, São Paulo. Uma específica. O Centro. O berço tolerável das diferenças e da diversidade. O espaço demarcado para a vida urbana (...) Será? Talvez não tão simples! Talvez não tão óbvio. Mas tanto faz.

Caminhar por madrugadas pela cidade e descobrir um novo sonho: a realidade. Descobrir uma vida pintada com poesia, solidão e gozo. Encontrar pessoas dispostas aos beijos, flertes, carinhos em cantos escuros. Nos balanços da noite regidos pelo som frenético da música eletrônica, participar da busca de outros pela transcendência – se bem que eles não sabem que estão fazendo isso. Mas encontrar amigos disfarçados.

Nessas noites não existem juízes. São todos réus, não confessos, da própria culpa. Mágica noite! Tudo é disfarce e verdade. Tudo são fugacidade e eternidade. Ao amanhecer, perceber que as pessoas são anônimas: sem identidade, sem endereço, sem possibilidade do amanhã. Duro enfrentar o cotidiano iluminado pelo sol que ofusca o brilho da noite. O que conforta é imaginar que o sol dormirá e a realidade brilhará outra vez. (...).

Já é noite. A festa se faz presente e cheia de novos, velhos e futuros responsáveis. A música passeia entre o jazz, blues, soul... Toda seriedade é rompida com a invasão do palco. Nasce outra vez a realidade da noite nas ruas de São Paulo. Pessoas dispostas ao encontro e sedução. O cansaço arrisca prender em casa. Mas é noite! Caminhar pela praça em busca da solidão e encontrar amigos. E após caminhar até doer os pés, as pernas e finalmente o coração, voltar para casa cheio de saudade e satisfeito em imaginar o amanhã.

É noite! Romper as grades da cela, vestir a “melhor” roupa, passar o “melhor” perfume e sair em busca das luzes. Ritual! Ver algo provocante (...). Resolver caminhar em busca de novas histórias, novos sonhos. “Tem fogo?”. Por uma faísca ser convidado a conhecer uma nova realidade: a dos que se alugam em troca da luxúria necessária. Vender e comprar prazer. Como a cidade de São Paulo é ardente! Toda imensidão em torno de algo tão simples. A solidão ou a insatisfação cria consumidores ávidos por minutos de um alívio desconfortante. Tentar ser generoso. Ver a prostituição.

Ver o baixio. Em êxtase, mergulhar no espaço existente entre o real e o irreal. A fresta da ostra. Conhecer a figura do dia perdida na noite: um cabra talvez contrário ao que se imagina. (...). Algumas pessoas podem ser interessantes quando dispostos a perceber o que é interessante.

A chuva vem saldar a noite. Poesia, música, imagens enfeitam os sonhos até o brinde final. A cerveja, um pretexto para encontrar amigos, trocar idéias, fazer planos para um novo ano (...). A cerveja convida a madrugada e traz consigo o passaporte. Perder-se nas idéias e conhecer um novo amigo que há tempos estava ali bem ao lado. Uma criatura rude, mas que deixe escapar toda sua frágil e momentânea docilidade. E a noite passa num zás. Rápida!

(...) Contas infundáveis na esperança de deixar o ano no zero. Livre do peso do dia. (...). Trabalho feito. Noite a espera. O cansaço é insuportável, mas o convite para uma bebida irrecusável. Jogar com os amigos, com a sorte, com o tempo. Conversar sobre espiritualidade enquanto os Orixás dançam ao som dos atabaques: Epa Baba, Xauê Baba! Brincar como num passa-tempo para encurtar o dia e fazer chegar a noite. Espetáculo! O show pode não ser muito bom. Espetáculo!

A cerveja, o vinho e a música se misturam às conversas. A noite chega. Sem planos, ver a inocência regada a guaraná e pipoca. Inocência que termina quando os não inocentes se levantam. (...) E ela morre. (...).

A cidade convida para um passeio noturno. No elevado ver através das fendas. Cada quadro de vidro uma gaveta fúnebre – Que semelhança há entre os cemitérios de São Paulo e a própria São Paulo. (...) Em alguns momentos não conseguir distinguir se observa ou se é observado. E uma velha surgir em meio à vegetação das varandas. Estar lá esperando um espírito passar. (...) O louco caminha rumo à realidade. Na busca pelo nada sempre encontra um pedaço de si (...).

No início da noite rascunhar: Ter uma atitude humilde e ninguém entender! Oxalá um dia se entenderá e mesmo que isso demore, ainda assim, não será tarde. Jamais será tarde! Para não ser acorrentado, escravizado e torturado pela intolerância. (...).

Com os braços abertos, atravessar a cidade como um fantasma. Um espírito da noite perceptível somente aos amantes.

(Adaptação de trechos do texto Carta aos noturnos de 2005 de Hamilton Harley)

5.1. Imagens e estratégias

As observações e as entrevistas ofereceram elementos importantes para a composição das análises acerca das fronteiras que jovens homossexuais estariam sujeitos no campo da sexualidade e das relações econômicas vividas por eles. Entretanto, as análises configuram-se como um esforço de abstração que, a partir de recortes da vida cotidiana, tentam encontrar regularidades para o arranjo de esquemas interpretativos e de categorização das relações sociais. Nesse sentido, utilizar pequenas partes das entrevistas para ilustrar ou materializar o arcabouço teórico seria reduzir a riqueza de informações recolhidas. Elementos surgidos das observações e das entrevistas que não caberiam nos aportes teóricos acabariam por ser desperdiçados, pois não seria possível encontrar lugar para tudo sem desfigurar o texto.

Por considerar os dados de fundamental importância para a origem do trabalho como um todo é que as entrevistas e descrições recebem lugar especial.

A primeira tentativa foi utilizar a descrição fruto da observação dos espaços caracterizados pela sociabilidade gay como fonte ilustrativa dos caminhos que os jovens entrevistados citavam em suas conversas. Entretanto, o esboço de uma descrição despertou a possibilidade de realizar um trabalho sistemático que recolhesse, além de informações objetivas, dados sobre a interpretação que os jovens realizavam desses lugares. Foram cumpridas três observações acompanhadas por um dos jovens entrevistados. As datas precisas da atividade foram ignoradas nesse trabalho, pois o resultado da descrição não se limitava apenas àquilo que estava sendo visto num determinado dia. As interpretações que o jovem acompanhado e seus amigos faziam dos lugares observados foram incorporadas à descrição mais geral. Nesse sentido, os elementos que compõem a narração não poderiam ser datados. Foram realizadas observações nos finais de semana, sobretudo aos sábados, durante a madrugada.

Para auxiliar na localização espacial dos caminhos percorridos, foram criados alguns mapas com o socorro de recursos simples de computação e incorporadas algumas fotografias desses espaços com a ajuda de um telefone celular.

A descrição não esgota a intensidade das relações sociais vividas nos espaços observados, mas oferece elementos para que se possa imaginar como são estas relações. O esforço de escrita esteve direcionado para a descrição de uma realidade superficial e aparentemente fugaz ao olhar de um observador desavisado, mas que por sua vez

oferece subsídios para imaginar a dinâmica em que estes jovens estão inseridos. É evidente que para improvisar uma narração torna-se necessário fazer escolhas sobre os temas tratados, por isso se poderá sentir falta de dados o que, a meu ver, não implicará no empobrecimento do trabalho, pois a descrição é apenas mais um elemento no conjunto de informações recolhidas. Esta atividade sugere uma série de fotografias, imagens momentâneas e cristalizadas, que juntas pretendem compor um quadro de sensações. É preciso olhar o conjunto para vislumbrar como seria a vida nesses espaços, ou seja, costurar os recortes e deixar abertas as impressões.

Os espaços descritos são transitórios e recebem os jovens que também de modo transitório encenam suas personalidades. São fragmentos do cotidiano ou da rotina de diversão dos jovens que insinua a realidade, mas não representam fatos. Existe a tentativa de capturar e relacionar uma vida invisível das pequenas relações cotidianas dos sujeitos com o todo maior das relações sociais mais gerais. Os espaços são apropriados e modificados pelos jovens, ganhando uma vida cambiante que dificultaria o seu enquadramento em categorias estruturais. Nesses espaços se produzem sentidos comuns aos grupos e sujeitos que só poderiam ser capturados pelas próprias interpretações que estes fazem desses lugares, por isso utilizar os discursos proferidos pelos jovens na construção das descrições. Assim, esta atividade bem como as entrevistas faz alusões sobre a realidade, evitando cair nas ilusões decorrentes de uma observação puramente analítica das informações. Não apenas uma descrição objetiva, mas uma descrição alimentada pela própria interpretação que fazem os jovens foi o que se tentou fazer.

A descrição, mesmo oferecendo elementos importantes, não dá conta das relações vividas nesses espaços. As entrevistas por sua vez oferecem novos indícios sobre as maneiras encontradas pelos jovens de se situar nas relações sociais frente sua sexualidade e afiliação de classe. Revelam regras e condutas que não são cristalizadas, mas negociadas, burladas e reorganizadas nos e entre os grupos. Assim como na descrição, as entrevistas assumem um tom narrativo que pretende anunciar as interpretações realizadas pelos jovens de si e das relações em que emergem e submergem. O mais importante foi trazer à tona as conclusões e as interpretações dos sujeitos sobre sua própria realidade. De modo similar se propõem que as entrevistas permitam fazer alusões sobre a realidade sem forçar modelos interpretativos abstratos e a criação de categorias analíticas.

Durante as entrevistas, que receberam a roupagem de uma conversa informal, os jovens tiveram a oportunidade de, com o olhar de hoje, interpretar sua própria trajetória a partir de temas que eram colocados no diálogo. Refletir sobre família, escola, sexualidade, imagem pessoal, condições econômicas entre outros temas contribuiu para que os entrevistados relatassem suas experiências, realizando avaliações sobre o contexto em que elas se deram. O amadurecimento dos jovens (que em alguma medida dominam os códigos de conduta necessários para a sobrevivência) contribuiu para as interpretações que fazem de suas próprias experiências. Tirá-los de uma possível posição de vítima de intolerâncias e preconceitos e colocá-los como sujeitos de sua própria vida foi uma das tentativas durante as entrevistas. Mais uma vez o que se pretendia era dar voz ao *objeto* sem fazer especulações ou por ele interpretar. Ao invés de buscar nos manuais do sonho o que significam os elementos sonhados, foi dada ao jovem a possibilidade de dizer o que o sonho para ele significa mesmo que o significado atribuído contrarie todos os manuais.

As entrevistas, assim, ainda são fragmentos de uma realidade que não se pretende cristalizar como fato generalizado. As trajetórias desses jovens também são momentâneas e talvez se tivéssemos a mesma conversa daqui a alguns anos os próprios elementos que hoje receberam tal interpretação teriam outras novas. Poderia ser difícil identificar que os relatos são da mesma pessoa.

Os jovens tinham uma história para contar e a narrativa das entrevistas tenta capturar fragmentos dessas histórias. Mais uma vez, é evidente que o volume de informações foi maior do que o apresentado neste texto. Ainda alguns temas foram eleitos em detrimento de outros não de menor valor, entretanto, as limitações da escrita mostram caminhos possíveis que devem ser percorridos.

Assim como a descrição e as entrevistas fotografam momentos transitórios, o fotógrafo na tentativa de capturar o melhor ângulo também tem seu olhar transitório.

5.2. Rascunho de mapas e itinerários: tentativa de descrição da cidade apropriada



FOTO 3: Vista panorâmica de São Paulo

Panorama da Zona Oeste de São Paulo vista do alto da torre do relógio na Universidade de São Paulo

A descrição da Cidade de São Paulo poderia ser iniciada a partir de diferentes pontos de partida. Falar sobre sua densidade cultural ou suposta magnitude no coração daqueles que a desejam e a negam. Seria divertido revelar o que nela se oculta e ocultar o que em sua paisagem se revela. Possível caricaturar a cidade, fazer uma crônica do absurdo ou despi-la em realidade. Dissecá-la como um indigente objeto das aulas de anatomia ou preservar seu corpo como de um faraó. Todas as formas para descrevê-la às mãos, mas a certeza de não conseguir. Faltarão elementos, sem dúvida. Somente vivendo a cidade cada dia de um jeito diferente é que chegaremos próximo dela. Assim, como saída, tomo emprestado os passos de um jovem homossexual que por ela caminha. Uma possibilidade de rabiscar alguns dos traços dessa cidade. Três dias apenas para descrever. O itinerário por lápis.

Estação Itaim Paulista da CPTM⁴⁶. Com certeza não é um dos melhores lugares para se estar no final de noite. O ambiente parece hostil, um pouco escuro e melancólico. As pessoas caladas aguardam pacientemente o trem que demora a passar. O barulho ao longe anuncia sua chegada e faz movimentar os passageiros na plataforma. Uma composição de aço, portas e janelas quebradas, iluminação instável, assoalho remendado transportará os diferentes destinos naquela noite. Do alto falante se ouve a informação de aquele será o último trem do dia com destino ao Centro. Todos entram,

⁴⁶ CPTM - Companhia Paulista de Trens Metropolitanos. Malha ferroviária que liga municípios da Grande São Paulo ao centro, oferecendo integração com o Metrô da cidade. Por muitos anos os trens da CPTM circularam sem condições razoáveis de segurança. Com os projetos de melhoria do transporte público estes trens vêm sendo substituídos por novas composições.

escolhem seus lugares e sentam calados, mas com ar de euforia. Alguns caminham pelos vagões do trem em direção a este vagão de onde vejo. A composição dá início ao seu movimento sobre os trilhos. O breve silêncio rompido pela estrondosa partida é coroado com a empolgação dos jovens, que antes calados, começam a conversar entre si interagir, fazer piadas e performances. Eram jovens gays que se reconheciam. O trem seguia seu único destino e em cada parada recebia outros jovens. Uns para adensar o grupo outros para simplesmente seguir viagem. Estes jovens fizeram de um vagão de trem e de um horário comum um ponto de *encontro móvel*. O vagão foi apropriado e transformado num lugar⁴⁷ de interação e manifestação.

O adiantado da hora - já era início da madrugada - e a impossibilidade de integração com o Metrô⁴⁸ parecia não preocupar os jovens que se divertiam. Ao chegar ao final da linha para o trem e ao início de um percurso pela noite paulistana, a plataforma tomada pelo desembarque promovia novos encontros (entre aqueles que por afinidades ou identificação se uniam) e estranhamentos (por parte daqueles que pouco compreendia a configuração daquele grupo). Uma pequena massa de pessoas caminhava em direção ao ponto de ônibus, ali próximo mesmo da estação, para esperar um dos circulares noturnos que a levaria até a Praça da República. O ônibus demorou um pouco a passar e sua chegada foi marcada por clima festa. No interior do veículo havia outros jovens que faziam folias e que logo reconheceram os que estavam no ponto. A interação entre os de dentro e os de fora que aguardavam para entrar começou através das janelas. Mais de quinze jovens homossexuais *ocupavam* o ônibus, ainda havia quatro travestis e os demais passageiros que pareciam não se incomodar com a algazarra e todos contribuíam para lotar o ônibus. Trajeto marcado por descontração e alegria, cerca de vinte minutos. Ponto final para o ônibus, mas não o destino final dos jovens. Ainda seria necessário atravessar a Praça da República de um lado ao outro. Uma espécie de pátio onde coabitavam mendigos, travestis, garotos de programa, barraquinhas de bebidas, jovens, adultos e policiais espalhados entre lixo, vegetação e prédios monumentais. O objetivo dos rapazes era a Avenida Vieira de Carvalho que liga a Praça da República ao

⁴⁷ Referência ao conceito de não-lugar de Marc Augé (1994). O trem que poderia sob a ode desse conceito ser considerado um não-lugar é transformado por estes jovens num espaço personalizado.

⁴⁸ Companhia do Metropolitano de São Paulo popularmente conhecido como Metrô tem aproximadamente 61 km de extensão e 55 estações. Atualmente existem quatro linhas de Metrô (Azul, Verde, Vermelha e Lilás) que ligam as zonas Norte, Sul, Leste e Oeste, mas não cobre todas as áreas da cidade, porém oferecem integração com os Trens da CPTM.

Largo do Arouche. Uma avenida larga, porém de curta extensão, repleta de bares, com parco tráfego de veículos, mas com vasto trânsito de pessoas. Uma avenida *tomada*; um espaço público apropriado por jovens que encenavam ali suas personalidades de um lado a outro, de uma esquina a outra, de um bar ao outro.



FOTO 4: Calçada da Avenida Vieira de Carvalho

Uma das calçadas da Avenida Vieira de Carvalho tomada por jovens e homossexuais mais velhos em frente a um antigo bar da região.

Vários tipos de encenações, algumas ritualizadas ou até mesmo caricatas, emergiam nas ruas transversais e calçadas dos arredores. Um fluxo de gays masculinos e jovens em sua maioria. Alguns pareciam ter no máximo dezesseis anos de idade⁴⁹.

Havia vários bares em ambos os lados da avenida. Não ofereciam serviço de “vallet” (não parecia necessário), como geralmente acontece em outros lugares. Não cobram ingressos, a entrada era livre. Entretanto, as calçadas estavam mais repletas de pessoas do que os bares. A rua era o espaço da conversa e interação. Nesse ambiente o estabelecimento ocupava um lugar secundário: talvez para uma conversa mais íntima e reservada ou para namoro de casais. A caminhada com os jovens seguia e um mar de informações emergia. No Largo do Arouche, parte final da avenida, a presença de mesas na calçada e bares com música ao vivo se destacava. Nesses espaços a concentração de

⁴⁹ A região da Avenida Vieira de Carvalho nos finais de semana, sobretudo à noite, é uma das áreas de maior concentração de jovens homossexuais masculinos nas ruas da cidade. A presença de mulheres é bem pequena se comparada por contraste com os homens.

homossexuais mais velhos e casais tomavam contornos mais fortes. O clima de festa permanecia e ali com ar de serenidade.

Em toda extensão da avenida e no largo foi possível encontrar um número considerável de ambulantes que comercializam bebidas alcoólicas de todos os tipos por valores inferiores ao cobrados nos bares. O consumo dessas bebidas parecia bem alto. Muitos jovens circulavam com copos ou garrafas nas mãos que eram constantemente compartilhadas entre eles. O alto consumo de cigarros também chamou atenção. Parecia haver alguma valorização dos atos de beber e fumar. Espécie de redenção, modismo ou afirmação de determinadas posturas.

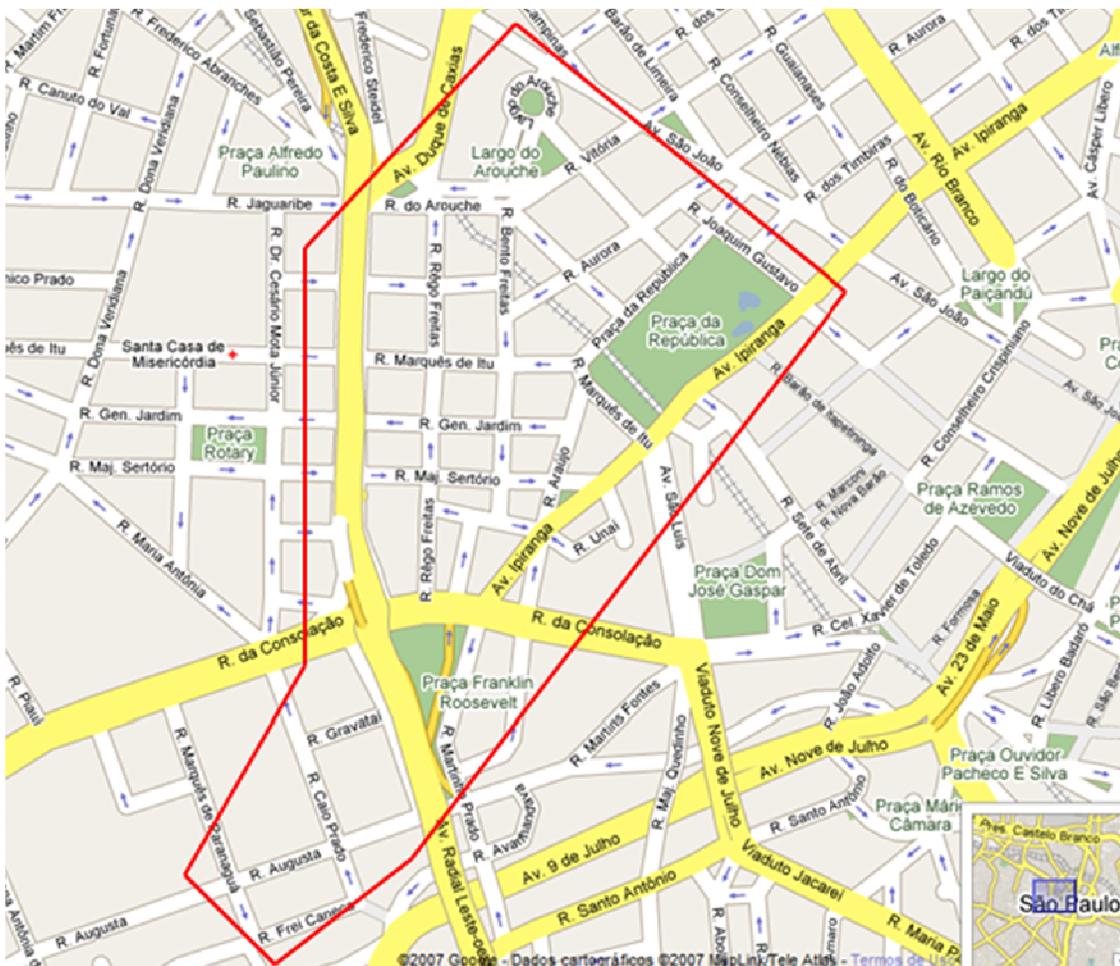


FOTO 5: Calçada do Largo do Arouche

Uma das calçadas do Largo do Arouche onde jovens circulam e conversam ao redor de mesas colocadas na frente dos bares da região

As ruas transversais eram coloridas pelo neon das casas de espetáculo, cinemas pornô e prostituição de jovens rapazes. Havia poucas boates nesse núcleo, a maioria delas encontra-se nas imediações, mas estão separadas por certas distâncias em outros nichos. Caminhos comuns de ir e vir constante ligam numa rede os diferentes estabelecimentos e serviços. Os ingressos cobrados pelas casas eram baratos se comparados com outros estabelecimentos da cidade, cerca de R\$ 10,00 e com atrativo do direito a um “drink”. A portaria: um funil que pingava a lenta entrada de cada um que sem queixas aguardava na fila. As filas nas portas das casas noturnas eram grandes

e controladas por “drag queens” que organizam a entrada dos que possuíam “Flyer⁵⁰” e dos que não o possuíam. Elas mantinham a festa do lado de fora. Tê-las como “amigas” poderia ser garantia de entrada “vip”. Um bom negócio para quem dispunha de poucos recursos ou pretendia ir a outros lugares. Foi possível perceber que as “dragues” favoreciam a entrada de algumas pessoas aparentemente mais endinheiradas⁵¹.



MAPA 1: Imediações da Praça da República

Região central da cidade de São Paulo nas imediações da Praça da República com destaque para área de maior concentração de estabelecimentos e serviços destinados ao público homossexual. Por esta área no período noturno é possível perceber um intenso movimento de jovens homossexuais pelas ruas.

⁵⁰ Espécie de folheto publicitário que apresenta as principais características do estabelecimento e sua programação. Geralmente trazem a foto de homens com pouca ou nenhuma roupa, exibindo corpos esculturais.

⁵¹ Algumas pessoas recebem atendimento diferenciado na entrada. São geralmente homens que chegam de carro ou taxi. Vale lembrar que no interior dessas boates existem espaços delimitados para convidados ou para aqueles que pagam quantia diferenciada na entrada e ganham pulseiras que permitem o passe livre pelas chamadas “áreas Vips”.

O Largo do Arouche ocupa um espaço entre a Avenida São João e a Rua Amaral Gurgel. Nesse espaço encontram-se poucos bares, mas há uma circulação de jovens que ficam pela praça, ou que a utilizam como passagem para outros lugares em direção a Vila Buarque. A Rua do Arouche, paralela a Avenida Vieira de Carvalho, é marcada pela presença de jovens em atividade de prostituição que exibem seus corpos e que negociam programas juntamente aos motoristas dos carros que por lá não param de circular. Rua de pouco trânsito de pedestres na madrugada e considerada hostil pelos jovens homossexuais.

Ruas como Marquês de Itu, Major Sertório, Rego Freitas, Bento Freitas e outras menos expressivas dos arredores, são marcadas por casas de espetáculos e prostituição de travestis. Entretanto, os jovens parecem mais seguros em circular por elas. Há grande comercialização de bebidas por ambulantes. Nesta região existe uma casa noturna de frequência de gays mais velhos, público acima dos quarenta anos, que é apelidada pelos mais jovens de “despenca”. O apelido faz referência aos mais velhos, “bichas velhas” como chamam, que estariam com tudo *despencando* (alusão ao corpo desses homens). É comum que questões geracionais de *evitação* dos jovens em relação aos mais velhos surjam durante o exercício de flertes.

Em toda a região a presença das rondas e de policiais é intensa. Entretanto, existe uma falsa sensação de segurança. É comum ocorrerem assaltos e o descaso da polícia em relação às vítimas.

O Elevado Costa e Silva⁵², popularmente conhecido como “Minhocão”, no perímetro sobre a Amaral Gurgel, é marcado pela circulação de moradores das imediações e de outros jovens que acabam interagindo com os residentes dos prédios que têm suas janelas voltadas para o elevado e observam o movimento. Esse perímetro também é conhecido com um local de “pegação” e propício ao consumo de drogas, especialmente a maconha. Os jovens alertam que quem se arrisca a caminhar pelo

⁵² Via expressa elevada sobre avenidas do Centro da cidade. Foi construído para desafogar o trânsito de veículos da região. Devido sua proximidade com os prédios tem horário de funcionamento. Aos finais de semana é fechado para os automóveis e torna-se um espaço de lazer dos moradores da região. Andar de bicicleta, passear com o cão e tomar sol sobre o asfalto são atividades comuns. Durante a noite o Elevado, em alguns trechos, é apropriado, em sua maioria, por homossexuais. O Minhocão é objeto de fóruns que discutem sua efetiva necessidade e a possibilidade de sua demolição ou ainda a sua transformação em um grande passeio público.

Elevado e que não é reconhecido como freqüentador habitual, poderá sofrer algum tipo de represália.

Estes lugares, espaços e circuitos se apresentam como possíveis territórios de circulação de jovens homossexuais, sobretudo pertencentes a classes sociais menos favorecidas. Não estão livres de conflitos e marcas de segregação. A sensação de harmonia e solidariedade é rompida pelo uso de expressões pejorativas que colocam alguns sujeitos diante de ridicularizações em relação aos grupos. Entretanto, estas tensões não geram relações de enfrentamento ou sujeição, mas fazem emergir sentimentos de indiferença⁵³. E com esse sentimento os jovens continuaram a caminhada.

Às três da manhã a circulação de pessoas pelas ruas diminui significativamente e as casas noturnas lotam. Os que passeavam recolheram-se nas boates ou tomar outros caminhos. Já às cinco da manhã era possível perceber novos modos de circulação daqueles que, sozinhos ou acompanhados, se dirigem às entradas da Estação do Metrô República. Com o sol iluminando o asfalto, parecia que toda a cena, observada durante a noite, desapareceu e a região adotou outra forma e função. Parece que o sol, em alguma medida, ofusca aquilo que brilhou durante a noite.

Numa segunda etapa de caminhada e observação pelas ruas, optamos por ponto de partida a Praça da República e destino a Avenida Paulista, realizando dois itinerários: um em direção a Região da Avenida Paulista, aspirando como eixo a Rua Augusta e outro, de retorno ao Centro, pela Rua Frei Caneca.

Muitos jovens que circulam pela região central são atraídos pelos baixos custos das bebidas, das casas noturnas e pela possibilidade de diversão na rua. No meio da madrugada se deslocam do Centro para Região da Paulista, sobretudo em busca de parcerias que julgam não possível de serem encontradas no Centro. Buscam a oportunidade de novas relações sociais e outras experiências em zonas de interações mais fluídas.

⁵³ Um grupo de jovens homossexuais que circulavam de carro pela região gritava expressões como “bicha pobre, volta pra Itaquera” para os que caminhavam na rua. Esse episódio não provocou resposta. Foi ignorado pelos rapazes que estavam na rua.

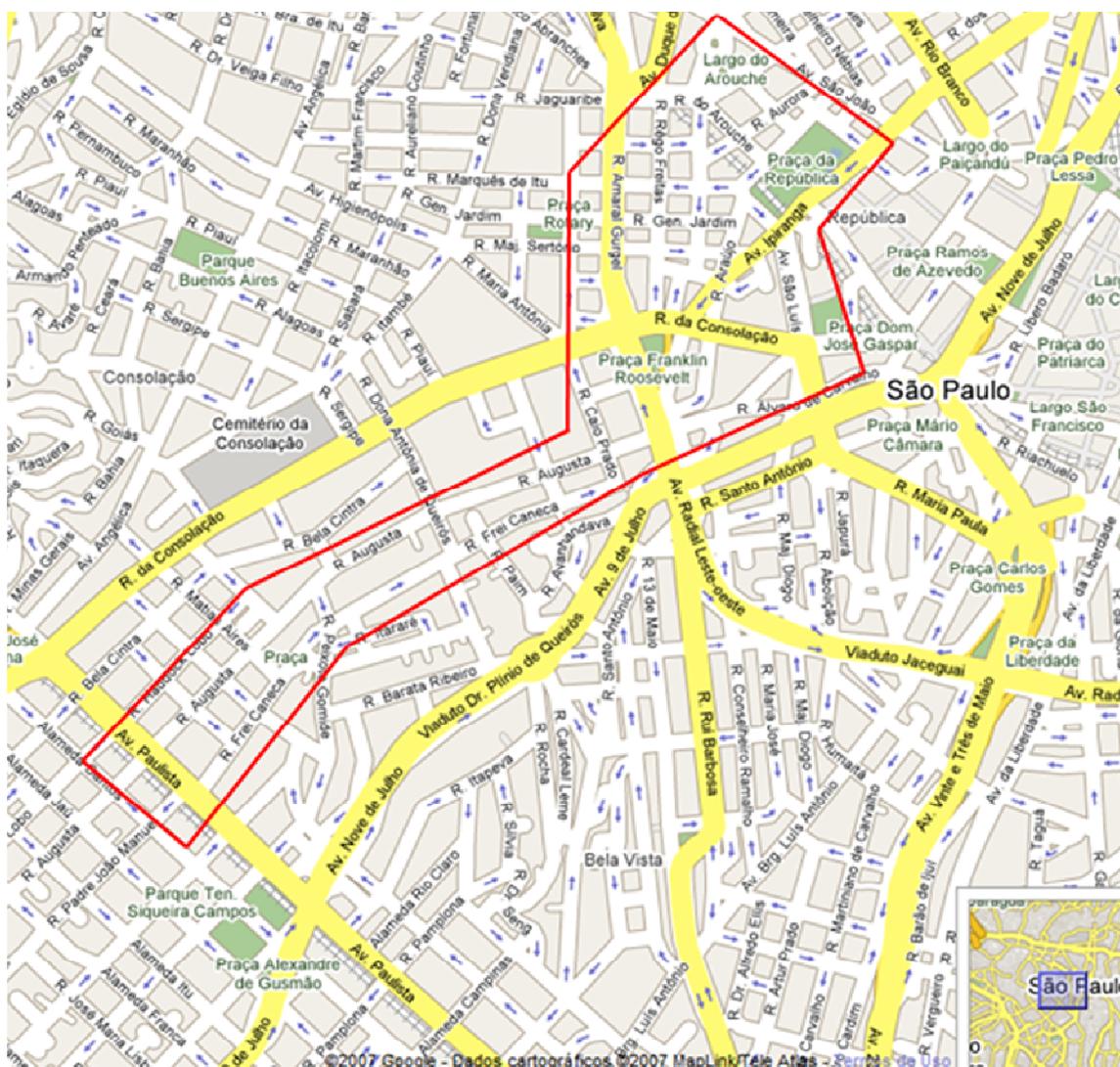
O trajeto é realizado a pé, uma longa caminhada que é encurtada pelos apelos visuais e interações estabelecidas na rua. Os jovens diziam que caminhando poderiam aumentar as chances de encontrar “alguém interessante”. O trajeto escolhido é a Rua Augusta desde seu início na conjunção com a Avenida São Luiz até a intersecção com a Avenida Paulista.

A parte inicial da Rua Augusta conta com uma circulação ainda difusa dos tipos sociais, e é a partir da Rua Caio Prado que o cenário recebe outras formas, desenhando suas características mais fortes. A concentração de casas noturnas que oferecem espetáculos de sexo explícito e as chamadas “saunas mistas” era marcante. Havia seguranças nas portas desses estabelecimentos que a todo tempo negociam os serviços ofertados por estas casas com os que pela rua circulam a pé ou de carro. A propósito, o volume de carros também surpreendeu, formava-se um verdadeiro congestionamento de automóveis e circulantes que negociam e observam o trabalho das garotas de programa que ali trabalhavam.

Quanto mais nos aproximávamos da Avenida Paulista, mais o cenário se tornava denso e diversificado. Já poderíamos identificar um volume significativo de jovens homossexuais que coabitavam com prostitutas, travestis e jovens universitários que ocupavam os bares da região. As pessoas pareciam interagir o tempo todo, conhecidos e desconhecidos se elogiam, se afrontam e experimentam formas diversificadas de encenação. A diversão era caminhar pela rua onde as diferenças pareciam menos marcadas, onde existia uma espécie de solidariedade ou cumplicidade daqueles que se aproximam tendo a diversão noturna, com suas múltiplas possibilidades, como ponto comum.

Entretanto, a oferta de serviços dos estabelecimentos é restrita ao seu público cativo. As casas de espetáculo são abertas para homens heterossexuais e os bares aos jovens dos circuitos culturais da região. Na Rua Augusta não foi possível identificar bares que se denominam gays, mas que, por espécie de tendência, se afirmam como tolerantes a toda sorte de sujeitos. Nesta rua o público é bem diverso e o que vale parece ser um respeito tácito à diversidade. É comum encontrar casais de homossexuais trocando carícias e andando de mãos dadas pela calçada. Vale notar, que diferente da região central com predominância masculina, nesse espaço o volume de jovens mulheres é adensado. Os bares que ali situam fazem parte do circuito dos universitários

e dos frequentadores dos cinemas “Cult” da região⁵⁴. Para os jovens homossexuais a Rua Augusta é mais um lugar de passagem do que permanência.



MAPA 2: Imediações das ruas Augusta e Frei Caneca

Mapa da região central da cidade de São Paulo nas imediações da Praça da República e da Avenida Paulista com destaque para as ruas Augusta e Frei Caneca

Chegamos a Avenida Paulista, um ponto de referência, mas também de passagem. Não existem muitos bares na avenida. A diversão é caminhar pelas largas calçadas, flertar, exhibir-se com seu companheiro ou sozinho a procura de um. É vista

⁵⁴ O Espaço Unibanco e o HSBC Belas Artes são salas de exibição de filmes do “circuito alternativo” do cinema mundial.

por esses jovens como um lugar de paquera. Na Paulista parece que os caminhantes ilustram a possibilidade de viver em um mundo plástico, globalizado, limpo e bonito. Encenam condutas que respeitariam certo *status* adquirido pela avenida, uma vez que sua própria imponência parece cobrar formas de comportamento que muitas vezes ofuscam as diferenças.



FOTO 6: Fachada de cinema na Avenida Paulista

Fachada de cinema citado como um espaço cultural de freqüência homossexual situado na Avenida Paulista. Destaque para as vitrines que permitem o ver e ser visto.

Em retorno para o Centro, descendo pela Rua Frei Caneca, paralela a Rua Augusta, não se encontra muitos bares, mas a circulação de jovens homossexuais segue o padrão observado na Paulista. Há na *Frei Caneca*, próximo a Rua Peixoto Gomide, uma casa noturna chamada “A Louca” que contribui para o intenso movimento dos bares em seu entorno. A esquina da *Frei Caneca* com a *Peixoto Gomide* é um ponto de encontro dos mais diversos tipos de jovens que coabitam pacificamente no espaço. Os bares ficam lotados e não comportam o público que toma as calçadas. A maioria dos jovens é freqüentadora da boate que, mesmo cobrando ingressos caros, sempre esta lotada com uma enorme fila de interessados à sua porta. Esta casa é conhecida por

oferecer sons eletrônicos e receber “DJs” internacionais, configurando-se como uma referência da cena eletrônica de São Paulo.



FOTO 7: Cruzamento das Ruas e Frei Caneca

Cruzamento movimentado numa noite de sábado. Os bares, ruas e calçadas ficam tomadas por jovens, em sua maioria homossexuais, que circulam e fazem interações antes de entrar em uma casa noturna disputada da região.

Vale lembrar que a Rua Frei Caneca tornou-se uma das localidades preferidas de residência de jovens homossexuais que evitam as habitações precárias do Centro⁵⁵. Neste espaço é possível perceber a celebração de padrões de consumo sofisticados e

⁵⁵ O corretor de imóveis J.C.S. descobriu que a velocidade das vendas de um prédio na Rua Frei Caneca, na região central de São Paulo, duplicava quando fazia propaganda não em supermercados e academias de ginástica, como sempre fez, mas em bares, boates e saunas gays.

O sucesso da estratégia do corretor tem uma razão simples: a região da Frei Caneca converteu-se numa área GLS (iniciais de gay, lésbica e simpatizantes), cujo epicentro é o shopping homônimo e se estende até a Avenida Paulista e parte dos Jardins. Na subcultura GLS, em que tudo e todos têm apelido, o shopping virou "Gay" Caneca ou Frei "Boneca". Mais do que ponto de encontro, o shopping impulsionou um "boom" imobiliário na região: depois que foi anunciada a sua construção, no início do ano 2000, foram lançados mais de 40 projetos imobiliários num raio de até dez minutos a pé em torno do centro comercial. Desses, só cinco não estão prontos, segundo pesquisa da administração do shopping. "A gente não tem preconceito, mas eu nunca tinha visto uma clientela como essa: mais da metade dos compradores são gays ou travestis", diz outro corretor. Outros quatro corretores entrevistados têm uma estimativa parecida, de que cerca da metade dos novos moradores são GLS. (Fonte: Turista gay de São Paulo tem de visitar a Rua frei Caneca. In: folha online, 26/05/2005)

estilos globais. É uma rua que mantém a circulação de homossexuais também durante o dia, atraídos, sobretudo, pelo Shopping que recebe mesmo nome da rua e apelidado de “Gay Caneca” ou “Frei Boneca” por conta da grande frequência de homossexuais. O estabelecimento foi palco em 2003 de um “beijaço” – movimento que protestou contra a discriminação de homossexuais.

Neste cenário, a Rua da Consolação, no seu perímetro da Paulista ao Centro, se configura como um *não-lugar* para estes jovens que caminham, uma vez que durante a noite é um espaço considerado hostil, perigoso e que não oferece atrativos, mas sim riscos para aos que por lá se aventuram circular.

Numa terceira andança, optamos como ponto de partida a Estação Paraíso do Metrô e circulação nas ruas do Bairro dos Jardins.

Conexão da Linha Azul com Linha Verde do Metrô, já na plataforma se pode observar um volume de jovens preparados para as *curtições* da noite paulistana. Alguns facilmente identificados como homossexuais compõem um cenário múltiplo e ainda difuso. É possível observar as interações e até inferir para quais lugares pretendem os jovens ir. Dentro do vagão o clima é de descontração e euforia. Uma massa de passageiros, e podemos dizer a maioria, desembarca na Estação Consolação. A plataforma fica lotada com a chegada do trem e todos caminham em direção aos bloqueios onde encontram com outros jovens que ali esperavam.

A estação tem duas saídas, uma indicada para Rua Augusta- Centro e outra Rua Augusta – Jardins. As saídas já dividem os grupos e não é impossível dizer se o volume maior segue para um lado ou para outro. Como planejado, nos dirigimos em direção aos Jardins.

Logo na saída avistamos o Conjunto Nacional, um conhecido ponto de encontro de casais e amigos gays que geralmente caminham pela *Paulista* em direção a Rua da Consolação. Nesse percurso somos abordados por promoters que distribuem “flyers” de desconto para entrada em algumas casas noturnas. É interessante observar os apelos contidos em tais convites que anunciam a existência de “gente bonita” e que trazem, em sua maioria, a imagem de um homem seminu, exibindo um corpo esculpido por exercícios físicos. A caminhada segue até a Rua da Consolação em direção aos Jardins.



IMAGEM 1: Publicidade de boate do bairro dos Jardins

Panfleto publicitário de uma casa noturna destinada ao público homossexual e situada no bairro dos Jardins em São Paulo. O flyer faz alusão ao tipo físico ideal, sugerindo padrões estéticos desejáveis e a serem encontrados no interior da casa.

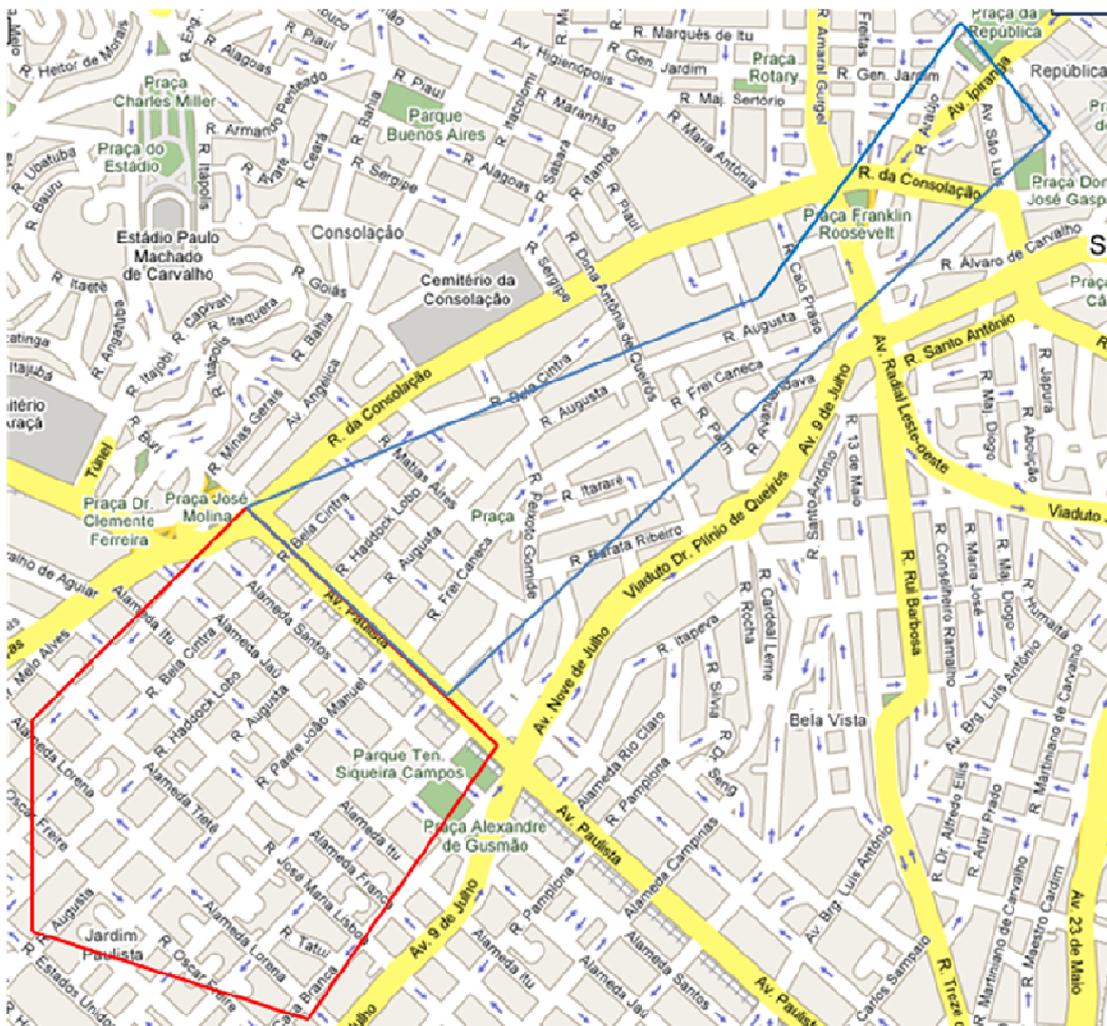
Na esquina da Rua da Consolação com a Alameda Santos existia um supermercado aberto 24 horas e que agregava um número significativo de jovens gays que consumiam, sobretudo bebidas alcoólicas e energéticos. O mercado é também um espaço de flerte e troca de olhares ainda não controlados. A descida da Consolação (até a Rua Oscar Freire) é marcada pela presença de restaurantes e bares que cobram ingressos e oferecem serviço de *vallet*, o que parece útil nessa região aonde a maioria chega de carro. Observamos ainda a presença de seguranças particulares nas portas dos estabelecimentos.

As ruas transversais, ou melhor, Alamedas também oferecem os mesmos tipos de serviços. É interessante notar que a maioria dos estabelecimentos exhibe em suas fachadas grandes vitrines de modo que os de dentro observem os de fora e os de fora possam desejar estar dentro. Nessa região a circulação frenética é menos intensa; os jovens se agrupam na porta dos estabelecimentos, ocupando calçadas e ruas, mas raras vezes entram. O tráfego de carros também é grande, mas não há interações explícitas com aqueles que estão na rua.

Há uma presença maior de homossexuais mais velhos e casais. A região possui boates, mas os ingressos são caros e os tipos físicos selecionados. A bebida é vendida dentro dos bares e não encontramos ambulantes, exceto uma perua Kombi que vende sanduíches e cerveja. A responsável pela venda desses produtos informou que os

meninos ficam naquela área até que acabem as filas de entrada nas casas noturnas. Por volta de duas ou três da manhã não encontramos mais as aglomerações. Alguns jovens relatam que permanecem nesse local a fim de encontrar parceiros que possam convidar para ingresso em alguma das casas noturnas da região.

No Bairro dos Jardins, para os nossos jovens, a rua é uma passarela, não tanto para se ser visto, mas para observar os que estão do lado de dentro dos estabelecimentos e cogitar a possibilidade de fazer parte dos clubes seletos. Muitos dos jovens que não conseguem ingresso nas casas noturnas fazem um percurso de volta (?) em direção ao Centro ou a Região da Rua Augusta. Outros esperam a abertura das portas do metrô ou se aventuram nos escassos circulares noturnos.



MAPA 3: Imediações do Bairro dos Jardins e Cerqueira César

Região central da cidade de São Paulo nas imediações da Praça da República e do bairro dos Jardins na região da Avenida Paulista. Destaques para as ruas Augusta e Frei Caneca (direita acima) e para as Alamedas dos Jardins (esquerda abaixo).

Uma falsa harmonia sobrevoa por estes territórios, mas podemos perceber que nem todas as ruas permitem circulação livre sem exigência de condutas de passagem e permanência. Os jovens fazem escolhas de onde passar e de como passar segundo seus interesses. As diferenças de grupo e de classe emergem constantemente, por vezes de forma sutis, por vezes constrangedoras. O encontro na rua é inevitável, mas a frequência ou ocupação de determinados lugares exige o compartilhamento de códigos e valores.

5.3. Jovens caminhantes: vencerão as fronteiras?

5.3.1. “G”: Adaptar-se às condições e ser discreto na travessia

Ansioso para realizar a primeira entrevista com o jovem, sai da minha casa no bairro do Paraíso rumo à zona leste de São Paulo. Enfrentei o Metrô disputado do horário de pico, carregando como bagagem a pesada ansiedade de começar o trabalho de campo. No caminho de cerca de 40 minutos fui a pensar no roteiro de perguntas e nas estratégias que teria que utilizar para tocar em assuntos que pudessem ser delicados tanto a mim quanto ao meu entrevistado. Não cheguei pontualmente ao nosso lugar de encontro e mesmo assim tive que esperar por G, alimentando minha angustia na possibilidade de que ele não comparecesse. Depois de pequena espera G chegou com seu pedido de desculpas e com o fim de minha aflição.

G tinha 18 anos, era mais um estudante pré-vestibular que sofre as tensões da escolha da carreira profissional. Um jovem que estava na dúvida entre a medicina e a comunicação social, entre as dificuldades de acesso à universidade pública e as dispendiosas mensalidades da educação particular. Mais um morador da densa e longínqua zona leste do imaginário de milhões de paulistanos, atravessa a cidade desde o bairro do Itaim Paulista para frequentar os espaços de sociabilidade gay concentrados nas regiões centrais de São Paulo.

Conheci G no segundo semestre de 2006 quando trabalhava como educador em mais um daqueles projetos de responsabilidade social que se tornaram moda nas grandes

empresas. Minha atribuição no programa da corporação era orientar grupos de trabalho dentro das temáticas de gênero, raça e sexualidade. G fazia parte de um desses grupos e com outros jovens desenvolvia um “projeto de ação” no campo da “sexualidade e educação”. O processo de orientação do grupo possibilitou que questões sobre sexualidade e orientação sexual fossem debatidas nos encontros de formação. Na ocasião, durante um dos debates, falei um pouco sobre meu projeto de mestrado e o perfil do público que possivelmente seria entrevistado. G manifestou interesse em participar das pesquisas. Ao final do ano me desliguei do projeto e não mantive mais contato com os jovens.

A partir de um longo e árduo processo de reformulação de meu projeto que possibilitou a percepção de novos caminhos e, sobretudo, deu consistência às minhas inquietações, no final de junho de 2007, entrei em contato por e-mail com os jovens daquele grupo a fim de realizar uma sondagem. Perguntei sobre os desdobramentos de suas ações e se estavam interessados em participar da pesquisa. G concordou com a participação e então liguei para esclarecer objetivos, reforçar interesses e marcar local, data e horário para este primeiro encontro. Seguindo sugestão dele, combinei encontrá-lo no Shopping Metrô Tatuapé.

Iniciamos ali mesmo no corredor do shopping, no princípio, a desconfortável conversa até que decidimos encontrar um lugar mais apropriado. Caminhamos um pouco em busca de um local mais tranquilo enquanto G me dizia sobre sua frequência àquele estabelecimento impulsionado pelos encontros de grupos gays que ocorriam às segundas-feiras na praça de alimentação. Perguntei se ele queria se sentar por ali para conversarmos e por conta do grande movimento do estabelecimento sugeriu que fossemos a um bar na Praça Silvio Romero, localizado nas proximidades, tomar uma cerveja e assim conversar. Aceitei a proposta e caminhamos cerca de dez minutos pela rua até chegarmos ao bar sugerido. Durante a caminhada G adiantou que na zona leste existiam “poucos lugares legais” para se frequentar e que prefere os bares do Centro e da região próxima à Avenida Paulista.

G falou sobre alguns aspectos sócio-econômicos de sua vida, destacando que pertence a uma família pobre e residente da zona leste da capital onde habitava numa casa de aluguel que compunha um terreno com três outras. Foi nesta casa que G experimentou as primeiras tensões em relação ao desenvolvimento da sexualidade. Quando adolescente, um vizinho mais velho fazia uma série de investidas para beijar G

o que o deixava constrangido ao mesmo tempo em que despertava certo desejo pela experiência. Dada vez, brincando de *esconde-esconde* com outros meninos, G e o amigo se beijaram, iniciando uma relação de cumplicidade entre os dois que passaram a freqüentemente se esconder juntos e de culpa para G que considerava a prática um pecado que não poderia ser revelado a ninguém. A experiência dos beijos às escondidas de um lado permitia que G exercitasse sua sexualidade ao mesmo tempo em que exigia a descoberta de mecanismos para colocar essa prática em clandestinidade protegendo-a de uma possível repressão dos adultos e das chacotas de outros colegas. Entretanto, outros traços e características colocavam G no alvo das indiretas dos colegas e no cerne dos conflitos de infância e adolescência, exigindo uma postura que classificou de “anti-social e discreta”.

Quando tinha doze anos de idade o número de amigos era bem limitado em comparação com os outros adolescentes do bairro e da escola. Evitava participar das brincadeiras por medo de sofrer constrangimentos. Lembrou que na sexta série, um dia que resolveu brincar de “*verdade ou desafio*” com os colegas de classe e ouviu de um dos rapazes – *Agora que o G entrou na brincadeira, poderei beijar muito*. O comentário surtiu com força de coação para G que preferiu manter distância daquele grupo. Por outro lado a distância o aproximou de outras pessoas que, como ele, enfrentava conflitos na escola. Um colega de classe tornou-se grande confidente e protetor de G no colégio. Os laços de amizade firmados por eles foram fortalecidos ao longo do tempo e os dois os mantiveram até este dia. G considerava e ainda considera o amigo mais maduro e forte do que ele: – Na sexta série, [nome do amigo] jogava indiretas [*sobre a homossexualidade*] e eu fui me tocando mais da vida – contou G.

Inserido em outra roda na escola e incentivado por colegas, G procurou um grupo de teatro que ali atuava. Fez teatro durante cinco anos. A primeira peça a ser ensaiada e encenada foi *Beijo no Asfalto* de Nelson Rodrigues. A temática do texto do dramaturgo somada às relações que existiam entre os membros do grupo parece ter permitido que G imaginasse novos modos de vida que rompiam com os paradigmas em que ele estava inserido. Certa vez G foi flagrado por um dos atores, qual tinha ressalvas por considerá-lo “muito machista”, beijando um amigo. Imaginou que a partir de então teria problemas de convivência no grupo, mas surpreendeu-se quando o ator – “o machista” –, percebendo o constrangimento evidenciado por G, o abraçou e num gesto solidário disse aceitar toda aquela história, reconhecendo que as pessoas poderiam ser

diferentes. Por alguns motivos que arriscaríamos suspeitar, a experiência vivida no grupo de teatro acrescida da intensidade do texto dramatizado surtiu como um alívio para G – A primeira peça que fiz e mudou minha relação com o mundo. O teatro foi minha libertação, percebi que o mundo poderia ser diferente. Fui percebendo como o mundo é – contou G com ar de descoberta.

No grupo de teatro também conheceu o primeiro namorado com quem aos quinze anos visitou um estabelecimento destinado ao público gay. Uma boate que por ironia do destino ou por puro jogo de marketing chamava-se “*Freedom*” e não diferente de outras freqüentadas por gays, estava localizada na região do Largo do Arouche no centro de São Paulo. A visão do aglomerado de pessoas que no entorno daquela casa noturna experimentavam publicamente sem culpa aquilo que G demorou em aceitar, mostrou-lhe um caminho – Não sabia que naquela região existia essa possibilidade – referindo-se aos encontros entre homossexuais. Passou a sair mais de casa em busca de vivenciar essa nova possibilidade e com isso alargar os quadros de relações com outros jovens que compartilhavam similares angústias ou que já se refrescavam depois da travessia das fronteiras da vida.

Conheceu jovens moradores da zona leste ou de municípios da Grande São Paulo: São Matheus, Cidade A. E Carvalho, Santo André, Mauá e Guarulhos foram lembrados por G. Os amigos utilizavam o transporte público para irem aos bares gays da cidade e por isso marcavam encontros em alguma estação de metrô que pudesse ser estratégica a todos. G se encontrava com os novos colegas para irem ao “*Bar do Bocage*”, outro nome sugestivo, situado na Rua da Consolação, na porção em que ela se adentra ao bairro dos Jardins. Fazia os mesmos percursos todas às sextas-feiras. Por vezes, costumava permanecer no bar com os colegas até a 1h da manhã e depois utilizar uma das escassas linhas de circulares noturnos a fim de retornar a sua residência na zona leste. O fato de ainda não possuir maioria (condição para freqüentar as casas noturnas da região) e de não ter recursos financeiros suficientes para sustentar o lazer por toda a madrugada, forçava G a realizar, sem vontade, o percurso de volta à origem. Esse costume, ou força das circunstâncias, não raras vezes foi reprovado por sua mãe que fazia lhe restrições, por medo da insegurança talvez, quanto ao horário de chegada de G em casa.

Com dezessete anos de idade, costumava encontrar-se com a “turma” na *Galeria do Rock*⁵⁶. No grupo falavam sobre questões cotidianas e sobre as expectativas depositadas na noite. Tinham o hábito de fazer uma parada na adega situada próxima à galeria, comprar bebida alcoólica por menor valor do que comercializado nos bares - geralmente vinho de baixa qualidade e alto teor alcoólico -, caminhar pelas ruas do Centro até chegar ao “*Bar do Bocage*”. A longa caminhada durava cerca de duas horas, não que as distâncias fossem tão grandes, mas a caminhada era parte da diversão e por isso deveria ser feita com calma. Mesmo com uma estação de metrô próxima ao destino dos jovens, andar se tornava uma boa opção por dois motivos em princípio: primeiro porque poderiam beber na rua e chegar “colocados” ao bar, economizando com o valor da conta do estabelecimento; depois poderiam “observar o movimento” das pessoas nas ruas e quiçá encontrar alguém com quem compartilhar a noite. G e os amigos por vezes chegavam embriagados ao bar, bom ensejo para libertar os impulsos: – Um dia ficamos bêbados e fizemos o rapa no Bocage, beijamos de três, de quatro, de cinco... Foi uma loucura – lembrou G.

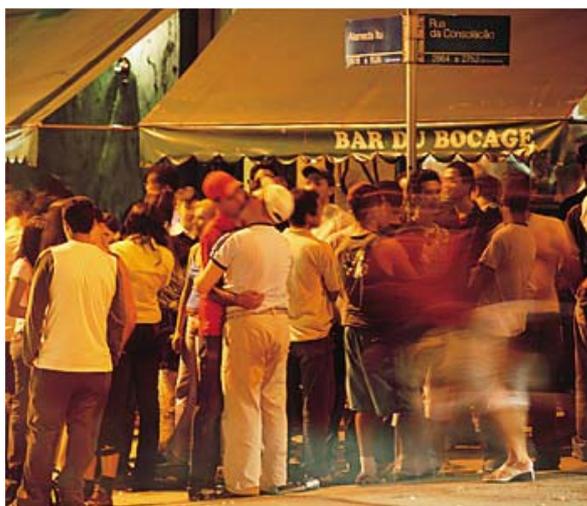


Foto de Mario Rodrigues

FOTO 8: Cruzamento da Rua da Consolação com Alameda Itú

Esquina da Rua da Consolação e Alameda Itú no bairro dos Jardins onde jovens homossexuais ensaiam flertes, beijos e carinhos nas ruas e calçadas diante dos bares e restaurantes destinados ao público homossexual.

⁵⁶ Centro de compras na cidade de São Paulo localizado entre a Rua 24 de Maio e o Largo da Paissandu com predominância de venda de produtos relacionados com estilos musicais.

Circular pela cidade, beber, sentar à mesa do bar necessita mais do que vontade: é preciso ter dinheiro. E este aparece como um regulador para G. Desde os 15 anos, recebia do pai certa quantia para custear o transporte e algum consumo nos finais de semana que variava muito conforme as condições financeiras da família e a assiduidade aos passeios. O valor conquistado era determinante para a escolha do local de lazer. Ao receber entre R\$10,00 e R\$20,00 para o final de semana, G optava por algum barzinho. Quando os valores giravam entre R\$30,00 e R\$40,00 preferia se divertir em alguma boate de baixo custo. Inicialmente, além das boates de São Paulo, costumava visitar uma casa noturna gay chamada, mais uma vez com nome sugestivo, “*Plástica*” no município de Guarulhos, Grande São Paulo. Frequentar a boate se dava, menos pelas facilidades de acesso e baixo custo, o interesse de G estava orientado para um rapaz morador de Guarulhos que conheceu certa noite e era um assíduo frequentador da *Plástica*.

Além de dinheiro, sair exigia inventar pretextos. Sempre foi necessário tomar cuidados e criar algum tipo de desculpa para evitar desconfianças por parte dos familiares. G, como outros jovens, teve que aprender a fazer uso de pequenas inverdades para evitar o desequilíbrio das relações em casa. Sair sem dizer ao certo aonde ir gerava um desconforto para G que escreveu no diário que se sentia mal em mentir para a mãe, mas que ela própria, a mãe, iria preferir a mentira à verdade. Em ocasiões das manifestações pelos direitos dos homossexuais, para uns uma festa de Carnaval fora de época e para outros, ato político, caso da *Parada do Orgulho GLBTT* de São Paulo, G corroborando com o primeiro grupo disse – na parada gay as pessoas não vão pela conscientização, mas para uma balada grátis –, se via obrigado, a fim de manter sigilo sobre sua orientação sexual, a forjar situações com ajuda de algum álibi, mesmo que este fosse um amigo. Talvez o teatro tenha dado vantagem a G na arte da improvisação, mas isso é apenas uma especulação. – Tive que inventar uma desculpa enorme para ir para Parada – disse G em relação aos pais, – mesmo quando encontrei uma amiga na Parada, pedi para outra amiga simular que era minha namorada.

Fazer de conta que se é outra pessoa pode ser uma estratégia eficaz na modelagem das identidades quando, como G, tem-se que constantemente ocultar impulsos e desejos por medo da violência ou para evitar conflitos com os amigos e familiares. Não foi apenas na *Parada Gay* que G teve que se valer dessas estratégias, não foi tão somente quanto a sua sexualidade, forjar a afiliação de classe também se

tornou necessário a fim de evitar constrangimentos no universo de relações entre homossexuais.

Quando surgiam conflitos familiares gerados por pressões dos pais quanto aos horários de retorno para casa ou questionamentos sobre as relações de amizade estabelecidas, G pensava em morar com amigos que conheceu nos circuitos gays da cidade. – Me imagino morando com um colega num ‘AP’ na Paulista, porque é um lugar em que as pessoas têm um pensamento diferente. Têm um nível de cultura mais tolerante – acreditava G. Confiava que em certas regiões da cidade outros modos de vida, diferentes dos cultivados no bairro em que mora, seriam possíveis. G percebia diferenças significativas no campo da cultura, do lazer, do consumo e dos costumes que estariam, segundo sua avaliação, atrelados aos circuitos e bairros da cidade. O local pelo qual se circula ou se está poderá ser determinante para recorrer-se ao forjar de determinadas posturas. As encenações de modos de vida entrariam em acordo com os lugares em que os sujeitos estão inseridos e com os interesses almejados por cada um deles. Deixar-se ser percebido como homossexual no bairro poderá representar algum tipo de constrangimento que não necessariamente será vivenciado em outros lugares da cidade. G acreditava nisso e pontuou uma série de possibilidades e obstáculos que um jovem homossexual poderia enfrentar em conformidade com o lugar da cidade em que se está.

No Bairro do Itaim Paulista G conhecia cerca de dez jovens homossexuais. Lembrou que devido à intolerância era necessário “disfarçar” os traços que pudessem revelar a orientação sexual. – O Itaim é intolerante. Não tem lugar para se divertir. Lá tem um monte de Bi, mas não é o Itaim Bibi – disse G em tom de piada. Em alguns lugares da cidade a homossexualidade é mais consentida, permitindo que as pessoas que desfrutam dessa condição sintam-se mais confortáveis. – Aqui eu me sinto a vontade. No Itaim tenho que ser retraído – contou G, comparando os bairros. As possibilidades de demonstração pública de afetos entre amigos ou parceiros do mesmo sexo podem ter lugares específicos de emergência. – Andar de mãos dadas só é possível em alguns lugares. Andava de mãos dadas no Ibirapuera. No Ibirapuera é outro nível – recordou com ar de nostalgia G. Muitas vezes G ficava constrangido em revelar para os potenciais parceiros onde residia. Dependendo dos interesses colocados em jogo G omitia a informação, dizendo que morava noutro bairro menos discriminado entre os jovens homossexuais. No exercício de construção de novas amizades ou na busca por

parceiros – falava que morava no Tatuapé. Quando falava que morava no Itaim melava o esquema – confessou.

Conversar sobre a cidade fez com que voltassem lembranças sobre as relações pessoais vividas no Itaim Paulista e sobre o comportamento das pessoas frente à famigerada homossexualidade. A escola apareceu naturalmente como um lugar significativo no universo dos conflitos e da necessidade de resolução de problemas advindas de intolerâncias ou ridicularizações. G relatou experiências negativas que viveu na escola e quais foram as estratégias para amenizá-las. Lembrou que o tema da homossexualidade não era discutido em sala de aula e que ser identificado como gay na escola gerava uma série de constrangimentos. – Tinha um menino que todo mundo sabia que era gay e zoavam muito com ele. – O [nome do amigo] dizia: - *Tá vendo G o que poderia acontecer com a gente?* Na escola qualquer traço que denunciasse a orientação sexual poderia provocar manifestações negativas por parte dos colegas. Mesmo a professora que poderia ser um alento na travessia de um conflito contribuía para o agravamento da situação. Na presença dos colegas de classe – a professora um dia perguntou se eu era homossexual. Ela disse que eu tinha perturbações de homossexual. Daí minha amiga disse: - *não professora, ele se faz de gay, mas fica com um monte de meninas.* – Na escola eu era super HT⁵⁷. Eu era assim, porque era necessário ser – contou G.

Diferente da escola onde não se falava muito sobre homossexualidade, a não ser de maneira pejorativa, e onde os comportamentos eram contidos, a praça ao lado da escola tornou-se um lugar de descobertas e estabelecimento de relações menos truncadas do que as vividas em outros espaços do bairro. A praça era freqüentada, sobretudo por jovens - meninos e meninas sem grandes desproporções - que circulavam nos momentos de aulas vagas ou que “cabulavam aula” para ficar ali conversando, namorando ou vivenciando outras experiências. Foi na Praça que G conheceu outros jovens do bairro e estabeleceu novos círculos de amizade – cabulei muita aula para ficar na praça onde conheci várias pessoas – comentou. Os jovens adeptos do estilo *emo*⁵⁸ pareciam ser mais tolerantes que os outros, facilitando uma maior interação entre

⁵⁷ HT expressão utilizada pelos jovens homossexuais para referir-se aos heterossexuais.

⁵⁸ Termo originalmente utilizado para designar o estilo de música “emotional hardcore” dos anos 80 no cenário punk rock. É utilizado como uma categoria musical do cenário underground e para definir estilos

os diferentes grupos. Entretanto, alguns conflitos de uso dos espaços e estilos também foram vivenciados naquela praça: – tinha um punk andando com a gente. Depois um grupo de punks expulsaram a gente da praça que era conhecida como a ‘praça dos emos’. Mudamos para uma praça mais escura onde todo mundo ia beijar todo mundo. Rolava muita amizade – contou G com certa nostalgia. De alguma maneira, os jovens se identificavam com determinados grupos e delimitavam territórios e possibilidades de uso dos espaços às escondidas.

Na “nova” praça, às escuras e longe do olhar de adultos, muitos jovens apreciavam novas experiências, testavam limites, viviam outras sociabilidades: – Rolava muita bebida e drogas, mas nunca experimentei – disse G ao contar que na praça “deles” havia liberdade e cumplicidade entre os frequentadores. As presenças de outras pessoas que não faziam parte do grupo que inicialmente ocupou aquele espaço e a visibilidade negativa que a praça tomou ao longo do tempo fizeram com que G diminuísse a frequência de encontros naquele espaço – a praça foi uma experiência muito boa para mim. Depois começou algumas encrencas – lamentou G. Referia-se a algumas agressões verbais que sofreu no bairro, mas considerou esses fatos como pouco relevantes. Tratou do assunto com naturalidade, considerando que tipos de agressão são normais para quem é identificado como homossexual, disse – já sofri agressão verbal. Todo mundo que é assim sofre. No começo fica chateado, pra baixo, mas depois supera – disse com ar de conformação.

Dentre as agressões e constrangimentos vividos, G relatou um caso que considerou “absurdo” por se tratar de uma situação vivenciada em um equipamento público da região em que morava. Contou que em 2006 quando o grupo de amigos e de trabalho fazia uma pesquisa sobre sexualidade optaram por um posto de saúde localizado no Itaim Paulista como fonte de pesquisa a fim de recolher informativos, cartilhas, camisinhas e material sobre prevenção DST/AIDS. Depois de contar sobre o trabalho que vinha desenvolvendo, uma funcionária do posto convidou o grupo para participar de uma palestra que falaria sobre o “mundo gay”. G, em companhia do amigo, compareceu à atividade. – Tinha muita bicha afetada lá – satirizou G. No

alternativos marcados pelo uso de roupas pretas, acessórios coloridos (alguns com referencial a objetos infantis) e pela demonstração de sensibilidades.

momento do debate, o amigo de G se apresentou como heterossexual e foi alvo de chacota – o [nome do amigo] disse que era hétero e todo mundo começou a zoar com ele – contou G com perplexidade e completou – tudo que eles diziam a gente já sabia.

A sátira à “bicha afetada” conduziu a conversa para o tema do comportamento e dos modos de vestir dos jovens homossexuais. G não identificou grandes conflitos quanto aos modos de vestir, mas ponderou que no “mundo gay” padrões estéticos recebem uma importância considerável – no mundo em que vivemos, a beleza é fundamental – afirmou G, lembrando que mesmo assim haveria espaço para todos – eu já fiquei com pessoas bonitas e com pessoas feias. G não se considerava uma pessoa bonita – eu não me olho no espelho porque me acho horrível – falou G com pesar. De algum modo ele faz esta consideração pensando nos modelos estéticos veiculados e celebrados nos circuitos gays e ponderou – todo ser humano não é contente com o que tem. Meu tamanho é pequeno demais. Não suporto minha barba, meu cabelo (...) mas gosto dos meus olhos. (...) Não me considero estiloso, mas algumas pessoas dizem que sou estiloso e que meu charme está no meu modo de vestir – conformou G. Ele acredita que nunca foi discriminado por parte de outros gays, mas afirmou – eu sou negro e até hoje não percebi nenhum preconceito, mas as pessoas gostam de falar por trás.

O adiantado das horas forçou o término da conversa que esteve cheia de angústias e desfechou rica de possibilidades. G avaliou o momento como uma experiência muito importante e prazerosa, pois se sentiu a vontade ao falar sobre os assuntos tratados naquela noite. Reforçou seu interesse em participar de outras conversas e de construir o “diário de bordo”. Para finalizar perguntei se ele gostaria de dizer mais alguma coisa e fechou o assunto com a seguinte consideração – se existem cotas para negros e para índios, deveria ter cota pra gay, porque gay também sofre preconceito e o governo nunca foi eficaz com as questões dos gays.

Não pedi que explicasse a frase.

5.3.2. “P”: O importante é o que se parece ser

P tinha vinte e um anos de idade, era estudante pré-vestibular, fazia cursinho na região central da cidade e pretendia cursar Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Era morador do bairro de Vila dos Remédios, zona oeste de São Paulo com o qual tinha pouca identificação. Aproveitava as idas e vindas diárias para o cursinho para

tomar cerveja, conversar com os amigos e passear pelos circuitos de sociabilidade gay. Não declarou sua orientação sexual para os familiares nem para amigos do bairro em que residia. Convivia com a necessidade de constantemente forjar sua identidade. Namorava um homem de cinqüenta e cinco anos de idade que era morador do bairro dos Jardins e com o qual passava bastante parte de seu tempo.

Conheci P por intermédio de uma amiga de faculdade, mestranda da Faculdade de História – USP, que desenvolvia pesquisas a partir de história oral. Foi professora de P no cursinho pré-vestibular. Em nossas trocas sobre as agruras do mestrado falávamos sobre pesquisa de campo e de nossos entrevistados quando minha amiga disse que um dos alunos certo dia, numa conversa informal de bar, revelou que era homossexual. A amiga contou que ficou surpresa com a revelação, uma vez que P “não tinha nada que denunciasse sua homossexualidade”. Mesmo forjando sua identidade em alguns lugares, fora do ambiente familiar e do bairro P tratava a sua orientação sexual com naturalidade até mesmo fazendo questão em explicitar sua condição, sobretudo, o fato de estar num relacionamento estável.

Em momento oportuno a amiga comentou com P sobre minha pesquisa e ele manifestou grande interesse em ser entrevistado. Em uma noite me encontrei com P num bar escolhido por ele na Rua Augusta.

Iniciamos a conversa falando do cursinho, da faculdade e das dificuldades de acesso ao ensino superior no país. P falou de seus planos de carreira mostrando-se convicto em relação à escolha do curso. Pouco falou sobre sua trajetória escolar e família. Por outro lado, assuntos da esfera da sexualidade apareceram sugestionados pelo próprio local em que estávamos. P observou que havia uma presença significativa de jovens homossexuais preparando-se para a “balada” naquele estabelecimento – fato comum. Naquela noite P não faria como os outros jovens, mesmo tendo como hábito encontrar amigos naquele bar para depois sair para dançar. Estava empenhado em passar a noite no apartamento do namorado.

– Desde criança já se sabe se é homossexual ou não – disse P, completando que a confirmação sobre a orientação sexual se dá com o amadurecimento e com a influência dos envolvimentos pessoais estabelecidos ao longo do tempo. Completou P – desde pequeno eu sabia que era gay, mas sabia que ainda não era hora de ser. P como outros jovens vivenciou os conflitos em aceitar sua a homossexualidade como um condição. Inicialmente, diante da possibilidade de ser homossexual, procurava se

distanciar das pessoas que identificava como gays. Acreditava que a homossexualidade era uma postura errada frente à vida e que os desejos e impulsos que emergiram durante a adolescência seriam passageiros. Avaliou que estar próximo de outros homossexuais poderia influenciar negativamente sua trajetória. Entretanto, movido por uma dúvida latente, experimentou algumas aproximações sem muito sucesso para seus propósitos, pois se acreditava diferente dos outros jovens homossexuais. A não identificação com grupos gays foi superada quando P conheceu um rapaz que não imaginava ser gay – quando conheci este cara percebi que não era errado – falou P, completando que havia diferentes maneiras de ser homossexual. P descobriu que a homossexualidade não estava atrelada somente aos estereótipos enunciados, mas que existem diferentes identidades nesse grupo.

A experiência considerada positiva despertou o interesse de P em conhecer novas pessoas e espaços de frequência homossexual. Começou a procurar na internet bares GLBT de São Paulo e arriscou algumas visitas. – Eu também tinha aquela idéia de que homossexuais eram aquelas bichinhas que a gente vê. Frequentando o centro percebi que tinham espaços gays. Fiz amizades e comecei a conhecer novos lugares – disse P – tem de tudo – referindo-se aos lugares que conheceu. Para P, assim como para muitos, a internet surgiu como um importante caminho de descoberta do mundo e de estabelecimento de redes de sociabilidade que permitiam o controle sobre o anonimato. Na internet poder-se-ia ensaiar a experimentação do mundo sem se expor e nem sair de casa.

Tudo eram novidade e experimentação. P queria mergulhar num mar de possibilidades sem saber o que encontraria no desconhecido fundo. O exercício da descoberta conduzia P aos bons e maus lugares como dizia. Os critérios de escolha daquilo o que pretendia experimentar ainda não estavam definidos. Quando ouvia dizer por aí que abria um estabelecimento logo se empenhava em fazer uma visita. Quando um amigo e conhecido indicavam um lugar P se aventurava no desbravamento desse novo mundo que aos poucos se abria. Mais convicto sobre sua orientação sexual buscava lugares nos quais pudesse encenar suas vontades – sabia do que gostava, mas também sabia que não podia assumir. Descobri os cinemas de pegação do centro. Um amigo disse que foi a um desses cinemas e um cara pediu para chupar o pau dele, daí fui conhecer o cinema – lembrou P.

O ímpeto de se apropriar desses lugares exigia freqüentes saídas ao centro. P viu-se obrigado a inventar desculpas para os pais. Dizia ir aos barzinhos no bairro da Lapa com os amigos, mas na verdade saía de casa para o centro da cidade a fim de apropriá-la – quando você vai crescendo, você vai ganhando a cidade. Você diz que vai a Lapa e vai ao Centro – revelou P. Circular pela cidade conferia importantes elementos para P construir certa autonomia. Para conhecer espaços gays P construía uma cartografia da cidade com ajuda de conhecidos e da rede mundial de computadores – a internet te dá um respaldo, pois você recolhe informações sem se expor. Pesquisava locais e ia conhecer esse local. Saunas, cinemas, pegação... Sem comprometimento, dava uma trepada e voltava pra casa – lembrou P. As experimentações da sexualidade nesse molde e a circulação pela cidade exigiam que P assumisse uma espécie de vida dupla. O exercício da descoberta era feito na clandestinidade e justificado pelo medo que P tinha de ser flagrado ou descoberto por alguém conhecido. Nesse período em que foi necessário criar uma série de estratégias para não despertar suspeitas entre familiares e amigos – eu tinha a prática sexual, mas não tinha a identidade – afirmou P, completando que como as desculpas para saídas freqüentes poderiam gerar algum inquérito pelos familiares decidiu fazer cursinho na região da Rua Augusta e assim ficar longe de possíveis investigações – o cursinho foi um alibi para ir para o lugar que eu queria viver. Nesse lugar eu consigo ser quem eu sou – falou P referindo-se a região na qual estávamos conversando.

Mesmo experimentando maneiras de viver sua sexualidade, o fantasma de ter que assumir publicamente sua orientação sexual era perturbador. P reconheceu que os espaços que freqüentava inicialmente foram fundamentais para que adotasse outra postura frente a sua própria sexualidade. O cursinho abriu caminho para que novas redes de amizades fossem constituídas de modo mais fluido. O contato com plurais visões de mundo e inclinações que emergiam nos palcos do cursinho foi uma importante experiência para P que disse – comecei o cursinho e conheci o mundo. A Paulista, o Vegas, a Loca.

A circulação por espaços de sociabilidades menos trancadas, sobretudo as casas noturnas Vegas e Loca, que se intitulam casas abertas para todos os estilos modernos, favoreceu o estabelecimento de relações com homossexuais que se aproximavam dos gostos pessoais de P que começou a freqüentar outros espaços de menor apelo sexual e fortalecer os laços de amizade ainda presos a insegurança quanto à sexualidade: –

comecei a sair mais com lésbicas, pois com homens [gays] iriam me reconhecer e eu ainda não era assumido – falou P. Ser “assumido” implicava uma postura social diferente frente às pessoas – no primeiro ano do cursinho não era assumido e não praticava minha homossexualidade – disse P. Para ele a homossexualidade pressupõe uma forma de se inscrever no mundo. As práticas sexuais com homens não lhe conferiam status de gay, acreditava que a homossexualidade exigiria uma postura política que ele não estava preparado para assumir. Com o tempo as relações com outros homossexuais foram ganhando novas dimensões e ao olhar para sua página de relacionamentos na internet P notou que tinha um número considerável de conhecidos gays – no início meu Orkut nem tinha amigos gays e agora você vê que têm vários – concluiu P.

As novas relações estabelecidas contribuíram para que P percebesse a possibilidade de viver outras formas de homossexualidade menos clandestinas do que a qual vinha cultivando. Observou que em alguns lugares ou estabelecimentos era possível ser o que se é, ou deseja ser, sem sofrer sanções em nome de sua orientação sexual. P passou a ver o centro da cidade como um lugar de manifestação de diferentes possibilidades – o Centro é o Centro. Você é quem você quiser – comentou P. Quanto ao diagnóstico de que se era admissível manifestar suas inclinações de forma menos reprimida, P relatou que se sentiu mais tranquilo em “assumir” que era gay aos amigos do cursinho e frequentadores dos bares da região da Rua Augusta – nessa região [*Augusta – Centro*], nesse lugar, eu sou super assumido, mas lá no bairro não! – comentou P ao dizer ter se afastado dos amigos de infância e não manter relações de amizade no bairro. Ainda completou: – eu não conheço ninguém do bairro. O bairro parece ter perdido o referencial acerca dos laços comunitários para P. As relações sociais mais intensas estão mais bem vinculadas a outros espaços. – Aqui é o lugar que eu vivo – disse P, completando que a única relação que o liga ao bairro são seus pais e o fato de ter que morar lá.

As experiências de P parecem tê-lo colocado frente às relações sociais mais gerais num caminho irreversível, comentou P: – você olha ao redor e vê que está nessa vida até o carço –. As primeiras relações que P constituiu com outros jovens homossexuais foram fundamentais para a construção de outros sentidos para vida. Relatou que, de alguma maneira, existiria uma rede de proteção nos espaços de

sociabilidade gay e que seria possível experimentar diferentes posturas frente à vida – aqui na rua sou gay assumido e militante – exemplificou P.

Com a descoberta de uma sociabilidade homossexual, P começou a se interessar em questões da esfera das decisões políticas e da militância gay em São Paulo. P não fazia parte de nenhum “movimento gay”, entretanto, buscou informações na internet e conheceu algumas comunidades que em seus fóruns de discussão abordavam questões referentes à homossexualidade e direitos. – Achei a comunidade da Associação da Parada Gay. Eu ia lá e tinha palestras sobre gays e o movimento – comentou P. Participou de eventos promovidos pela instituição e conheceu jovens homossexuais militantes com quem teve oportunidade de apreciar outros espaços da cidade – daí comecei a conhecer as baladas por conta do movimento, daí fui estabelecendo quais baladas eu gostava (...). Você vai batendo a cara e descobrindo o que você gosta. Tem balada que você vai para curtir, tem balada que vai para caçar – comentou P ao exemplificar as maneiras pelas quais vinha se apropriando da cidade.

A partir das escolhas que realizou frente aos espaços de lazer destinados aos homossexuais, P deu início a um relacionamento que considerava estável e mais próximo de seus interesses pessoais – tenho um namorado de 55 anos. Eu gosto da galera mais velha e mais drogada – revelou P.

P descreveu alguns lugares dos quais mais gostava e dos que, por sua vez, não lhe atraíam muito. Disse que um dos critérios de escolha do tipo de lazer se dá pelo que se procura, ilustrando que – se eu quiser uma droga vou a Loca. Pra trepar, vou no Bailão e na Sogo. Tenho que dividir atração da diversão – para esclarecer sua colocação P explicou que ir a uma “balada” por diversão é diferente de ir numa balada em busca de sexo. Cada lugar, segundo ele, presta serviços para um tipo de público e “desejo”.

Ao tentarmos esboçar algumas descrições dos diferentes lugares freqüentados por P, revelou que além do tipo de público e de serviço oferecido, um grande critério de escolha para qual lugar ir é o recurso disponível – para garantir a balada por toda a noite. – No Vegas você paga R\$20,00 para entrar. Depende de quanto eu tenho eu escolho a diversão. Como eu sou classe média desempregada eu tenho altos e baixos de grana o que define em qual balada eu vou. Ninguém paga R\$20,00 no Vegas para passar a noite à seco. Precisa tomar uma breja, uma droga. A grana que eu tenho na hora define o lugar que eu vou – afirmou P.

Falamos sobre os ingressos cobrados nos estabelecimentos e de como ele via isso, então P afirmou – tem uma diferenciação econômica muito foda. Eu sairia toda semana, mas não dá. Não tem como se divertir sem grana, ainda mais no mundo gay que o que vale é a grana e a roupa que você veste. O cara tem que pagar a droga dele, o taxi dele, a bebida dele – concluiu P. A afirmação de P esta em acordo com o depoimento dos outros com quem conversei. Garantir a entrada no bailes é apenas uma das etapas de travessia da fronteira. Pouco adianta vencer o controle de acesso se não há recursos que garantam sua permanência e passagem nos mesmos moldes em que os *nativos* de dentro estão acostumados.

A percepção que P tem sobre os estabelecimentos e os estilos celebrados nesses espaços serviram de mote para que conversássemos sobre sua postura frente à *etiqueta* reguladora das relações no interior desses espaços e de quais eram as estratégias que P lançava mão – eu não tento me adaptar. Hoje eu vou aos lugares e não vou vestir daquele jeito, eu sou assim e não vou mudar – comentou P, completando – descobri que existe uma discrepância enorme. A galera que vai no Vegas, na Loca, mas que vai na Vieira muda o repertório, gírias, falas, referências culturais. Você diz ‘*esse tem cara de que vai no Vegas, esse tem cara de que vai na Vieira*’. Quem vai no Vegas usa roupa de marca, mas é diferente da TW⁵⁹, a roupa é alternativa. Na Vieira é mais a bicha poc-poc da periferia, vai virar na balada, pois não tem como ir para casa – concluiu P.

Os “tipos” gays que conseguia distinguir eram os modelos, e por que não dizer estereótipos, referenciais entre os próprios grupos de homossexuais. P disse que são difíceis de descrever, mas que se sabe quem são e ponderou – o jeito de comportamento é diferente, é uma coisa de olhar, não tem como descrever – disse P, buscando exemplos para ilustrar sua fala até que conseguir fazer algumas descrições de grupos – é fácil enumerar tipos de gay e onde freqüentam. No Bocage é a galerinha mais novinha que tá começando na carreira agora, é um lugar que tem pouca personalidade. Têm os que freqüentam a Paulista, os mais cool que vão ao Espaço Unibanco. Os da Augusta, mais antenados, riponga, mais moderno. A galera dos Jardins são bichas muito chatas que usam as roupas de marca e tal, que o que importa é o quanto você pagou. O centro é muito mais a galera mais pobre, mais estereotipada, que veste calça apertada e vai na

⁵⁹ The Week casa noturna na região do bairro da Barra Funda.

Planet e Freedom. Tem também os senhores que são gays, tem os ursos que não valorizam muito o corpo (o que faz sucesso é o gordinho). É isso – concluiu P. – Tá vendo esse cara que tá atrás da gente, ele tem jeito que vai ao Vegas, olha a jaqueta dele, o jeans – materializou P ao apontar um jovem que estava próximo de nós no estabelecimento.

A descrição apresentou elementos significativos que permitem inferências acerca das redes de sociabilidade homossexual, permitindo capturar algumas regularidades na composição dos espaços e nos estilos assumidos por cada um dos sujeitos ou grupo. As relações de conflito, mesmo que não explicitadas, apareceram através dos termos de classificação atribuídos aos homossexuais e que são atrelados às condições econômicas expressas no vestuário e nos modos de anúncio.

Em nossa conversa também abordamos as relações e percepções quanto aos espaços. P falou da angústia de ter que morar com os pais e manifestou seu desejo em viver noutro bairro: – plano de sair de casa é urgente – exclamou. A região que eu quero vir é essa mesma. É a região que eu quero viver, o mais rápido, Augusta, Paulista... – concluiu P. O motivo da urgência, justificado, não se dá por conflitos vividos no pedaço de origem, mas pelo desejo de novas relações sociais mais condizentes com os desejos de P que explicou: – o motivo nem é tanto a sexualidade, mas viver num lugar em que se pode dizer quem você é e quem não é. Estar próximo ao Centro é o que mais busco. Cultura! Viver essa cultura do centro, da diversidade – finalizou P.

Falou um pouco dos amigos que hoje moram na região da Rua Augusta e observou que todos vieram de outras localidades em busca de realização de sonhos e modos plurais de vida – meus amigos não são dessa região. A maioria veio do interior, de outro Estado, ou vieram da periferia e migraram para poder viver. É um pessoal que descobriu a Augusta e um modo de vida aqui. Perceberam que aqui são maiores as possibilidades – disse P. De alguma maneira, parece que a experiência de morar em regiões centrais, vividas por outros amigos, alimenta o desejo de P em experimentar sensações semelhantes e modos de vida atrelados a cultura do lazer e da diversão. Entretanto, reconheceu que a “migração” para essas regiões representava a superação de diversos obstáculos, sobretudo, financeiros. Com certo pesar, concluiu P – você consegue perceber que quer viver longe e que tem um pedaço, mas não é fácil vir pra cá. Diante da lembrança de alguns obstáculos, voltamos a falar sobre as relações que implicam o poder de consumo daquilo que seria um valor para alguns homossexuais, P

falou – o mundo gay tem uma relação estética forte. O cara pode estar fodido, mas quer estar numa estética, cabelo cortadinho... Mas eu me vejo destoante, não tenho grande vaidade. E daí você percebe que as pessoas te olham mais de uma vez. Existe uma discriminação. O pessoal às vezes olha estranho – lamentou.

P lembra que os valores atrelados à aparência são definidores dos tipos de relações que se pode estabelecer entre os jovens homossexuais e que diante disso, muitos dos rapazes, sobretudo os que dispõem de poucos recursos financeiros, encontram diferentes estratégias para serem aceitos ou parecerem com os que estão conectados aos estilos mais globais, destacou: – você não precisa ser rico e poderoso, importa o que você parece. Ninguém se importa em quantas vezes você pagou a calça da Diesel. Importa que você tem – disse P.

Falamos sobre como via os jovens homossexuais que vivem na periferia e que freqüentam os espaços de sociabilidade gay de regiões centrais. P acreditava que a noite para esses jovens seria a chance única de experimentar uma vida que não seria possível no bairro, assim, para P – sair para ir na balada é a chance. É onde tudo tem que acontecer naquela noite – completou P: – no Centro tem um mar de possibilidades que vai até onde vai o seu dinheiro e o seu tempo.

Perguntei se acreditava que esses jovens teriam alguma intenção de mudar o bairro em que vivem e P respondeu: – as pessoas não estão a fim de mudar o bairro em que elas vivem, a idéia é descobrir o Centro. E quando descobrem um jeito de viver no Centro e são do bairro abandonam tudo e vão para o Centro morar com amigo, namorado, o que seja. Quem consegue sair tá pouco se fodendo pra quem está no bairro e tem que inventar histórias pra viver.

Foi uma conversa humorada e cheia de exercícios de análise. P ensaiava alguns atributos do futuro, desejável, cientista social. Por conta do horário finalizamos. Perguntei se ele gostaria de falar mais alguma coisa e P terminou: – nenhum lugar deixa de segregar.

Mais uma vez sem comentar.

5.3.3. “K”: Não precisa ser mulherzinha

K tinha vinte e um anos de idade. Possuía ensino médio concluído em curso supletivo. Era morador de uma favela localizada na Zona Oeste de São Paulo. Cumpria sentença judiciária com prestação de serviços à comunidade. Dividia residência com outros dois amigos (também homossexuais). Fez depoimentos surpreendentes. Não aceitou fazer o “diário de bordo”. Com muita negociação se dispôs para uma próxima conversa que nunca aconteceu.

Diferentemente de outros jovens que me aproximei por intermédio ou indicação de amigos conheci K de maneira um tanto singular. Ao final de uma reunião de sindicalistas, durante a festa de confraternização, explicitiei a alguns dos presentes, em conversas que sempre vinham à tona, minhas linhas de investigação no mestrado. Um dos presentes, mais um conhecido do que um amigo me disse que um dos jovens que trabalhavam naquele dia na organização daquele evento era homossexual. Perguntou se eu teria interesse em conversar com o rapaz. Respondi que sim e foi feita a aproximação com K.

Na conversa inicial com K, seguindo todo o protocolo ensaiado, expliquei os objetivos da pesquisa que vinha desenvolvendo e perguntei se ele teria interesse em conceder uma entrevista. K não fez questão de demonstrar simpatia, disse que se fosse para fazer entrevista teria que ser naquela mesma hora, pois ele não iria dispor de seu tempo para ajudar “playboy de faculdade”, referindo-se a mim. Em princípio achei que seria uma conversa difícil, entretanto, aceitei o desafio e descobri que foi uma conversa rica e necessária.

Pelos modos em que se deu a entrevista, não realizei anotações durante a conversa, como nas demais. Entretanto, julguei tão valiosas as informações que as preservei de modo a fazer sistematizações. Optei em manter os dados recolhidos, mesmo não fazendo escolhas sobre as circunstâncias da entrevista, acreditando que poderiam apontar novos caminhos para minhas reflexões. Mesmo sem anotações do período, tentei ser o mais fiel possível na transcrição de algumas falas do jovem. K

usava muitas gírias no seu discurso e a todo tempo me chamava de “tio”, mais do que uma expressão carinhosa, afirmava nosso distanciamento.

A conversa foi iniciada num banco no jardim da casa. Perguntei se K tinha problemas em falar sobre sua vida pessoal e com a negativa pedi para que contasse um pouco de sua história – xi, tio, minha história é muito triste. Ninguém quer saber da minha história não – disse K sorrindo. – Se você não me contar, não poderei dizer se é triste ou não – foi a única coisa que pude dizer.

Contou K que tem outros dois irmãos mais velhos. Família composta na maior parte do tempo por três irmãos apenas. A mãe havia tido um envolvimento com um homem casado, pai destes três, que residia nas proximidades da divisa municipal com Osasco⁶⁰. K convivia com o pai apenas nas breves e regulares visitas que este fazia a ele e aos irmãos. Lembrou-se que quando criança certa vez em que a mãe chegou a casa e pediu para que todos arrumassem as malas, pois fariam uma viagem naquele dia. Sem questionamentos as malas foram prontadas. Acompanhando a mãe, as crianças tomaram ônibus e depois de algumas horas chegaram à casa do pai: destino final da curta viagem, onde a mãe de K deixou os três filhos. K e os irmãos foram criados pelo pai e pela madrasta que, como nos contos de fada, não gostava muito da presença das crianças. K disse que foram maltratados e que o irmão mais velho, frente à situação, decidiu sair da casa do pai levando os dois irmãos mais jovens. A resistência do pai não impediu que os fossem, sob responsabilidade do mais velho deles, morar numa favela da Zona Oeste da Capital.

As difíceis condições econômicas que a família enfrentou cogitaram com a possibilidade de envolvimento com o tráfico de drogas: uma alternativa à porta de casa para superar as dificuldades financeiras. Por escolha ou por falta dela o irmão de K compôs as teias do tráfico de drogas. K que sempre acompanhava o irmão acabou, como disse, – conhecendo os esquemas da favela. Quando mais velho K teve condições de assumir uma função dentro do tráfico e tornou-se o famigerado “aviãozinho” responsável por entregar a droga para os carros chegavam à entrada da favela.

⁶⁰ Município que compõe a Grande São Paulo na parte oeste da cidade.

Quando adolescente K iniciou suas primeiras investidas sexuais. Acompanhava os meninos do bairro aos “puteiros” da cidade, mesmo não gostando da atividade. Tentou e forçou ficar com mulheres algumas vezes, mas por falta de desejo não conseguiu. As circunstâncias levaram K a questionar sua própria sexualidade. Percebeu que sentia certo ciúme dos meninos que depositavam seu desejo nas mulheres. Descobriu que queria estar no lugar delas, com os meninos que jamais poderiam saber das inclinações de K. O medo e a angústia obrigaram uma conversa com o irmão que tanto admirava. K contou-lhe tudo que vinha sentindo acerca de seus desejos sexuais. O irmão, ao contrário do que se poderia imaginar, disse a K – você é viado – entretanto sem repreendê-lo; apenas uma conclusão talvez. K procurou dar fim a sua inquietação envolvendo-se afetivamente com um rapaz. Encontrou algumas certezas.

Mais do que a própria orientação sexual o fato de morar na favela colocava K frente a outros problemas. Falou um pouco sobre as relações que são estabelecidas entre os moradores e o imaginário sobre a homossexualidade – tio, na favela tem um monte de viado, mas tem um jeito de ser viado na favela, ou você vira bichinha mesmo, ou tem que ser mano – contou K, completando que desejava fazer parte do segundo grupo. K não se identificava com quem seriam as “bichinhas”, gostava de “ser homem” – como disse – e para isso deveria conquistar posição de respeito perante os demais. O reconhecimento de K como “mano” exigia a provação de sua masculinidade no grupo. Assim, K teve que participar das “correrias com os manos”. Foi uma espécie de ritual de passagem, o corredor polonês para provar ao grupo que era “ponta firme”.

K se viu obrigado a participar de um assalto, contou a história e completou: – para conquistar respeito não é fácil. K deveria assumir sua homossexualidade e ao mesmo tempo “provar que era homem”. Poderia ser menos difícil omitir sua orientação sexual, mas K alertou que a omissão, se revelada, poderia gerar conflitos violentos na favela. Ser descoberto seria muito perigoso, o mais fácil, segundo K, é – ser bichinha, andar de roupa coladinha igual mulherzinha – concluiu. Parece que há uma postura ou encenação homossexual mais tolerada, ou as regras servem como separadores e modos violentos de humilhação. Poderíamos inferir que existe uma forma dicotômica da sexualidade que se divide apenas em afirmação de padrões duros de masculinidade e

feminilidade⁶¹. Para ter o direito de circular na favela K teve que compactuar com estes padrões e demonstrar correspondência com atitudes consideradas caracteres atribuídos somente aos homens.

K contou que com o tempo o respeito do grupo foi conquistado, mas sempre esteve alerta. Não poderia vacilar – viado na favela ou apanha ou dá pra todo mundo. Eu não queria isso. Queria um companheiro, ficar com alguém porque gosto e não obrigado – revelou K, lembrando que amigos homossexuais optaram por outros caminhos e tornaram-se travestis. Os amigos de K adensaram os quadros da prostituição como uma alternativa e saíram da favela. Dividiam apartamento no centro da cidade; continuavam se prostituindo. K disse que esta foi a forma que eles encontraram para sair da favela.

Contou que teve um relacionamento clandestino de dois anos com um rapaz do grupo de amigos. Este jovem era casado e pai de alguns filhos, também “tomava conta” da favela. Pela proximidade de todos do grupo, os encontros não despertaram suspeitas. Entretanto, com o fim do relacionamento, K acabou revelando o envolvimento e sofreu uma série de represálias violentas. Foi considerado traidor e para continuar convivendo na favela, foi obrigado a participar de um assalto que não foi bem sucedido e por isso ficou preso durante alguns meses e cumpria sentença judicial.

Buscando não me aprofundar nestas questões, perguntei sobre suas formas de lazer. K disse que freqüentava boates gays do centro da capital, mas que estava impedido de sair à noite por conta da sentença. Contou que muitas vezes levava drogas para comercializar em casas noturnas e que com isso ganhava algum tipo de reconhecimento; a entrada nos estabelecimentos era facilitada. Entretanto, após a comercialização dirigia-se para outras boates onde se sentia mais a vontade longe dos olhares especuladores. Também costumava ir à casa de amigos no Centro e andar pelas ruas de circulação gay.

A todo o momento K fazia questão de dizer que a vida na favela era muito diferente da vida fora dela. Dizia que eu não entenderia isso, porque tive oportunidade

⁶¹ Pierre Clastres aborda em “o arco e o cesto” o determinismo dos papéis sociais masculinos e femininos numa tribo indígena onde o homem ao se identificar com os papéis femininos deve assumir as características atribuídas a este grupo, abrindo mão do arco (instrumento utilizado só por homens e associado à caça) e assumindo o cesto (instrumento utilizado somente pelas mulheres e associados aos cuidados domésticos) numa inversão e adequação de papéis. (CLASTRES, 1978)

de estudar, de conhecer a cidade, de fazer amigos legais e de outras coisas que ele não pode viver. Disse que ninguém se preocupa com quem vive na favela e que passam a se preocupar somente quando os que moram na favela saem e andam pela cidade. Afirmou que eu ando na rua sem medo, tenho segurança, que posso andar de qualquer jeito, mal vestido, por exemplo, pois vão apenas dizer que sou um menino rebelde, mas que ninguém iria me parar e perguntar o que faço aqui ou ali.

K contou que para sair à noite ele precisava se arrumar, se vestir bem – tinha que descolar dinheiro para comprar roupa de marca, para não parecer que vinha da favela. Caso saísse de qualquer jeito iriam logo perguntar o que eu fazia ali – disse K, finalizando o raciocínio com uma pergunta que não respondi – tio, você acha que algum dos seus amigos iriam querer namorar comigo se eu dissesse que moro na favela? É só falar que eu moro na favela que os truta sai correndo ou pergunta se eu tenho canal [*de drogas*] – concluiu.

Por não haver mais tempo para conversa, uma vez que K estava trabalhando, finalizei demonstrando meu interesse em encontrá-lo novamente, ele concordou dizendo: – só vou topa, porque você é uma cara legal, não é igual aos babacas aqui da USP – mas nunca nos encontramos novamente.

Agradei e perguntei se ele queria dizer mais alguma coisa, e finalizou K: - quero ser respeitado. Para ser gay não precisa ser bichinha, mulherzinha. Você pode ser gay e ser homem.

5.3.4. “Z”: É preciso estar por cima da carne seca

Conheci Z por intermédio de um amigo e professor de uma Universidade particular da Zona Norte de São Paulo. Compartilhando com ele as etapas do trabalho de pesquisa perguntei se teria algum aluno que se enquadraria no perfil de entrevistados. Ele comprometeu-se em verificar a existência desse jovem em seu grupo de alunos e colocou-me em relação com Z. O primeiro contato foi por telefone pelo qual os aspectos gerais da pesquisa foram informados. Z aceitou participar e marcamos um encontro na sala de cinema Reserva Cultural na Avenida Paulista. Z sugeriu que caminássemos até um bar localizado na esquina da Rua Frei Caneca com Peixoto Gomide. Durante o

passeio Z adiantou questões sobre sua vida universitária e familiar. Fez algumas observações sobre a rua e os espaços de sociabilidade gay da região da Paulista. Chegamos ao bar e demos continuidade a nossa conversa.

Z nasceu em Santos onde passou sua infância e início da adolescência. A descoberta da homossexualidade não ocorreu sem conflitos pessoais e com os grupos com os quais convivia. Z relatou que sentia ser diferente dos outros rapazes, entretanto, não tinha clareza sobre qual seria essa suposta diferença. Na adolescência não manifestava desejo pelas garotas como os outros rapazes e começou a se questionar se era gay. No início acreditava que a homossexualidade era um pecado e desejava que essa sensação fosse logo passageira. Percebendo que não tinha atração pelas garotas e que o desejo de ficar com outros rapazes se intensificava Z colocou-se frente ao conflito sobre sua sexualidade de maneira solitária. Evitava ao máximo se expor e tocar em assuntos referentes a namoro e investidas sexuais. Z era um observador e procurava explicações para o que estava vivendo até perceber que a homossexualidade era possível, disse – passei a ver que as relações homossexuais existem na TV, na rua, que os homens ficam com homens e percebi que existe a possibilidade, existem iguais e eu não sou pecador – reconheceu Z. A percepção de que as práticas homossexuais pudessem ser comuns contribuiu para que Z passasse a se aceitar como gay e acreditar que seus desejos não eram pecado.

Com o amadurecimento Z foi constituindo em seu imaginário características comuns que pudessem ser atribuídas diretamente aos homossexuais. Começou então a suspeitar do irmão mais velho – tenho um irmão mais velho que é gay, fui percebendo que éramos iguais – disse Z. Reconhecer que o irmão pudesse também ser homossexual encorajou Z a falar sobre seus desejos. A conversa com o irmão afirmou uma relação de confiança e cumplicidade entre os dois. O irmão revelou que era homossexual e tornou-se conselheiro e confidente de Z. Os dois se aproximaram mais e começaram a frequentar as mesmas rodas de amigos. A percepção de que era igual ao irmão ajudou a construir suas relações – os amigos dele foram meu primeiro grupo social gay – lembrou Z.

Diante da homossexualidade de Z o irmão recomendou a que nada fosse revelado à família a fim de evitar maiores conflitos. Recomendou que Z deveria “abrir o jogo” somente depois que tivesse condições de sair de casa e morar sozinho. Posteriormente, depois de já ter revelado sua sexualidade para os familiares, o irmão de Z veio morar em São Paulo. Na ocasião Z acompanhou os conflitos familiares gerados

por conta da sexualidade do irmão e decidiu que não seria oportuno falar de si para os pais. Com os ânimos acalmados Z revelou sua homossexualidade aos familiares e veio morar com o irmão em São Paulo. Considera que foi uma experiência importante, mas decidiu que deveria voltar para casa dos pais e deixar o irmão mais à vontade.

Voltou para Santos e na ânsia de encontrar autonomia financeira, buscou conciliar prazer e trabalho. Z procurou emprego em casas noturnas de Santos e começou a trabalhar como promotor numa boate gay. A experiência permitiu que Z conquistasse certo status entre os homossexuais na cidade, pois era ele quem controlava a entrada de pessoas, comentou Z: – você conhece tal pessoa e tem status. No mundo gay depende de com quem você sai diz quem você é. O trabalho permitiu a aproximação de Z com donos e gerentes de boates da cidade. Começou a se “montar”⁶² e participar dos shows que as casas noturnas ofereciam, permitindo que Z conquistasse independência financeira. Z ainda desejava trabalhar e morar em São Paulo. Iniciou os estudos universitários em curso particular de história, mas o ritmo intenso de trabalho impediu que concluísse os estudos.

O trabalho atrapalhou um pouco os estudos, mas permitiu a independência financeira em relação à família que tanto Z buscava. O resultado dessa configuração foi morar com o namorado na região central de São Paulo. Z deixou os shows e conquistou colocação profissional numa agência de telemarketing – em São Paulo tem os empregos de gay e afins que exigem pessoas modernas com pensamentos mais abertos, pessoas mais jovens – disse Z. No trabalho de telemarketing retomou os estudos e ingressou no curso de Relações Públicas numa Universidade particular na zona norte da Capital.

Depois de algum tempo que Z morava em São Paulo seus pais foram transferidos no trabalho e passaram a morar na cidade Guarulhos na Grande São Paulo. A relação com os pais já estava mais estável. Acreditava Z que o fato do irmão ser homossexual e ter revelado para os familiares antes facilitou o entendimento deles com os pais. Com o namoro instável e dificuldades financeiras sentidas após perder o emprego Z foi morar com os pais em Guarulhos. Lamenta-se desse “regresso”, mas considera que foi um momento importante para fortalecer as relações familiares.

⁶² Expressão usada para se referir ao ato de travestir-se.

Retomamos o assunto da escolarização e falamos sobre as relações de Z com a escola. Z lembrou que a escola sempre foi um lugar hostil – na escola te xingam, mas é uma coisa velada. Eu não falava para as pessoas, não contava com ninguém. Z somente tocou no assunto sobre sua orientação sexual no terceiro ano do ensino médio quando se sentia mais seguro frente aos colegas – tinha o preconceito dos outros meninos – revelou Z – passei a não ter mais os problemas que tinha quando tinha treze, catorze anos. Xingavam com ódio e comecei a ver que era uma coisa ruim. Só quando comecei a sair é que comecei a rebater – contou Z, completando que as experiências sociais fora da escola permitiram que ele pudesse encontrar maneiras de se defender e achar forças para enfrentar os conflitos vividos na escola.

Z acreditava que quando se é jovem não se tem muitos critérios para fazer as escolhas pessoais. Para ele no “universo gay” a escolha das amizades e dos parceiros requer de critérios que seriam criados com a própria experiência - no início se experimenta de tudo e depois descobre o que está mais próximo de sua identidade – disse Z completando – no início não se tem gosto, não se é muito seletivo. Com o passar do tempo você começa a internalizar e externalizar as coisas. Com o convívio fui me tornando mais vivo – concluiu Z, justificando onde encontrou meios de se defender dos preconceitos vividos.

O convívio com outros gays que já superaram dificuldades similares, segundo Z oferece elementos importantes para a compreensão do mundo. O jovem passaria a refletir melhor sobre o mundo que o cerca e se livrar de antigos paradigmas. Para Z: – o gay tem a mente mais aberta. Desde o mais bagaceiro até o mais intelectualizado – disse, completando – para conviver com as pessoas você tem que aprender. Falar sobre o convívio entre as pessoas nos levou a anunciar diferenças de grupo. Z disse que existem espaços específicos para cada grupo e pessoa e que é possível classificar cada um deles. Na praia onde as diferenças ficariam diluídas segundo Z existem lugares freqüentados exclusivamente pelo público gay – em Santos a praia tem o lugar dos gays e outros lugares – contou Z, completando que logo colocam uma bandeira GLBT e o lugar fica determinado. Z acreditava que os “redutos gays” não surgem de maneira planejada. Eles apareceriam como consequência de algum tipo de apropriação. Ele exemplifica dizendo que um gay vai a um “lugar bacana” e sentindo-se confortável convidaria um amigo gay para voltar ao estabelecimento. As pessoas notariam a presença de homossexuais e logo classificariam o estabelecimento como um *point*, o

volume de gays aumentaria e assim se transformaria em mais um “reduto” – o lugar virar um reduto gay é uma consequência. Daí toma proporção – concluiu Z.

Para Z todo lugar é composto por turminhas, seja no “mundo hetero” ou “no mundo gay”. As pessoas se aproximariam umas das outras por afinidades – no mundo gay sempre tem as turminhas: as travestis, as que cheiram, as pussycats⁶³, as suburbanas... – disse Z, explicando que – as suburbanas são as que moram afastado do Centro ou da boate. Brincou com aquela expressão e disse: – agora eu voltei para esta classe [*suburbana*]. To morando em Guarulhos – disse rindo Z.

Z afirmou que com a maturidade deixou de pertencer a grupos com relações mais estreitas – eu não ando mais em turminhas de gays – afirmou Z, justificando que no início os grupos eram importantes para que ele pudesse se firmar como sujeito. As relações mais fluídas deram espaço às escolhas atreladas aos interesses que se objetivavam – você leva mais em consideração quem você vai agradar – disse Z – tem que demonstrar interesse comum, alguma afinidade. Para agradar as pessoas tem que mudar o comportamento. Muda o comportamento, mas não drasticamente – finalizou Z. Para ele é possível pertencer a vários grupos ao mesmo tempo, buscando se aproximar de pessoas que tenham um “estilo de vida” próximo daquilo que se busca como ideal. Z pontuou que é necessário se parecer com o grupo que deseja participar, mudando, além dos estilos visuais, algumas posturas – você passa a se parecer com o grupo. Procura usar as mesmas roupas e ter atitudes que te identificam com o grupo. O jeito de se vestir, o que você bebe – exemplificou Z, completando – você vai e vê uma turminha Cult, uma pessoa legal e começa a se inspirar. O afastamento de determinados grupos e a proximidade a outros seria uma estratégia de mudar a percepção que as pessoas têm dos sujeitos. Para Z: – você se fastia dos grupos que não quer ser identificado. Passei a andar com gays emancipados, descolados, sem deixar de andar com outros, mas de forma mais limitada – e concluiu – eu convivo com pessoas de classe abaixo da minha e não tem problema. Se tem identificação eu aceito.

Começamos a falar sobre as classificações no “mundo gay” e Z contou haver discriminações, sobretudo em relação à afiliação de classe – a questão social é coisa de gay, porque tem que estar sempre por cima da carne seca – falou Z, dizendo que seria

⁶³ Z disse que pussycat é o termo usado para designar os homossexuais mais jovens (adolescentes).

preciso provar que se tem “autonomia financeira”. O lugar de freqüência e os gostos pessoais podem contribuir para classificação dos jovens – é só você olhar as turminhas que se formam, os lugares que freqüentam. Bicha que gosta de samba são geralmente suburbanas – afirmou Z. Para evitar classificações pejorativas e provar “autonomia financeira” não bastaria investir apenas em indumentárias da moda. Z exemplifica isso dizendo – a TW é uma boate cara. O viado junta o salário do mês todo, compra calça, tênis e ta lá. Mas não vai poder beber – disse Z. Nesse sentido, fazer parte do grupo exigiria a manutenção de padrões de consumo que muitos jovens ainda não conquistaram, mas que talvez desejassem conquistar. Uma das estratégias de aproveitar de um mundo que se deseja seria ampliar as redes de amizade – andando com as pessoas surgem as oportunidades – aconselhou Z.

Para Z São Paulo está no imaginário do gay brasileiro que considera a cidade um mar de possibilidades. Contou que em Santos havia uma gíria usada pelos homossexuais que se referia à cidade como “a corte” – em Santos quando as gays vêm pra São Paulo dizem que estão indo ‘a corte’ – disse Z, completando que – existia ritual para quem vinha para São Paulo se divertir. Um ritual para a primeira vez na corte. Segundo Z – São Paulo é uma cidade boa para os gays. Os gays ambicionam vir para São Paulo. É uma referência.

O sonho de morar em São Paulo pode acabar quando se percebe que não basta estar em São Paulo. Z considerou que depois de morar na capital o mito de possibilidades diminuiu sua grandeza. Para ele o bairro em que se morra e as condições de fazer uso do que a cidade oferece contam muito – a bicha tem que morar no Centro. A bicha tem que vir para o Centro. A bicha tem que ir para balada – disse Z em relação aos que acreditam que morando em São Paulo as dificuldades seriam superadas – quem vem para São Paulo e mora afastado sofre preconceito do mesmo jeito – concluiu Z. Ele disse não ter experiência de morar na “periferia”, mas revelou que na roda de amigos percebe a existência de preconceitos em relação aos jovens que residem nas regiões mais afastadas do Centro. Acreditava que nas periferias a violência contra homossexuais ocorria impulsionada por pensamentos conservadores – as pessoas de classe mais baixa não conseguem ter pensamento mais aberto – disse Z.

Z considerava Guarulhos uma cidade próxima e com fácil acesso ao centro da capital. Mais próxima do que algumas periferias. Entretanto, Z contou que era constantemente importunado pelos amigos com piadas referentes ao seu lugar de

residência. Algumas vezes Z ocultou o lugar de moradia, informando outro endereço que considerava mais conveniente. Z disse que não tem identificação com o bairro e cidade em que mora nem com as pessoas que lá residem – eu vivo em São Paulo. Não gosto de morar em Guarulhos. Tenho vergonha de dizer que moro lá. Tenho vontade de vir morar no centro. Aqui nesta região – disse e apontou Z. Ainda falou um pouco sobre a cidade em que mora, estabelecendo algumas diferenças – é diferente andar na Paulista ou no Centro de Guarulhos. Guarulhos não tem reduto gay. Você anda no Centro e as pessoas ficam te olhando – concluiu. Ele tem alguns “conhecidos” homossexuais em Guarulhos, mas todos têm São Paulo como lugar de diversão e sociabilidade – saímos só em São Paulo – disse. Entretanto, Z não gostava muito de sair junto com os conhecidos do bairro, pois – se eu andar com essa pessoa vão falar: ‘*a turminha dos suburbanos*’. Morar em Guarulhos já tem essa condição, andar com essas pessoas você perde duas vezes – finalizou Z.

A permanência no “mundo gay” dependeria de diversos fatores para além das condições de moradia e aparência. Seria necessário ter algum tipo de status ou diferenciação frente aos outros. Como repetiu Z – é preciso estar por cima da carne seca – e acrescentou – as drogas trazem um tipo de status. Ser comentado como cheirador é bom, traz algum benefício socialmente. Para se destacar seria importante agregar diferentes atributos à personalidade individual – toda gay gosta de marca. Você tem que ter um acessório com etiqueta grande. Você tem que mostrar que tem. Tudo isso prova que você é capaz de comprar, que tem dinheiro. O mundo gay é um mundo de aparências – lamentou Z – o importante é ser bem comentado. Entretanto, Z disse que a exigência de cuidados com a aparência não seria restrita somente ao “mundo gay” e concluiu – numa entrevista de emprego a aparência diz tudo.

Pelo adiantado das horas finalizamos nossa conversa. Z disse que foi uma experiência bem interessante, pois ele pode pensar em coisas que nunca havia pensado antes. Perguntei se ele queria dizer mais alguma coisa e terminou:

– Primeiro me aceitei. Depois me impus. Se eu pudesse nascer de novo, nasceria do jeito que sou. Você só tem que se adaptar. É mais fácil.

5.4. Revelações: contrastes das fotografias transitórias

As narrativas da descrição e das entrevistas ofereceram fatos e elementos para imaginação das dinâmicas sociais vividas pelos jovens homossexuais que fazem sua travessia pelas fronteiras da cidade, da sexualidade e econômicas. Mais do que reduzir a vida cotidiana desses jovens em pontos de convergência no desenho de generalizações busca-se nesse momento evidenciar contrastes de suas vidas que os coloquem em destaque nas fotografias transitórias. Estes contrastes os aproximam em pontos comuns, mas não significam que as sensações e estratégias utilizadas pelos jovens foram sentidas de modo similar. Cada um reage de modo diferente as experiências e realiza interpretações particulares sobre elas. Entretanto, é possível perceber alguns pontos, ou contrastes, comuns evidenciados pelos jovens entrevistados.

A experimentação da homossexualidade teve seus primeiros ensaios na infância ou adolescência acompanhada de sentimentos de medo e culpa. A interpretação de que a homossexualidade se configurava como um desvio suscetível de forças de coerção colocou os jovens frente ao temor de exposições públicas, limitando suas interações sociais ou exigindo mecanismos de forjar personalidades que denunciasses uma possível orientação sexual que se afastava dos padrões tidos como normais.

O insucesso dos jovens na modulação de suas personalidades colocou-os no cerne de conflitos entre os demais. Perseguições e ridicularizações foram vivenciadas nos diferentes espaços, sobretudo na rua e na escola. A instituição escolar apareceu como um lócus hostil e propenso às violências ligadas às intolerâncias e homofobia, entretanto, não impediram a continuidade dos estudos que se configurou como possibilidade de algum tipo de mobilidade social exceto para um dos jovens (K) que foi obrigado a abandonar os estudos por dificuldades financeiras.

As relações de conflito vividos na escola e no bairro impulsionaram os jovens a buscar outros espaços de sociabilidade para constituição de relações menos tensas em diante da sexualidade. A Internet surgiu como ferramenta para a descoberta de espaços da cidade nos quais a homossexualidade era prática e tolerada. Os jovens puderam desenhar os primeiros mapas da sociabilidade gay de São Paulo e ensaiar a circulação por estes espaços.

A busca de espaços de sociabilidade gay e a circulação pela cidade permitiram que os jovens começassem a realizar uma cartografia de São Paulo, identificando estabelecimentos, normas e condutas celebrados nas regiões com maior concentração de homossexuais. A identificação com esses lugares exigiram deslocamentos constantes entre o bairro de origem e o Centro. O transporte público era o meio mais utilizado para esses deslocamentos, sobretudo à noite, exigindo o enfrentamento do medo da violência urbana. As freqüentes saídas também cogitaram com a necessidade de fazer uso de inverdades acerca dos lugares de lazer experimentados por estes jovens. As dificuldades financeiras para custear os gastos com lazer exigiu a tomada de estratégias de barateamento no consumo de bebidas e de ingresso nos estabelecimentos destinados ao público gay.

A experiência nos espaços de sociabilidade gay não diminuiu os conflitos vividos por estes jovens, mas deslocou seu campo. Os conflitos no bairro estimulados pela orientação sexual foram atenuados pelo distanciamento provocado por esses jovens em relação à vizinhança, entretanto, novos conflitos motivados por afiliação de classe tiveram que ser enfrentados nos espaços de sociabilidade gay. Os padrões de consumo celebrados pelos homossexuais estavam distantes das possibilidades financeiras destes jovens que encontraram novas estratégias de forjar suas personalidades econômicas. As inverdades em relação ao bairro de residência e às condições econômicas tiveram que ser utilizadas para evitar constrangimentos frente à afiliação de classe. Tais inverdades tornaram-se necessárias para evitar o desequilíbrio das relações sociais tanto na família, na escola, no bairro, quanto nos espaços de sociabilidade gay.

A imagem pessoal de cada um também sofreu modulações. A busca por tipos físicos ideais, aquisição de roupas de *grifes* e a assunção de posturas conectadas com altos padrões de consumo tiveram, dentro das possibilidades, de ser assumidas por estes jovens a fim de ingressarem nas rodas dos homossexuais emancipados. A descoberta da existência de pouca solidariedade entre os homossexuais impulsionou estes jovens a também assumirem padrões de conduta que exigiam a exclusão de outros sujeitos mais jovens e de classes sociais desfavorecidas.

A busca por algum tipo de status que colocasse os jovens em condição de serem desejados por outros homossexuais também os aproximou das redes de vícios e drogas. O uso de expressões pejorativas em relação a outros jovens e gírias se incorporou ao

discurso desses jovens, corroborando com as necessidades de adequação às normas e condutas celebradas pelos grupos de homossexuais.

De maneira geral, todas as modulações de suas personalidades contribuíram para que estes jovens se afastassem dos grupos familiares e do bairro, alimentando o sonho de residência em regiões mais centrais da cidade.

Os elementos apresentados não esgotam as semelhanças

Eles atravessaram as fronteiras

5.5. Negativos: novas fotografias ainda não reveladas

A descrição como bem dita realizava fotografias transitórias dos espaços e circuitos de sociabilidade homossexual. Tanto foram transitórias que durante o desenvolvimento da pesquisa sofreu significativas mudanças.

A região do Bairro dos Jardins que concentrava um volume significativo de bares e boates destinado ao público gay sofreu transformações provocadas por políticas municipais que exigiram o fechamento desses estabelecimentos. As novas regras de zoneamento do município, ou o cumprimento delas impediram que bares e boates funcionassem, sobretudo, após a 1h da manhã.

Com o exercício de uma nova observação dos espaços de sociabilidade gay foi possível perceber que apenas restaurantes e bares com horário de funcionamento reduzido se matem na região da Rua da Consolação Jardins. Ruas que antes eram tomadas por jovens que encenavam suas personalidades diante dos bares agora estão vazias. A possibilidade de uso do espaço público da rua foi anulada. Apenas interações dentro dos estabelecimentos são possíveis. Com isso, um dos lugares de frequência dos jovens homossexuais ainda sem controle de ingressos passou a servir apenas àqueles que dispõem de recursos financeiros para custear os altos valores dos produtos oferecidos pelos estabelecimentos, criando novas fronteiras.

As boates fecharam ou migraram para regiões mais afastadas do Centro onde o acesso por transporte público é dificultado. Aos jovens que não dispõem de automóveis outras barreiras foram colocadas. A paisagem mudou e poderá ter obrigado os jovens homossexuais de classes desfavorecidas a encontrar novas estratégias para que possam se apropriar da cidade.

Ao contrário do que se poderia imaginar, as regiões centrais não esboçaram grande inchaço de jovens. Com a observação da região da Avenida Vieira de Carvalho foi possível perceber que alguns bares foram fechados e o volume de jovens circulando diminuiu. Para onde foram? Quais são as novas fronteiras criadas? Quais são as novas estratégias? Será que a composição de fronteiras que afastam os não desejáveis teve sucesso? Não sei. Apenas foi possível recolher alguns negativos para que futuramente sejam revelados.

Considerações finais

Os discursos sobre a homossexualidade realizaram deslocamentos ao longo da história que colocaram seus representantes em diferentes pilares das interpretações sobre os sujeitos. Tais deslocamentos permitiram que grupos homossexuais se fortalecessem nas arenas de disputas por poder e reconhecimento, contribuindo para emergência do tema da homossexualidade em nossa sociedade. Ao mesmo tempo os discursos de controle religioso, médico e institucional que incidem sobre o tema não experimentaram sua superação. Configuram parte importante nas diretrizes que determinam as fronteiras dos contatos sociais com a reprodução de preconceitos, violências e hierarquias sociais que colocam os sujeitos em patamares de superioridade e inferioridade. Ainda é possível afirmar a consolidação de um discurso econômico sobre a homossexualidade onde o reconhecimento e respeito aos sujeitos se dá pela crença de que os homossexuais são consumidores valorativos e por isso devem ser incorporados a um sistema que tem por princípio a economia monetária das relações. Parte deste discurso econômico é repetida pelos próprios homossexuais que ao buscarem reconhecimento pela chave dos direitos de consumidor reproduzem preconceitos e desigualdades decorrentes de afiliação de classe.

Ainda é possível dizer que o desenvolvimento da modernidade e das grandes cidades, com seus impasses e movimentos, contribuiu para o surgimento de faces públicas da homossexualidade. Nos grandes centros urbanos tais faces receberam volume e contornos mais fortes em territórios onde as expressões de subjetivação e pluralidade de sentidos para a vida cogitavam com novos valores atrelados a diversidade, multiplicidade do espírito urbano e plasticidade do contato social. Na urbe, homossexuais encontraram espaços para constituição de redes de solidariedade e comunidades, transformando a paisagem urbana e criando territórios referencias para a experiência e aparição das homossexualidades. Vale lembrar que em alguns países a criação de guetos e comunidades identitárias de homossexuais ganhou força na corrida por segurança, reconhecimento e consolidação de redes de apoio. Entretanto, muitos destes territórios contribuíram para o fortalecimento de grupos homossexuais que hoje estão reproduzindo desigualdades e intolerâncias frente outros grupos sociais e econômicos, como no caso de São Francisco nos Estados Unidos, onde é possível

verificar a existência de estabelecimentos que promovem constrangimentos aos homossexuais pobres e latinos.

A homossexualidade tem nas grandes cidades seu principal palco de atuação, aparição e apropriação. Nos grandes centros urbanos os espaços de sociabilidade mais tolerantes as expressões da homossexualidade parecem emergir na paisagem com maior vigor, agregando sujeitos que desejam e buscam relações sociais diferentes das praticadas nas instituições tradicionais mais conservadoras. Nestes centros, como referência São Paulo, as regiões centrais abrigam de modo sistêmico os palcos para que as expressões da homossexualidade possam ser experimentadas em sistemas mais permissivos, contribuindo para que homossexuais experimentem outras formas de associação entre si e com o mundo. A aparição da homossexualidade em São Paulo não experimentou a configuração de territórios rigidamente delimitados, entretanto, também não encontrou uma cidade completamente receptiva e tolerante à sua aparição. A percepção da homossexualidade e dos sujeitos homossexuais pode ser verificada e sentida de diferentes formas dado o território em que ela e seus sujeitos se expressam.

Em São Paulo jovens homossexuais que vivem nas periferias da cidade ou em regiões onde a experiência da tolerância ainda não é possível, são obrigados, muitas vezes, a realizarem deslocamentos pela cidade em busca de outros territórios onde possam ser firmadas as relações de sociabilidade e a experiência de uma socialização que contribua para a formação de personalidades e constituição de identidades. Nos deslocamentos que tais jovens realizam, a experiência e a vivência de tensões no interior das relações cotidianas contribuem para a confirmação de novas interpretações sobre a cidade e sobre os arranjos sociais que nela são estabelecidos. Tais interpretações parecem influenciar os desejos dos jovens por modos de vida que os colocam em outros patamares de pertencimento à cidade onde eles possam estar conectados com os códigos sociais compartilhados pelos homossexuais emancipados, ou seja, pertencer a uma classe ou grupo social que exhibe suas posses e se conectam com modelos globalizados de fruição do tempo livre e do consumo de bens materiais. Por outro lado, estes mesmos jovens encontram barreiras para inserção em novos grupos por conta das fronteiras econômicas de aproximação que são estabelecidas pelos homossexuais.

A tentativa de inserção em grupos emancipados e “endinheirados” coloca os jovens homossexuais masculinos de classes menos favorecidas frente à necessidade de forjar personalidades e modos de vida que não correspondem às suas reais condições

financeiras. Assim, quando o jovem pobre consegue forjar temporariamente sua condição a partir de disfarces visuais dados por suas roupas e aparência, ser percebido nos espaços de sociabilidade homossexual como morador de regiões e bairros pobres e/ou violentos gera uma série de acanhamentos. Na medida em que jovens homossexuais de classes desfavorecidas, na busca de espaços mais tolerantes frente a sua sexualidade, são discriminados por sua condição econômica e obrigados a vencer e a transpor os abismos e muros sociais, articulam estratégias de sobrevivência. Porém, a opressão econômica vivenciada nos *perímetros gays* não resulta, necessariamente, numa ação coletiva de mudança e incorporação de novos membros. Assim, o jovem homossexual de camadas populares poderá ser obrigado a mediar os conflitos vividos de forma individual, muitas vezes realizando mobilizações particulares que se conectam com a necessidade de se tornarem sujeitos desejáveis aos outros homossexuais que já experimentaram sua emancipação. Os que conquistam algum respeito dentro dos grupos “endinheirados”, atravessando as fronteiras mesmo que de forma momentânea, acabam reproduzindo os mesmos mecanismos de exclusão de modo a não serem identificados com os grupos de origem.

Além das barreiras econômicas de exclusão e evitação, os jovens homossexuais pobres moradores de regiões mais distantes das áreas centrais da cidade, são obrigados a conviver com a intolerância e violência que emergem no bairro com a descoberta ou desconfiança acerca de sua orientação sexual. Estes jovens não conseguem confirmar redes de apoio nos espaços de origem e acabam assumindo uma vida clandestina a fim de evitar constrangimentos e controles da família.

As fronteiras da sexualidade criadas e impostas no bairro de origem e as fronteiras econômicas estabelecidas nas redes de sociabilidade homossexual colocam os jovens em posições de constantes tensões, nas quais eles são obrigados a realizar mobilizações particulares, contribuindo para a confirmação da individualização do sujeito e das relações sociais.

Bibliografia

- ARIÈS, Philippe. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (org). **Sexualidade Ocidentais**. Lisboa, 1983, p. 74-89
- AUGÉ, Marc. **Não- lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Trad. Lúcia Mucznik, Bertrand Editora, 1994
- BAUMAN, Zygmund. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003
- BAUMAN, Zygmund. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008
- BAUMAN, Zygmunt: **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas, volume 3. São Paulo: Brasiliense, 2000
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio R. (trad. e org.), FERNADES, Florestan (coord.). **Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1985
- BERGER, Peter, BERGER, Brigitte K. H. La pluralizzazione dei mondi della vita. In: SCIOLLA, Loredana. **Identità**: percorsi di analisi in sociologia. Torino. Rosenberg e Sèller, 1983. p. 169-184
- BOURDIEU, Pierre. O espaço social e suas transformações. In: BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cad. Pagu** [online]. 2006, no. 26, p. 329-376
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000
- CANCLINI, Néstor García. Noticias recientes sobre La hibridación In: **Revista tanscultural de música**, 2003 disponível em <<http://www.sibetrans.com/trans/trans7/canclini.htm>>
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 7 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2002
- CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. In: **A Sociedade Contra o Estado**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978
- COSTA, Sérgio. Modelos de espaço público e seus usos no Brasil” In: COSTA, Sérgio **As cores de Ercília** esfera pública, democracia, configurações pós-nacionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002
- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume, 1998

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

EUFRÁSIO, Mario. A temática da sociabilidade na Escola de Chicago. In: LASC – laboratório de análises de sociabilidade contemporânea – FFLCH. **Sociabilidades**. São Paulo, 1996

EUFRÁSIO, MÁRIO. **Estrutura Urbana e Ecologia Humana**. São Paulo, Editora 34, 1999.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; VENTURI, Gustavo. **Sexualidade, cidadania e homofobia**: pesquisa 10ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo – 2006. São Paulo: APOGLBT, 2007

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, 17/18, 2001, p.9-79.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética?. **Lua Nova** [online]. 2007, no. 70, p. 101-138

FRÚGOLI, HEITOR. **Centralidade em São Paulo**. São Paulo, Cortez Editora/Edusp, 2000

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da UNESP, 1993

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

IANNI, Octavio. A sociologia e o mundo moderno. In: **Tempo social**, São Paulo, 1989, p. 7-27

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da Unicamp; Aracaju: Editora UFS, 2007

MACHADO, Frederico Viana e PRADO, Marco Aurélio Máximo. Movimentos homossexuais: a constituição da identidade coletiva entre a economia e a cultura. O caso de dois grupos brasileiros. **Interações**, jun. 2005, vol.10, no. 19, p.35-62

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (org). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005

MAGNANI, J. Guilherme C. As cidades de Tristes Trópicos. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, FFLCH/USP, vol 42. n.1 e 2, 1999

- MAGNANI, J. Guilherme C. e TORRES, LILIAN (org.). **Na Metrópole**: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo, Edusp, 2000
- MAGNANI, J. Guilherme C. **Festa no Pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Hucitec, 1998
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n.2, p. 173-205, 2005.
- MARTINS, José de Souza. **A apari o do demônio na fábrica**: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Ed 34, 2008
- MARTINS, José de Souza. A peleja da vida cotidiana em nosso imaginário onírico. In: MARTINS, José de Souza (org). **(Des)figura es**: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade an mala. São Paulo: Contexto, 2008
- MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. **Cad. Pagu** [online]. 2003, no. 20, p. 7-85
- MELUCCI, Alberto. Movimentos sociais, renova o cultural e o papel do conhecimento - entrevista a Leonardo Vritzer e Timo Lyra. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 40. São Paulo: CEBRAP, 1994, p.152-166
- MELUCCI, Alberto. Sociedade complexa, identidade e a o coletiva. Entrevista a Dalila Pedrini e Adrian Scribano. In: **Cadernos do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Movimentos Sociais na contemporaneidade**. São Paulo: PUC. Serviço Social, n.2, abr. 1997, p.11-63
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v.8, n.2, 2000, p.9-42
- PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2005
- PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana**: enigmas e revela es. São Paulo: Cortez, 2003
- PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investiga o do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fen meno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967
- PARSONS, Talcott. Il ruolo dell' identit  nella teoria generale dell'azione. In: SCIOLLA, Loredana. **Identit **: percorsi di analisi in sociologia. Torino: Rosenberg e Sellier, 1983, p.63-88
- PERLONGHER, Néstor. Territórios marginais. IN: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (org). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005
- POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no ghetto?.In: ARI S, Philippe; B JIN, André (org). **Sexualidade Ocidentais**. Lisboa, 1983
- RANCI RE, Jacques. **O desentendimento**. São Paulo: Editora 34, 1996
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estac o Liberdade, 2005

- SANTAELLA, Lucia. Espaços líquidos da mobilidade. In: SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007
- SANTOS, Daniel Barbosa dos. Homossexualidade, modernidade e tradição grega. **História e Perspectivas**, Uberlândia (35): 99-116, Jul.Dez.2006
- SANTOS, Milton. **Território e sociedade**: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001
- SARTI, Chynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2005
- SCHILLING, Flávia Inês. Cenários da modernidade do século XIX. In: LASC – laboratório de análises de sociabilidade contemporânea – FFLCH. **Sociabilidades**. São Paulo, 1996
- SCHPUN, Monica Raisa (org). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: v. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995
- SILVA, José Fábio Barbosa da. Lembranças passadas a limpo: a homossexualidade masculina em São Paulo. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (org). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005
- SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, O. (org) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967
- SIMÕES, Júlio Assis e FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (org). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005
- SPOSITO, M. P. Estudos Sobre Juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 5/6, n. 5, p. 37-52, 1997.
- TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos PAGU**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.3, 1994, p.29-62
- VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos PAGU**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.3, 1994, p.63-84
- VIANNA, Cláudia. **Os nós do nós**: crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo, São Paulo: Xamã, 1999
- WAIZBORT, Leopoldo. George Simmel: sociabilidade e moderno estilo de vida. In: LASC – laboratório de análises de sociabilidade contemporânea – FFLCH. **Sociabilidades**. São Paulo, 1996
- WIRTH, Louis. O Urbanismo como Modo de Vida. In: VELHO, Otavio Guilherme. (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967
- FOLHA ONLINE. Especial 2005 parada gay, 26/05/2005, disponível em <www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2005/paradagay>
- ISTO É DINHEIRO. O poderoso mercado gay (capa) N.457, 21/06/2006